

ELEIÇÕES 2014 – SUL 21

Por **Paulo Timm** - Especial para www.sul21.com.br

ÍNDICE

Prefácio : Benedito Tadeu Cesar

O pano de fundo de 2014 - A grande crise –

Talento, carisma e beleza na era das aberrações - 2013

Raízes Políticas da A.Latina - 2013

Um novo ciclo? - 2012

Cenário Histórico dos Partidos – PT, PDT, PSDB

A dança dos vampiros -2013

A democracia difícil – 2013

Novos corações e mentes - 2013

Raul Pont, 70 anos : Eis o homem - 2014

Não há crise econômica nos campos riograndenses – maio 2014

O marxismo e o pé de feijão – junho 2014

Legado Histórico – julho, 10-2014

O que preconizam as Pesquisas Eleitorais – julho, 23 2014

A questão econômica na sucessão presidencial – agosto ,09

O Templo “Universal” de Salomão – agosto 2014

O eclipse da razão – setembro 2014

É preciso votar

CAPITALISMO: REFORMA SOCIAL OU REVOLUÇÃO VERDE?

A grave crise econômica que castiga as economias de mercado mais desenvolvidas, dos Estados Unidos à Europa, desde os anos 2007/2008, tem suscitado um intenso debate entre economistas e líderes políticos. Pela sua intensidade e persistência, são cada vez maiores as comparações com a Grande Depressão da década de 30, cujo epílogo foi a deflagração da II Guerra Mundial.

A analogia assusta, não apenas pela duração e pela profundidade da Depressão, mas, sobretudo, pelas consequências. A crise de 30 encerrou um período de internacionalização e de prosperidade mundial. Exacerbou o nacionalismo, o protecionismo e a xenofobia que levou ao fascismo, ao nacional-socialismo nazista e, finalmente, às tensões que desembocaram na Segunda Grande Mundial.

Assim como no início dos anos 30, com o fim da Primeira Guerra a exaustão de um longo ciclo de prosperidade deixou um legado de endividamento público e privado de difícil digestão. Como nos anos 30, temos hoje o esgotamento do padrão monetário estabelecido e uma potência hegemônica em crise, prestes a ser superada por uma nova estrela econômica e militar.

(André Lara Resende – Os limites do possível – VALOR – jan.2012)

Todos se perguntam: O que está acontecendo?

As respostas são variadas, dependendo da inspiração ideológica de quem responde. Ou das combinações heterodoxas de que lançam mão para melhor compreender o complexo processo, vez que os remédios de inspiração keynesiana, que comentaremos a seguir, que orientaram autoridades econômicas há décadas, já não estão funcionando.

Não vou, aqui, reproduzir, os dados da crise. Apenas reiterar o que já é um consenso: Ela será longa, traumática e exigirá correções de rumo na trajetória capitalista. Ela se traduz por uma queda do nível da atividade econômica, medida contemporaneamente pelo PIB, que mede o valor global de todas as remunerações pagas numa dada economia, sejam do trabalho ou da propriedade, com a concomitante baixa nos níveis de emprego, de investimentos e dos impostos recolhidos pelo Governo. No caso da crise atual, não são apenas bancos e empresas que desabam, mas economias nacionais inteiras e seus respectivos Governos, como ocorreu com Islândia e Grécia. Tais crises não são novidade nas economias de

mercado modernas e em suas várias modalidades têm sido analisadas por diversos estudiosos. Há aqui, também, que se ter uma idéia clara em quês modernas economias industriais de mercado se distinguem de outras economias, também de mercado, em outros tempos.

Toda economia é uma prática eminentemente humana que diz respeito à forma como uma dada sociedade responde aos desafios da existência, obedecendo à tecnologia da época, às crenças que movem uma sociedade e às instituições que desenvolve neste processo. Uma das características do nosso tempo é que a economia descolou de sua própria natureza: o dispêndio de uma certa energia social para gerar bens (e serviços) necessários à sobrevivência de uma comunidade. Desde tempos imemoriais a economia foi sempre, pois, a origem e o produto de uma necessidade. Pessoas se juntavam para elevar sua capacidade de enfrentar as adversidades da vida: comer, beber, vestir, abrigar-se em segurança. O capitalismo mudou isso tudo. Vejamos.

As sociedades mais complexas da Antiguidade, mercê de suas diferenciações, deram um grande salto em direção à formação ou apropriação de um excedente além do “necessário, graças às guerras de conquista de territórios, quando populações inteiras eram convertidas em escravos e sujeitas à um mínimo de subsistência. Este excedente era usado para o fortalecimento ainda maior da capacidade agressiva dos antigos Impérios, com o que resultavam mais escravos forçados ao trabalho da produção , com a possibilidade de elevação da quantidade de bens destinados ao comércio ou o enaltecimento da glória dos governantes da época. Mas, naquela época, a economia, mesmo voltada para os mercados, com uma classe que prosperava em torno a ela – comerciantes – não era uma atividade que se gerava a si mesmo. Ela sempre dependia da colonização de novas civilizações com o saqueio de suas riquezas. Este modelo culminou nos mil anos do Império Romano e ruiu porque não foi capaz de equacionar as contradições sociais que suscitava , mergulhando o mundo em outros mil anos de uma rígida economia de subsistência, que foi o medievo O mundo dito moderno foi mudando lentamente esse curso, a partir do século XIII e, depois das Grandes Navegações, consolidou-se como uma Nova Era na Revolução Industrial. Quem melhor definiu a economia e a sociedade deste novo tempo foi Karl Marx, cuja importância pode ser avaliada pelo fato de que suas idéias antagonizam os principais

protagonistas da Modernidade até hoje. Primeiro, no confronto entre União Soviética e o mundo dito Ocidental, sob hegemonia dos Estados Unidos, ao longo da Guerra Fria, do Pós II Guerra até 1991. E, desde então, e cada vez mais num futuro próximo, entre o mesmo mundo Ocidental, sob a mesma hegemonia americana, e a China emergente.

Marx substantivou a Modernidade classificando-a, numa linha evolutiva da história da humanidade que tenderia para o socialismo, como Modo de Produção Capitalista. Seu fundamento seria a produção de mercadorias por meio de mercadorias, na qual o próprio trabalho (abstrato) se converte, ele também, em mercadoria, transformando-se tal atividade no fim último da própria sociedade que o engendra. Já não se trata, aqui, da apropriação pela violência de novas fontes externas para a realimentação da economia, mas da produção de um excedente no próprio processo de trabalho, o qual é apropriado privadamente, gerando o conflito fundamental – capital x trabalho – nestas sociedades. A economia, então, deixa de responder ao dispêndio de energias sociais concretas para o provimento do que ela considera suas necessidades. Caminha sobre um incontrolável processo de acumulação de capital e produção, cada vez maior, de mercadorias. Nem é o mecanismo através do qual os grupos dominantes se utilizam para fortalecer seu poder e sua riqueza, apesar de que isto acabe acontecendo na forma de uma brutal concentração da propriedade e das rendas nas mãos de poucas famílias. Recente estudo demonstrou como 99% da população do mundo é controlada por apenas 1%. As economias de mercado ditas modernas são, pois, círculos viciosos de acumulação pela acumulação, no qual o capital desencarna de seus próprios detentores. Uma irracionalidade, por meio da qual detentores do capital, movidos pelo mero instinto animal da iconografia do poder, hoje articulados a um complexo sistema financeiro que não lhe define a alma, como o torturador não define o arbítrio, investem. E ao fazê-lo, ampliando indefinidamente suas plantas em escala planetária, sempre em busca de critérios de competitividade marcados pela geografia dos custos mínimos – a que dá o nome de eficiência – ampliam seu poder de mercado devorando-se uns aos outros. Repete-se, no mundo moderno, a sublimação da guerra pelo esporte: Não há sangue, há apenas derrotados...É um resultado visível: a elevação sistemática da produtividade do trabalho, em decorrência da energia produzida pela luta concorrencial. Aqui, mais uma vez, foi Marx, o mais feroz inimigo da economia capitalista, quem o melhor percebeu, deixando,

já no Manifesto Comunista, de 1848, antes, portanto, de sua obra “O Capital”, aguda percepção do seu caráter revolucionário. Tivesse ele vivido e teria comprovado sua profecia com o só fato de ver que a população mundial, que havia vegetado durante milênios, sempre capitulando frente as epidemias, às crises agrícola e à miséria, saltar só no século XX de 1,2 bilhão de habitantes para perto de 7 bilhões, levando-a ao salto às estrelas...

Uma tal irracionalidade, na qual o que se produz não responde a qualquer indagação sobre as necessidades coletivas, como critério de suas escolhas – e, portanto, da sua liberdade – , transfere o exercício da liberdade para a suposta soberania do consumidor no mercado. Lá, distante de qualquer referência ou concurso da sociedade, as mercadorias produzidas ex-ante pelo impulso da acumulação dos detentores dos meios de produção (empresários), serão ou não adquiridas. Se o forem, mercê da compatibilidade entre os salários médios da economia e os preços médios dos produtos ofertados, da eficácia da propaganda, dos mecanismos cada vez mais sofisticados de crédito ao consumidor e da ação dos respectivos Estados, tudo se “realiza” dinamicamente e o sistema funciona, mesmo com algumas crises : As empresas geram lucros, fazem novos investimentos de forma a manter ou ampliar suas fatias de mercado, pagam salários e impostos e a economia a que servem se desenvolve, ampliando crescentemente tanto sua envergadura industrial e tecnológica, como a infra-estrutura e a os recursos humanos indispensáveis ao seu funcionamento. Esta, a propósito, a grande diferença entre uma economia dita “desenvolvida” e outra , dita “subdesenvolvida”. As primeiras já passaram por longos períodos de acumulação e crescimento e conseguiram, graças e isto, altos níveis de produtividade e de salários, desde que os trabalhadores, para tanto, se tenham mobilizado. As segundas, padecem do que se denomina círculo vicioso da pobreza, como se dizia em meados do século passado. Como têm um baixo nível de renda percapita, seu mercado é débil e não anima a realização de investimentos produtivos por parte de suas elites, pois estes não conseguiriam “realizar” no mercado suas expectativas de lucro e acumulação. Por isso mesmo, estas elites preferem aplicar seus recursos em setores da economia voltados para o mercado externo, chamados enclaves, onde, então, poderão realizar os esperados lucros, mas sem qualquer irradiação de progresso ao conjunto da sociedade. E seus Governos, tentados pelo populismo, mergulham, muitas vezes, na irresponsabilidade fiscal, gerando inflação e mais sofrimento social. (Ver

Kalecki, M. – Três caminhos para o pleno emprego :
(<http://www.desenvolvimentistas.com.br/desempregozero/2008/03/tres-caminhos-para-o-pleno-emprego/>)

O LIBERALISMO CLÁSSICO

Este esquema muito simples de funcionamento da economia é conhecido desde o século XVIII. Seus primeiros idealizadores, atentos ao que ocorria na Revolução Industrial, perceberam que estavam diante de um novo marco da “História da Riqueza das Nações”, título do livro de Adam Smith (1703-1790) que inaugura o pensamento econômico moderno. Ele acreditava que a nova riqueza já não provinha do saque colonial, nem do comércio. Ela provinha do valor produzido pelos trabalhadores que se agregava às mercadorias. E acreditava que este valor, distribuído entre salários e lucros, se reproduzia continuamente gerando uma nova fonte de riqueza para as nações. Outro economista, Jean Batiste Say (1767-1832), foi mais longe. Afirmou categoricamente, um pouco mais tarde, que esse mecanismo “de mercado” garantia automaticamente que toda a oferta gerasse sua própria procura, ou mais rigorosamente, que toda a procura sempre tem por trás dela uma oferta, independentemente do que fosse produzido. Essa a essência do liberalismo, tanto na sua versão clássica, como neo-clássica, contemporânea sobre o automatismo da mão invisível do mercado na geração do pleno emprego.

SAY, Jean-Baptiste (1767-1832).

Industrial e eco-nomista clássico francês, divulgador da obra de Adam Smith. Elaborou em 1803 a Lei dos Mercados ou Lei de Say, segundo a qual a produção criaria sua própria demanda, impossibilitando uma crise geral de superprodução. Esse conceito de equilíbrio econômico foi a base da teoria econômica neoclássica. Partindo da idéia de que a utilidade é a determinante do valor, Say elaborou ainda a teoria dos três fatores de produção (terra, mão-de-obra e capital). Criou também uma teoria das funções do empresário, introduzindo esse tema na economia política. Professor do Collège de France, suas obras principais fo-ram
Traité d’Economie Politique,
1803 (Tratado de Economia Política) e
Cours Complet d’Economie Politique,

1828-1830 (Curso Completo de Economia Política). Veja também

<http://pt.scribd.com/doc/6965717/Paulo-Sandroni-NOVISSIMO-DICIONARIO-DE-ECONOMIA>

MALTHUS : O ESPECTRO DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

Uma só ressalva obnubilava a crença liberal sobre as primícias da economia industrial de mercado, logo no seu aparecimento: o argumento malthusiano, reabilitado, parcialmente, nas últimas décadas pelos ambientalistas. Thomas Malthus (1766-1834) não acreditava no progresso ilimitado e afirmava que toda prosperidade, com elevação do nível de vida da população, elevaria seu tamanho desproporcionalmente ao progresso, comprometendo-o. Os ambientalistas, contemporaneamente, repetem o argumento malthusiano, daí serem acusados de neo-malthusianos, embora não falem em crescimento desproporcional da população, mas na limitação dos recursos naturais do planeta.

Com o tempo, porém, duas outras críticas se somaram ao liberalismo. Uma, tão radical quanto a de Malthus, mas otimista quanto ao progresso técnico e ao futuro da humanidade, a de Karl Marx, fundador do socialismo moderno, no século XIX; outra, reformista, de John Maynard Keynes, na primeira metade do século XX, que viria a inspirar as correntes reformistas do capitalismo, sob o influxo do New Deal do Presidente Roosevelt na década de 30, nos Estados Unidos, e, no pós-guerra, do pacto social-democrático dos países europeus.

Thomas Robert Malthus (Rookery, perto de Guildford, 14 de fevereiro de 1766 — Bath, 23 de dezembro de 1834) foi um economista britânico. É considerado o pai da demografia por sua teoria para o controle do aumento populacional, conhecida como malthusianismo.^[1]

Filho de um culto e rico proprietário de terras, amigo de Hume e Rousseau, terminou os estudos no Jesus College de Cambridge a partir de 1784, onde obteve um posto em 1793. Tornou-se pastor anglicano em 1797 e, dois anos depois, inicia uma longa viagem de estudos pela Europa. Casou-se em 1804 e, por isto, abandonou o posto de pastor.

Em 1805, foi nomeado professor de história e de economia política em um colégio da Companhia das Índias (o East India Company College), em Haileybury. Expôs suas idéias em dois livros conhecidos como Primeiro ensaio e Segundo ensaio: "Um ensaio sobre o princípio da população na medida em que afeta o melhoramento futuro da sociedade, com notas sobre as especulações de Mr. Godwin, M. Condorcet e outros

escritores" (1798) e "Um ensaio sobre o princípio da população ou uma visão de seus efeitos passados e presentes na felicidade humana, com uma investigação das nossas expectativas quanto à remoção ou mitigação futura dos males que ocasiona." (1803).

Tanto o primeiro ensaio - que apresenta uma crítica ao utopismo - quanto o segundo ensaio - onde há uma vasta elaboração de dados materiais - têm como princípio fundamental a hipótese de que as populações humanas crescem em progressão geométrica. Malthus estudou possibilidades de restringir esse crescimento, pois os meios de subsistência poderiam crescer somente em progressão aritmética. Segundo ele, esse crescimento populacional é limitado pelo aumento da mortalidade e por todas as restrições ao nascimento, decorrentes da miséria e do vício.

Suas obras exerceram influência em vários campos do pensamento e forneceram a chave para as teorias evolucionistas de Darwin e Wallace. Os economistas clássicos como David Ricardo, incorporaram o princípio da população às suas teorias, supondo que a oferta de força de trabalho era inexaurível, sendo limitada apenas pelo fundo de salários.

Para Malthus, assim como para seus discípulos, qualquer melhoria no padrão de vida de grande massa é temporária, pois ela ocasiona um inevitável aumento da população, que acaba impedindo qualquer possibilidade de melhoria. Foi um dos primeiros pesquisadores a tentar analisar dados demográficos e econômicos para justificar sua previsão de incompatibilidade entre o crescimento demográfico e a disponibilidade de recursos. Apesar de ter assumido popularmente que as suas teses deram à Economia a alcunha da ciência lúgubre (dismal science), a frase foi na verdade cunhada pelo historiador Thomas Carlyle em referência a um ensaio contra a escravidão escrito por John Stuart Mill.

Seus dois ensaios estão permeados de conceitos cristãos, não se pode deixar de frisar que cristão de origem protestante como os de mal, salvação e condenação.

Escreveu também: Princípios de economia política (1820) e Definições em economia política (1827).

Em suas obras econômicas, Malthus demonstrou que o nível de atividade em uma economia capitalista depende da demanda efetiva, o que constituía, a seus olhos, uma justificativa para os esbanjamentos praticados pelos ricos. A ideia da importância da demanda efetiva seria depois retomada por Keynes.

Thomas Malthus representa o paradigma de uma visão que ignora ou rebaixa os benefícios da industrialização ou do progresso tecnológico. Ernest Gellner afirma em Pós-modernismo, razão e religião: "Previamente, a Humanidade agrária vivia num mundo Malthusiano no qual a escassez de recursos em geral condenava o homem a apertadas formas sociais autoritárias, à dominação por 'tiranos', 'primos' ou ambos".

(wikipedia)

MARX : REFORMA OU REVOLUÇÃO

Karl Marx (1818-1883) também foi um crítico do liberalismo, mas sua crítica era diferente da de Malthus. Marx era um otimista quanto ao progresso da humanidade e sua salvação, mas não acreditava nos postulados da Economia Política Clássica quando ela se pretendia ser a fórmula adequada para tanto. Marx, como já vimos, via uma descontinuidade entre as decisões de produzir para o mercado e as decisões de compra neste mercado, agudizadas pelo fato de que parte da renda produzida – a mais valia, correspondente ao tempo de trabalho excedente ao trabalho socialmente necessário, equivalente ao custo de subsistência dos trabalhadores – era apropriada pelos patrões. . Marx tem uma obra não apenas vasta, difícil de sintetizar neste espaço, como de conseqüências decisivas até os dias de hoje. Nos momentos de Crise, aliás, seu nome sempre volta à tona como o profeta das mazelas do sistema capitalista. O otimismo marxista não era, porém, um traço da sua personalidade. Era o produto do iluminismo, filosofia dominante na sua época e que teve em Immanuel Kant seu maior intérprete. Para Kant o homem é um sujeito moral consciente, com um de seus pés na razão, o outro na liberdade, capaz de legislar sobre um destino de paz e prosperidade para si mesmo e para a humanidade. Com esta ferramenta Marx faz um esforço inaudito de sintetizar as correntes de pensamento do seu tempo, recolhendo, na sua passagem pela França, os ideais socialistas de uma sociedade justa, bebendo da fonte de J.J. Rousseau e , em sua presença final na Inglaterra, os princípios da nascente Economia Política que explicavam a origem do valor no trabalho da nova classe operária industrial. Ultrapassa Rousseau, ao contestar não as instituições em geral da sociedade, mas principalmente as da sociedade burguesa nascente, notadamente a propriedade, como causa da alienação. E ultrapassa Adam Smith e J.B. Say , mesmo recolhendo do primeiro a teoria do valor e o conceito de mais-valia, evidenciando a incapacidade da economia capitalista em funcionar em equilíbrio indefinidamente. Como resposta a Rousseau substitui o “bom selvagem” pelo proletariado industrial capaz de conduzir a construção de uma nova sociedade, mais justa e igualitária. Como resposta aos liberais, substitui a mão invisível do mercado pelo Estado, capaz de reorganizar o processo de trabalho caótico do capitalismo pela antecipação, como idéia deste processo, no Plano. Os sucessores de Marx dividir-se-iam muito quanto à forma de conduzir a sociedade rumo à utopia socialista. De qualquer forma, é interessante registrar a famosa dialética entre Política e Economia de seus

seguidores. Os que enfatizam as contradições do sistema econômico, seja pelo sub-consumo, seja por outros fatores, são chamados de catastrofistas e, mercê deste pessimismo quanto à sobrevivência do sistema, tendem a ser, inversamente, otimistas, quanto à sua superação, resvalando, não raro, para o que se denomina como voluntarismo ou espontaneísmo. Aqueles que percebem nas contradições do sistema os passos da sua superação, sem as ilusões catastrofistas, encontram nessas passagens os caminhos para as transformações estruturais do capitalismo. Ou seja, o pessimismo quanto à economia alimenta o otimismo quanto à Revolução, enquanto o otimismo quanto à capacidade econômica superar-se dinamicamente, alimenta o Reformismo. Este corte no interior do marxismo tornou-se evidente na primeira metade do Século XX, tornando-se quase imperativo depois da Revolução Soviética, em 1917, a qual consagrou o marxismo revolucionário como a versão exclusiva do marxismo no mundo inteiro, ficando o reformismo condenado por estas correntes à “traição social-democrata.” A década de 60 do século XX, com as tentativas de construir um socialismo de face mais humana na Polônia e Tchecoslováquia, logo reprimidas pela União Soviética, trouxe, novamente um grande debate no seio do marxismo europeu sobre os caminhos do socialismo. A estas alturas já havia não só um manifesto descontentamento com o socialismo real soviético nos meios comunistas, como um entendimento da inviabilidade da substituição perfeita dos mecanismos de preço do mercado na alocação de recursos pelo Plano Central de Economias Estatais. Admitia-se, até, que numa primeira fase da formação de capital em países socialistas atrasados, o Estado pudesse oferecer vantagens, não só do lado da acumulação, como da redistribuição de benefícios, mas tão logo tal fase fosse superada, a ineficiência grassaria. Este argumento, aliás, está por trás da Grande Virada da China rumo à Nova Economia de Mercado nos anos 80. Com o fim da URSS, em 1991, o desmantelamento do já combalido Movimento Comunista Internacional ficou evidente. Os Partidos comunistas remanescentes abandonaram a estratégia da Revolução e dos mitos do fim do capitalismo, convertendo-se à uma prática crescentemente reformista, isto quando não conivente com a mera e simples gestão dos interesses capitalistas, numa etapa francamente monopolística e de conluio com a explosão financeira pós 80.

KEYNES (1883-1946)

John Maynard Keynes, autor da “Teoria Geral” , não teve a originalidade dos clássicos que fundaram a Economia Política, nem a envergadura intelectual de Karl Marx, mas foi o Economista do Século XX, com grande senso prático sobre seus principais agregados de oferta e demanda, sobre o papel do dinheiro, que via com múltiplas funções e não apenas como a de equivalente das trocas e sobre as relações entre juros e o ciclo econômico. Keynes atualizou, no auge da Grande Crise dos Anos 30, a crítica à ortodoxia econômica, já chamada de neo-clássica. Ele apropriou-se do conceito de demanda efetiva, evidenciando-a como a soma dos gastos em Consumo, Investimentos e Gastos Governamentais (C+I+G), que não é , senão, a contrapartida do processo de valorização dos serviços dos fatores produtivos, a saber: Salários + Rendas de Propriedade + Impostos. Mostrou que a crise era apenas o colapso de uma e/ou outra das variáveis da Demanda Efetiva no mercado, derivada de várias razões concorrentes, mas, principalmente, porque a procura pelo dinheiro como reserva de valor ou como precaução contra eventualidades, subtraía-lhe substância. As pessoas não usam o dinheiro ganho apenas para efetuar transações, fazer compras, mas como reserva de valor ou reserva para eventualidades. Daí as lacunas de demanda efetiva que levavam ao desequilíbrio entre oferta e demanda e à crise. Para Keynes, a procura poderia até ser gerada ao longo do processo de produção de mercadorias, mas, não se efetivando como gasto, jamais conduziria à recuperação da economia em crise. Diante disto, Keynes recomendava a manipulação da única variável autônoma da Demanda Efetiva, que eram os Gastos Governamentais, vez que o Governo poderia sempre ampliar seu déficit com obras públicas até o ponto em que a economia se recuperasse, restabelecendo o equilíbrio perdido . Foi tamanha a importância das idéias de Keynes, que ele parecia ter oferecido o remédio definitivo para as crises capitalistas. Rapidamente, o recurso ao déficit público passou a ser indiscriminadamente utilizado por países com menor nível de desenvolvimento, não como mecanismo de recuperação da conjuntura, mas como instrumento de formação de capital, levando, em consequência a históricos processos inflacionários.

As propostas da chamada “revolução keynesiana” foram feitas no momento em que a economia mundial sofria o impacto da Grande Depressão, que se estendeu por toda a década de 30 até o início da Segunda Guerra

Mundial. Suas idéias influenciaram alguns pontos do New Deal, o programa de recuperação econômica de Franklin D. Roosevelt (1933-1939). De fato, sob o estímulo de grandes despesas governamentais, impostas pelo conflito mundial, a crise do desemprego deu lugar à escassez de mão-de-obra na maioria dos países capitalistas. Para a maioria dos economistas, era a comprovação da eficácia das propostas keynesianas. Surgiu a convicção de que o capitalismo poderia ser salvo, desde que os governos soubessem fazer uso de seu poder de cobrar impostos, reduzir juros, contrair empréstimos e gastar dinheiro. Após 1945, a teoria econômica keynesiana converteu-se em ortodoxia, tanto para os economistas quanto para a maioria dos políticos. O keynesianismo lançou raízes principalmente nos Estados Unidos, temerosos de que o regresso dos veteranos de guerra pudesse provocar nova depressão. Em 1946, foi aprovada a Lei do Emprego, que transformou em obrigação legal do governo manter o pleno emprego mediante empréstimos e financiamentos de obras públicas. No período imediatamente posterior à guerra, a política econômica e uma parcela importante dos trabalhos teóricos dos keynesianos centraram-se no problema da manutenção do pleno emprego. Assim, as pesquisas voltavam-se para as flutuações da atividade econômica a curto prazo, para os meios de vencer a depressão e para a tendência à estagnação, manifestada a longo prazo pelo sistema econômico. Os trabalhos mais importantes baseados nas idéias de Keynes surgiram nos Estados Unidos, elaborados por um grupo de jovens economistas liderados por Alvin Hansen, professor em Harvard. Alguns desses trabalhos referem-se ao arcabouço técnico de A Teoria Geral; outros procuram analisar as relações entre os salários reais e nominais, tendo como preocupação o equilíbrio no desemprego, bem como os fatores que contribuem para o esgotamento dos períodos de elevado nível de atividade econômica e o início das depressões. Mas os trabalhos teóricos de maior alcance dos keynesianos prendiam-se às tendências, a longo prazo, da economia capitalista (a chamada teoria do declínio das oportunidades de investimento) e à possibilidade de o nível de atividade econômica ser influenciado ou determinado pelo governo mediante uma política monetária e fiscal.

DA CONTRAOFENSIVA NEO LIBERAL À GRANDE MODERAÇÃO

As primeiras décadas do pós-guerra oscilaram entre políticas de inspiração keynesiana, expansionistas, sustentadas por coligações de inclinação reformista visando à conquista de um Estado de Bem Estar e momentos de retorno ao equilíbrio monetário e fiscal, de inspiração mais conservadora. No início dos anos 80, porém, mas já perceptível na década anterior, começava-se a perceber uma perda de dinamismo nas economias centrais. Pior, à tendência à estagnação somavam-se pressões inflacionárias, limitando o uso das políticas de corte keynesiano, francamente expansionistas. Muitos debitavam isto ao choque do petróleo, que elevou, na década de 70, o preço do barril de US \$ 2,50 para perto de US\$ 30 impondo uma transferência líquida de renda de renda e ativos entre regiões, países e grupos sociais. Foi a década do aparecimento de dois fenômenos importantes: os pobres países ricos, exportadores de petróleo e a súbita formação de um excedente de liquidez nos mercados financeiros, consequência da incapacidade de aplicação produtiva dos “petro-dólares” nos ditos países. Outros, mais conservadores, debitavam o processo aos excessos de “bondade” de um capitalismo providencial inclinado à absorção das reivindicações sociais além da capacidade da economia para suportá-las. De uma forma ou outra, interpôs-se um novo debate entre políticos e economistas no mundo inteiro, abrindo-se, com a grave crise no bloco socialista liderado pela URSS, afinal resolvido com o fim do comunismo oficial em 1991, um período de perplexidades e grave confusão conceitual. Nascia, ali a contraofensiva neoliberal ao keynesianismo, que teve como um de seus principais defensores no Brasil o Economista Roberto Campos, quem num artigo precoce, de 1981, já defendia a insuficiência do instrumental keynesiano para enfrentar os novos desafios do capitalismo:

. A sucessão de fases intervencionistas e libertárias na Europa Ocidental, assim como nos Estados Unidos, caracterizadas pela alternância de partidos sociais-democráticos ou conservadores, conforme predominam preocupações produtivistas ou distributivistas, denotam as cambiantes predominâncias dos elementos constitutivos do tríplice compromisso. A superposição de crises Tendo sobrevivido a inúmeras crises no passado, inclusive o vendaval da Grande Depressão dos anos trinta, há poucas dívidas de que as economias de mercado sobrevivam à presente crise de estagnação. Registrem-se entretanto três complicadores. Primeiro, a adaptação ao choque do petróleo requer ajustamentos de estrutura, e não apenas remédios de conjuntura. Segundo, há uma grande perplexidade doutrinária, pelo desaparecimento de antigas

certezas sobre métodos de gerenciamento global da economia. Terceiro, as sociedades ocidentais, habituadas a um quarto de século de avanço contínuo na renda real, tem percepção mais aguda daquilo que se chama o “índice de desconforto”, medida composta do grau de inflação e do índice de desemprego, aos quais se agrega o novo conceito de deterioração ambiental. Da mesma maneira que os países em desenvolvimento foram sacudidos pela “revolução das expectativas crescentes”, os países industrializados foram atacados pela presunção de “direitos crescentes” (the “Revolution of rising entitlements”). Limitaremos nossa análise à desordem conceitual que se instalou nas teorias econômicas, onde se podem citar quatro controvérsias intensificadas pela teimosa persistência da estagflação: - a controvérsia entre gradualismo e tratamento de choque;

*- o debate entre monetarismo e keynesianismo; - as novas teorias de “administração da oferta” (supply side economics); e - a ressurreição dos ciclos de longo prazo (a teoria da “onda larga” de Kondratieff, economista russo da década dos vinte). A controvérsia do gradualismo versus tratamento de choque tornou-se cada vez menos interessante. O bom senso indica que o tratamento de choque só não transpõe o limite de tolerância política se a inflação é moderada, e se as expectativas não se tornaram cronicamente viciadas, de modo a permitir que o trauma recessivo seja curto. Caso contrário, as sociedades estão condenadas ao gradualismo. O que é importante, como nota o Professor William Fellner, é que seja um “gradualismo a velocidade perceptível”, isto é, suficiente para modificar as expectativas. **A reativação da controvérsia entre monetarismo e keynesianismo foi consequência direta da estagflação.** Por longo tempo no pós-guerra o Keynesianismo ganhou foros de ortodoxia, principalmente no mundo anglo-saxão (no continente europeu a escola austríaca manteve a tradição monetarista). A renitência da inflação e a incapacidade do keynesianismo de debelá-la provocaram uma ressurreição neomonetarista, com experimentos monetaristas ensaiados na Inglaterra e Estados Unidos, encorajados pela evidência de que os países mais bem-sucedidos na luta contra a inflação – Suíça, Alemanha e Japão - foram os que menos se haviam exposto à contaminação keynesiana. A nouvelle vague nos Estados Unidos é a administração da oferta – “supply side economics”. A ênfase sobre a oferta é válida se interpretada como complemento e não como substitutivo da “administração da procura”. A “supply side economics” é, entretanto mais que simples metodologia. Aspira a ser uma filosofia de reabilitação do ethos capitalista, pela liberação das energias do produtor, restauração de incentivos à poupança e produtividade, estímulo à concorrência, redução de interferência governamental, seja assistencial, seja regulatória. (Os exageros da mania ecológica – a “economia” – nos Estados Unidos encareceram e retardaram investimentos). A intratabilidade da atual fase de estagflação ressuscitou velhas teorias sobre ciclos econômicos, que a contínua prosperidade do pós-guerra parecia haver arquivado. Segundo o Professor Walter Rostow, a explosão dos preços de trigo, petróleo e outras matérias-primas em 1972/1973 prenuncia o advento de uma nova onda larga da conjuntura, o quinto ciclo Kondratieff, marcado pela relativa escassez de matérias-primas, especialmente energia. Como é sabido, o economista russo Kondratieff (que segundo Soljenitzn teria morrido num gulag) escrevendo na década de 20, identificara no exame de sérias estatísticas, relativas à Grã-Bretanha, França e Estados Unidos, a existência de ciclos ascendentes e descendentes de produção e preços num espaço de 40 e 50 anos entre 1790 e 1920. Na extrapolação de Rostow, a Grande Depressão dos anos trinta marcaria a fase descendente do terceiro Kondratieff, enquanto o período recente (1972/79) marcaria o começo do ramo ascendente do quinto Kondratieff. Nessa visão, as crises não seriam o canto de cisne do capitalismo e sim episódios de uma evidência*

evolutiva. É interessante anotar os pontos de convergência entre uma interpretação à la Kondratieff e a presente busca de uma teoria de “administração de oferta”. Pois se estamos no limiar de um novo Ciclo Kondratieff, caracterizado pela relativa escassez de produção primária e energia, a política adequada não deveria ser macroeconômica, nem no sentido monetarista de simples administração de procura nem no sentido keynesiano de estímulo global a investimentos, senão que direcionada seletivamente para o aumento da oferta setorial de matérias-primas e energias alternativas. A reorientação seletiva de investimentos, no sentido do rompimento de gargalos, representaria uma conciliação entre a necessidade antiinflacionária de conter a demanda global e a necessidade anti-recessiva de estimular a oferta.

(Roberto Campos O fim sem fim do Capitalismo -Londres 08/12/1981)

Se a crise econômica é, pois, atual, sua imanência já era percebida na década de 70, tendo levado, no ano de 1973 a que o Governo do Presidente Richard Nixon rompesse com a paridade do dólar americano com o ouro, de forma a evitar uma corrida que poderia, já àquela data, comprometer as reservas e a confiabilidade na moeda daquele país. O keynesianismo alimentava a tendência ao excesso de gastos dos Governos, principalmente quando este Governo – Estados Unidos - era uma potência que acumulava funções de liderança econômica com a de guardião do mundo, disseminando por todos os cantos do planeta suas bases militares. O resultado foram as pressões inflacionárias naquele país na década de 70. A partir de então, há uma clara ofensiva liberal em escala planetária com vistas a criar os meios de defesa das empresas líderes do mercado mundial, já predispostas à uma ação em escala global, às vésperas do salto tecnológico da microeletrônica que iria elevar consideravelmente a velocidade, não de circulação das mercadorias, mas das informações sobre os mercados. Este processo culminou no que se denominou “Consenso de Washington”, como uma espécie de contraponto ao keynesianismo, que teve em dois Governos de países centrais, o de Ronald Reagan , período 1981/1989, nos Estados Unidos, e de Margareth Thatcher, na Grã Bretanha, período 1979/1990, dois de seus principais propulsores. Ambos se propunham enfrentar a tendência à estagnação, já manifesta em seus países, através de políticas centradas na [desregulamentação](#) do [setor financeiro](#), na flexibilização do [mercado de trabalho](#) e na [privatização](#) das ineficientes empresas estatais.

O que é o Consenso de Washington?



A expressão Consenso de Washington, chamada também de neoliberalismo, nasceu em 1989, criada pelo economista inglês John Williamson, ex-funcionário do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). Numa conferência do Institute for International Economics (IIE), em Washington, Williamson listou políticas que o governo dos Estados Unidos preconizava para a crise econômica dos países da América Latina.

Por decisão do Congresso norte-americano, as medidas do Consenso de Washington foram adotadas como imposições na negociação das dívidas externas dos países latino-americanos. Acabaram se tornando o modelo do FMI e do Banco Mundial para todo o planeta. De outro lado, movimentos nacionalistas e de esquerda criticam essa política e protestam contra sua aplicação.

O neoliberalismo prega que o funcionamento da economia deve ser entregue às leis de mercado. Segundo seus defensores, a presença estatal na economia inibe o setor privado e freia o desenvolvimento. Algumas de suas características são:

- ↘ Abertura da economia por meio da liberalização financeira e comercial e da eliminação de barreiras aos investimentos estrangeiros;*
- ↘ Amplas privatizações;*
- ↘ Redução de subsídios e gastos sociais por parte dos governos;*
- ↘ Desregulamentação do mercado de trabalho, para permitir novas formas de contratação que reduzam os custos das empresas.*

<http://www.geomundo.com.br/geografia-30145.htm>

O contraponto teórico ao keynesianismo simplório do pós-guerra surgiu do debate acadêmico suscitado pela ameaça da inflação, nos anos 70 e 80. A chamada síntese da Curva de Phillips Expandida, em que o efeito das expectativas de inflação foi incorporado, demonstrava os limites dos gastos públicos como estimuladores da demanda e indutores do crescimento e do emprego. Além da lição keynesiana, do estímulo à demanda para sustentar o crescimento, a formulação de políticas macroeconômicas incorporou a lição monetarista, o uso da taxa de juros para conter os excessos inflacionários. O resultado foi tão positivo que levou à impressão de que nada mais havia a ser entendido em termos de macroeconomia. Tinha-se chegado à síntese teórica que abria o caminho para a "Grande Moderação", uma nova era, sem recessão nem inflação. Nada mais havia a ser compreendido em termos de condução macroeconômica. Até mesmo o estudo da macroeconomia chegou a ser considerado ultrapassado.

Mas, se porventura as intervenções neoliberais trouxeram algum fôlego às economias centrais, no bojo da “Grande Moderação”, que as combinava, inevitavelmente, com a tradição e instituições keynesianas, trouxeram, por outro lado, novos elementos à crise do sistema capitalista, a principal delas o descolamento cada vez maior do setor financeiro da economia real com a alavancagem do crédito ao consumidor e de instrumentos de repasse descontrolado destes financiamentos a instituições sem qualquer respaldo patrimonial. O resultado foi a criação de bolhas financeiras especulativas que começaram a explodir em cadeia, nos Estados Unidos, a partir de 2007 e que tiveram na falência do Lehmon Brothers um marco significativo. Numa primeira fase os preços dos ativos de todos os segmentos envolvidos no financiamento imobiliário vieram abaixo. Aí o Governo americano interveio diretamente injetando recursos, primeiro no sistema financeiro de forma a evitar sua falência generalizada, depois nas próprias empresas atingidas pela crise, socializando seus prejuízos. Então o Governo endividou-se implacavelmente forçando-se a emitir jogando grande parte dessa massa monetária adicional sobre o resto do mundo, numa verdadeira enxurrada de liquidez que acabou levando ao endividamento de vários Governos no mundo inteiro, graças a faculdade que tem o Tesouro americana de emitir para o resto do mundo, sem pressões inflacionárias internas. Aí como diz Mauro Santayana, citando estudo de Michel Rocard , é quando os banqueiros viram gângsters:

Quando banqueiros se tornam gangsteres

por Mauro Santayana

Primeiro ministro da França entre 1988 e 1991, Michel Rocard é homem respeitável em seu país. Ele, e um economista mais moço, Pierre Larrouturou, publicaram, segunda-feira, em Le Monde, artigo baseado em fontes americanas sobre os empréstimos concedidos pelo Tesouro dos Estados Unidos aos bancos, em 2008. De acordo com as denúncias – feitas pela agência de informações econômicas Bloomberg – os juros cobrados pelo FED aos bancos e seguradoras foram de apenas 0,01% ao ano, enquanto os bancos estão emprestando aos Estados europeus em dificuldades a juros de 6% a 9% ao ano – de seiscentas a 900 vezes mais. De acordo com as denúncias da Bloomberg, retomadas por Rocard e Larrouturou, o montante do socorro por Bush e Henry Paulson, seu secretário do Tesouro, aos banqueiros, chegou a um trilhão e

duzentos bilhões de dólares, em operações secretas.

Salvam-se, em parte, desta catástrofe, os países emergentes como China, Brasil, Índia e Rússia graças aos enormes excedentes comerciais que obtêm numa conjuntura altamente inflacionária das commodities, caso dos três últimos, ou da enorme capacidade competitiva de seu segmento industrial, mercê dos baixos preços de sua mão de obra e da clareza de propósitos do seu Governo, caso chinês.

Para entender o impacto do boom das commodities na expansão recente da economia brasileira:

Em 2001, o café estava sendo vendido a US\$ 964 a tonelada; no ano passado, foi a US\$ 4.463. Para 2012, a previsão é de que o preço seja de US\$ 4.600.

A soja, que no ano passado chegou a US\$ 495, era vendida a US\$ 173 em 2001. Em dez anos houve um aumento de 186%.

O Açúcar saiu de US\$ 197 a tonelada para US\$ 573, e este ano o preço previsto é de US\$ 530.

Carne bovina saiu de US\$ 2.006 para US\$ 5.077 em dez anos, e este ano a previsão é ficar em US\$ 5.000.

Minério de ferro deu um salto de US\$ 18 para os US\$ 126 do ano passado.

O Brasil foi muito beneficiado pelo boom de commodities. Isso produziu um salto impressionante nas receitas com esses produtos:

- de café, o Brasil tinha receita de exportação de US\$ 1,2 bilhão e foi para US\$ 8 bi.*
- a soja saiu de US\$ 2,7 bilhões para 16,3 bi entre 2001 e 2011. Para 2012, a previsão da AEB é que não chega a US\$14 bilhões.*
- de açúcar e açúcar refinado, o Brasil vendeu US\$ 2,2 bilhões em 2001, e US\$ 5,8 bi no ano passado.*
- no minério de ferro, deu um salto fenomenal, de US\$ 2,9 bilhões, em 2001, para US\$ 41,8 bi no ano passado, 14 vezes mais.*

Em 2012, a previsão é de US\$ 332,6 bilhões de exportações totais. Nesse período,

houve aumento da quantidade exportada também, porque a demanda cresceu, mas o preço subiu mais rapidamente.

(Por Maurício Dias David - Presidente do CEDES, da UERJ/Centro de Estudos de Estratégias Alternativas de Desenvolvimento/ Núcleo Brasil-China-Índia)

Estamos, assim, diante de uma crise sem precedentes, nas economias capitalistas, derivadas, por um lado pelo esgotamento do instrumental keynesiano voltado à gestão do déficit público como instrumento do Estado de Bem Estar, numa economia fortemente oligopolizada que pratica uma política de administração de preços em escala mundial e, por outro, pela explosão financeira que compromete consumidores, empresas e até nações. É ingenuidade supor que numa conjuntura deste tipo haverá dinheiro público suficiente para tapar todos os buracos. Há muitos anos já um Ministro das Finanças da Grã Bretanha advertia contra tal ilusão. Isto por uma razão muito simples: A acumulação financeira é fictícia, não tem contrapartida real, onde a verdadeira economia acontece e sobre a qual incidem os impostos que definem a capacidade financeira dos Estados. A tentativa, já feita no Brasil e agora levada à cabo por Sarkozy, na França, de impor um Imposto sobre Transações Financeiras, além da forte oposição dos principais interessados, que manipulam a classe média em sua defesa, tem uma incidência tão pequena que não será capaz de mudar o perfil das finanças públicas. Isso posto, restará o velho receituário monetarista do corte de despesas públicas, com o comprometimento do Pacto Social vigorante desde o fim da II Guerra. Curiosamente, tantos anos depois da Grande Crise de 30 o grande debate econômico volta ao mesmo leito no qual conservadores propõem o retorno à ortodoxia monetária e os progressistas a denunciam afirmando que ela não será capaz de retomar o progresso, o qual depende cada vez mais de políticas fiscais reativadoras do emprego. Ambos, entretanto, recusam-se a admitir, como se recusaram no passado recente, a convivência com uma economia estacionária, como o Japão, aliás, está fazendo, através da qual se efetivem mudanças tecnológicas decisivas, não só para a sobrevivência do capitalismo, como da própria vida no planeta. Uma coisa, porém, é certa: o keynesianismo plástico sobre a demanda efetiva reprimida, num contexto de forte endividamento público, é tão temerário para a retomada do crescimento

com equilíbrio de preços, quanto a ortodoxia conservadora em curso na Europa.

OS NOVOS LIMITES AO CRESCIMENTO

A atenção aos recursos naturais e ao tamanho da população não é nova. Há muito tempo naturalistas, conservacionista e neomalthusianos afirmam que os modelos econômicos baseados na disponibilidade ilimitada do meio ambiente são errados. O planeta, enfim, é finito, as ambições humanas, infinitas. E estaríamos chegando ao fim da linha. Mas quando saiu o Relatório do Clube de Roma, em 1972, sob a coordenação de Dana Meadows, venderam-se rapidamente mais de 30 milhões de exemplares em 30 idiomas, dando uma idéia do amadurecimento da questão ambiental já àquela época. Ele era o resultado de um conjunto de reflexões pouco precisas mas pertinentes de profissionais de várias áreas sobre [energia](#), [poluição](#), [saneamento](#), [saúde](#), [ambiente](#), [tecnologia](#) e [crescimento populacional](#) (wiki). De lá para cá o alerta ambiental ganhou curso, culminando na Rio 92, quando líderes do mundo inteiro se reuniram, sob os auspícios da ONU e reconheceram a necessidade de compatibilizar o crescimento econômico com as disponibilidades ambientais nos marcos do desenvolvimento sustentável. O termo até aí usado de desenvolvimento auto-sustentado, com base apenas em considerações sobre Consumo e Investimento dava lugar à sustentabilidade deste processo levando em consideração seus insumos naturais. Mais recentemente, outro estudo destaca a importância do Relatório Meadows, evidenciando seus acertos:

Uma avaliação, feita em 2008 por Graham Turner, "A Comparison of The Limits to Growth with Thirty Years of Reality", mostra que as conclusões do relatório foram impressionantemente precisas, tanto em termos conceituais como quantitativos. A supressão dos preços não fez diferença, pois o uso do ecossistema não é precificável sem o arcabouço institucional adequado. Trata-se de mais um caso de "falha de mercados". Apenas mais dramático. O caso dos "bens públicos" - bens para os quais

não há custo para o consumo individual, mas há um custo coletivo - é o exemplo clássico da falha de mercados.

(Andre Lara Resende, cit)

Até agora, economistas de todas as tendências, contemporizam diante destes novos limites estruturais ao desenvolvimento. Os conservadores ortodoxos desdenham das conclusões apresentando, a cada denúncia científica, outro relatório, também científico, relativizando o efeito da ação humana na degradação ambiental. Os reformistas, tanto de inspiração keynesiana, como de formação marxista, admitem os limites, mas continuam priorizando as conquistas econômicas, com um argumento razoável: Como limitar o crescimento em países com baixos níveis de renda e consumo quando estes níveis ainda estão muito abaixo dos níveis dos países centrais? Grande parte da esquerda no mundo inteiro, aliás, continua empenhada no princípio dogmático da luta de classes como superior a qualquer outro conflito na sociedade de classes. A China, até pouco tempo atrás, recusava-se a admitir limitações ambientais. Hoje, sem descuidar do crescimento industrial, já começa a fazer grandes investimentos na sustentabilidade.

Paradoxalmente, no exato momento em que a crise econômica força os países centrais à revisão de suas políticas, mais a questão da sustentabilidade, que poderia oferecer uma saída a esta crise, mediante uma mudança nos perfis de produção, consumo e tecnologia, sai da agenda. Não obstante, tanto o Fórum Econômico reunido em Davos, como o Fórum Social reunido em Porto Alegre, em janeiro de 2012, nestes últimos dias, concluem que o modelo atual de desenvolvimento está esgotado e que há a necessidade reinventá-lo.

Resta aos verdes, nesse contexto, insistir no discurso do tripé da sustentabilidade: eficiência econômica, valores e respeito aos limites naturais do planeta. Falta-lhes, entretanto, um instrumento de ação capaz de implementar tal projeto. Uma política que interessa a todos, acaba não interessando a ninguém. Particularmente nas sociedades contemporâneas, com grandes concentrações urbanas indiferenciadas no complexo terciário, as singularidades se agrupam em torno de pequenas tribos, cada uma delas engalfinhada na conquista de seus próprios espaços e articuladas às redes sociais. Enquanto isto, os instrumentos corporativos de defesa econômica,

como sindicatos, persistem na defesa de conquistas já consolidadas, distanciando-se de qualquer conjectura de luta pelo coletivo. Não por acaso, portanto, as grandes mobilizações atuais têm caráter quase espontâneo e pouca densidade ideológica, de liderança e de direção, como a Primavera Árabe e os *Ocuppy*.

Um conhecido ativista, porém, acha que, à falta de políticas concretas de retomada do crescimento a recessão será tão dolorosa e tão prolongada que, afinal, engendrará as forças da mudança: Paul Gilding, que acaba de publicar seu livro “The Great Disruption”, citado por Lara Resende:

Gilding é hoje professor do Programa para a Sustentabilidade da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Tem um longo histórico, a vida toda dedicada ao tema. Foi chefe do Greenpeace Internacional, empresário de sucesso e consultor, tanto de pequenas comunidades, como de grandes empresas internacionais. Seu ponto de partida é o fato de que já passamos dos limites físicos do planeta.
(...) Se o remédio do crescimento não estiver mais disponível, é imperativo abrir novos horizontes.

Gilding argumenta que passamos do limite físico do planeta. As evidências são hoje um consenso na comunidade científica. Apesar da vida de ativista, Gilding é a antítese do radical rancoroso. Seu livro faz a melhor exposição organizada, inteligente e ponderada, da evolução das pesquisas, da consciência ecológica e do estágio a que chegamos. Qualidades que em nada aliviam o impacto depressivo do tema. Gilding é, contudo, surpreendentemente otimista na capacidade de adaptação e de superação da humanidade. Não antes de enfrentar uma crise sem precedentes.

Estaríamos, pois, não apenas num momento de crise do Capitalismo, mas da Civilização, próxima daquele instante em que um mero bater de asas de um pássaro em algum lugar do planeta, como o atentado em Sarajevo que deflagrou a I Guerra Mundial, será capaz de provocar um tal turbilhão que nem os deuses conseguirão administrar, muito menos os homens...

COLUNA DO TIMM

TALENTO, CARISMA, BELEZA NA ERA DAS ABERRAÇÕES

"O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o ‘fetichismo da mercadoria’

(felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa – diz Debord – são apenas ‘a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores’.

G.Debord – Sociedade do Espetáculo

As quatro décadas do Pós-Guerra, apesar da Guerra Fria e tirando a Revolução Chinesa vitoriosa em 1949 e os conflitos no sudeste asiático (isto ficava no outro lado da lua...), pareciam prometer um mar de rosas para a humanidade. As principais economias do mundo cresciam satisfatoriamente, junto com algumas periféricas como Brasil, Canadá e Austrália. O fantasma da revolução social e política parecia congelado pelo Pacto Social-Democrata que redistribuía polpudos dividendos às classes trabalhadoras. O Estado de Bem Estar na Europa e o Welfare nos States, consagravam a Pax Americana. Eram tempos augustos, numa referência ao período em que o Imperador Augusto, depois de Cesar, subiu ao trono. I. Meszaros, um dos mais renomados marxistas contemporâneos, assinala, citando o próprio Sartre em recente conferência no Brasil no II Encontro de São Lázaro, na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 2012:

É necessário enfatizar aqui que, por quase três décadas depois da segunda guerra mundial, a expansão econômica bem sucedida nos países capitalistas dominantes geraram a ilusão, até mesmo entre alguns intelectuais importantes de esquerda, de que a fase histórica de “capitalismo em crise” tinha sido superada, dando lugar para o que eles chamaram de “capitalismo organizado avançado”. Quero ilustrar este problema citando algumas passagens do

trabalho de um dos maiores intelectuais militantes do século vinte, Jean-Paul Sartre, por quem, pelo que vocês bem sabem pelo meu livro sobre Sartre, tenho a mais elevada consideração. Entretanto, o fato é que a adoção da noção de que, superando o “capitalismo em crise” e convertendo-se em “capitalismo avançado”, a ordem estabelecida criou grandes dilemas para Sartre. Isso é ainda mais significativo porque ninguém pode negar a busca inteiramente comprometida de Sartre por uma solução emancipatória viável, nem sua grande integridade pessoal. Em relação ao nosso problema, temos que recordar que, na importante entrevista dada ao grupo Manifesto Italiano – depois de esboçar sua concepção das implicações insuperavelmente negativas de sua própria categoria explicativa da institucionalização inevitavelmente prejudicial do que ele chamava o “grupo em fusão”, em sua Crítica da Razão Dialética –, ele teve de chegar à penosa conclusão de que: “Enquanto reconheço a necessidade de uma organização, devo confessar que não vejo como os problemas que confrontam qualquer estrutura estabilizada possam ser resolvidos” (Entrevista publicada em The Socialist Register, 1970, p. 245)

(I.Meszaros – Crise Estrutural e Necessidade de Mudança Estrutural-2012).

Verdade que o mundo inteiro seria sacudido pela onda libertária de 1968, mas ela, além da curta duração, de sua natureza eminentemente libertária e não social, de sua composição sociológica difusa, foi imediatamente assimilada pelo sistema como um marco para o aprofundamento do individualismo e não de outros regimes políticos. No fundo deste sereno e luzidio lago hollywoodiano, agitavam-se as águas. E delas, como se ninguém se desse conta, emergiu nos anos 80 um outro mundo: O mundo dos artefatos, em substituição à sociedade de meros objetos, na qual o próprio homem, embora reificado como vendedor de força de trabalho sob o capital, estava unificado nesta condição como sujeito capaz e portador natural de direitos

igualitários ("Século dos Direitos" - N.Bobbio). O sociólogo Laymert Garcia dos Santos, doutor pela Oxford University e professor titular da Unicamp tem nos brindado com vários artigos e um brilhante livro sobre este processo, tendo, recentemente comparecido ao Programa "Invenção do Contemporâneo" na TV Cultura, no qual apresentou seu olhar nesta além-modernidade.

<http://www.cpfcultura.com.br/2009/08/04/integra-modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>

No mundo dos artefatos tudo mudou e ainda estamos tentando entender do que se trata esse novo tempo. Qual sua tecnologia, qual seu falar, qual sua razão de ser? Mal conseguimos. Mas ele é visível numa simples observação de um sobrevivente do furacão Catrina em New Orleans, quando disse: - "Lá estávamos nós, náufragos, com fome, sede e total insegurança, em cima de alguns telhados, no centro do maior império econômico do mundo, abandonados, durante dias. É como se o Governo pensasse assim: Eles fizeram essa escolha. Agora nadem. Ou morram...". ("Heist – Quem roubou o sonho" – Doc) . Talvez aí esteja a síntese do nossa Era: o cinismo. Mas não o cinismo literário, construído como defesa pelo romântico desiludido, que tal como o poeta de Fernando Pessoa, finge sentir que não é dor a dor que sente profundamente. Agora a impressão é que ninguém sente mesmo nada, a não ser com altas doses mortíferas de drogas ou felizes espectadores de grandes shows. Não se trata do fim do romance, mas de sua inexistência em qualquer tempo. A palavra de ordem é : SALVE-SE QUEM PUDER! Coisa que faria corar até o iconoclasta Oscar Wilde, quem, zombando dos entusiastas do *fin du siècle* (XIX), dizia que , ao contrário do que pensavam, "o mundo caminhava inexoravelmente para o individualismo". Não caminhou, ultrapassou...

Não vou, hoje, completar essa impressão com os dados sobre a eleição de Reagan nos Estados Unidos e E. Thatcher, na Inglaterra, como marcos políticos do Consenso de Washington que varreria o mundo numa tormenta neoliberal que engoliria até o Marxismo Soviético e Chinês e seus corolários espalhados pelo mundo inteiro -os Partidos Comunistas - , levando de roldão o trabalhismo inglês, grande parte da social-democracia européia, e até segmentos importantes da esquerda creolla como peronistas de Menem na Argentina e o tucanato recém criado no Brasil. Nem com as valiosas informações de Layert no campo da ciência que produziu as condições técnicas da Era das Aberrações. Não é esse meu propósito, hoje.

Quero falar, neste contexto, na venda do Neymar para o Barça, da Espanha. E de como alguns ídolos do futebol e outros esportes, das artes e até da Política, se transformam em novos milionários. Não só muito ricos, mas verdadeiros heróis, enaltecidos pelo públicos do mundo inteiro:

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais decorrência de personagens heróicas.

(Arthur da Távola – O carisma e o estrelado – acima em Notícias em Destaque)

Vejamos Neymar:

Uma empresa brasileira de consultoria o situa como o sexto mais publicitável do mundo. Dia até que o craque do Santos foi vendido numa baixa, 'barato', ao ser avaliado em R\$ 122 milhões, indo para a Europa ganhar 7 milhões de euros por ano, quase R\$ 2 milhões por mês. Messi, aliás, outro craque do futebol, chega a R\$ 244 milhões e é o mais valioso de todos.

Neymar é o sexto jogador mais valioso do futebol mundial, avaliado em € 50 milhões (R\$ 122 milhões). Esta é a conclusão de um estudo de marketing feito pela empresa brasileira Pluri Consultoria, que levantou números e valores dos 60 principais mercados da bola. Porém, levando em conta a idade do craque (19 anos), ele está "barato".

O craque do Santos só ficou atrás de Lionel Messi (€ 100 milhões, ou R\$ 244 milhões), Cristiano Ronaldo (€ 90 milhões, ou R\$ 219 milhões), Andrés Iniesta (€ 65 milhões, ou R\$ 158 milhões), Cesc Fàbregas e Wayne Rooney (€ 55 milhões, ou R\$ 144 milhões). A empresa diz ter usado como fontes seu próprio levantamento, a "imprensa especializada" e o site "Transfermarkt".

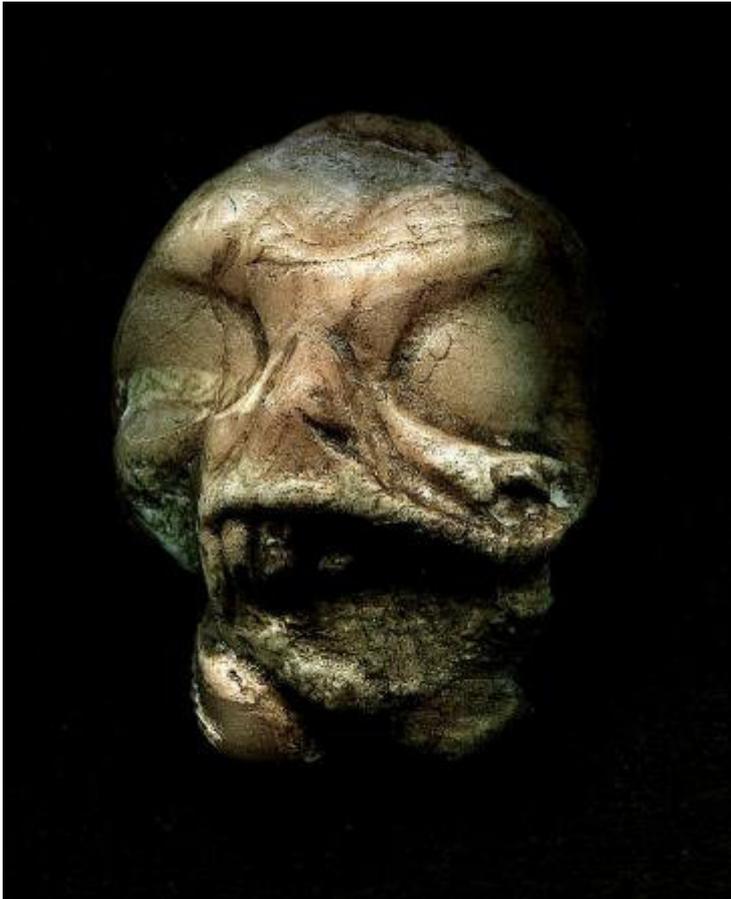
- A combinação de crescimento econômico, gestão profissional e melhoria do marco regulatório do futebol permitirá que, no futuro, jogadores de ponta do futebol mundial tenham o mercado brasileiro como possibilidade concreta de atuação. Nesse cenário chegaremos num estágio em que veremos times brasileiros contando com jogadores como Wayne Rooney e Iniesta ao lado de Neymar e Kaká. E viajaremos pela Europa vendo meninos vestindo camisas de times brasileiros. Aposto que esse é o futuro - escreveu o economista Fernando Pinto Ferreira, responsável pelo relatório "Painel Pluri Futebol 2011".

(Por wilson yoshio.blogspot - Do Globoesporte.com)

Os milionários passes e contratos, como se pode ver, se estendem a vários jogadores de futebol e alcançam diversos esportes. É bem conhecido, também, o sucesso do excêntrico jogador de golf, Tiger Woods. Tiger Woods é um dos melhores jogadores de golfe de todos os tempos. Venceu quase cem competições oficiais. Ao todo, já ficou por 623 semanas em número um do ranking mundial, quase 300 semanas a mais que o segundo. Isto lhe trouxe fama, muito dinheiro e cerca de 120 amantes ... Para se ter uma idéia de sua fortuna, só divórcio lhe custou 750 milhões de dólares...Outro herói...

Mas a lista se segue com outros ídolos, no campo das artes.

Conta-se que nunca houve, por exemplo, um artista plástico tão rico como Damien Hirst, apesar de muitos considerarem suas obras como verdadeiro lixo vendido a preço de ouro. É simplesmente inacreditável que isto ocorra não só com ele, mas que peças autênticas, de pintores consagrados cheguem aos milhões. Ele próprio afirma no título de uma de suas obras “Quase normal”, marcada por aberrações horrendas, tal como tem feito ao alterar os originais de outros quadros famosos.



"Quase normal": aberrações físicas a preço de ouro (Divulgação)

Hirst promove suas exposições como se fosse um ator de cinema. Os jornalistas são convidados para coletivas em grupos de três que duram apenas vinte minutos. Como uma prima-dona, ele parece farto do monótono assédio da mídia. Acomodado num sofá de couro em um enorme salão vazio no sétimo andar da Tate, ele olha diretamente nos olhos ao apertar a mão de cada jornalista, sempre transbordando autoconfiança. É claro que lhe importa pouco o que pensam dele. Está acostumado a ser elevado ao céu ou atirado aos quintos dos infernos.

Como um artista acusado pela crítica de não saber pintar, cujas obras podem ser substituídas por cópias caso o original se deteriore, se tornou um homem tão rico? “Não sei, talvez porque eu tenha sorte. Não sei como responder a essa pergunta. Com

certeza porque as pessoas gastam os tubos comprando meus trabalhos. Acho que a pergunta não é porque sou tão rico, mas se mereço ser tão rico”

http://www.domtotal.com/noticia_marcos/detalhes.php?matId=41

Mas não são apenas os pintores os agraciados pela fortuna nestes tempos de artefatos, arrogância e valorização de aberrações. Os cantores ganham tanto que já comparecem na Revista Forbes, especializada neste tipo de ranking de riqueza no mundo:

Saiba quais são os 10 cantores mais ricos da atualidade!



Não é fácil ser um cantor de sucesso. Muitos nadam, nadam, porém, morrem na areia. Beyoncé é um exemplo a ser seguido, já que a cantora começou com 9 anos, com as Girls Tyme, que evoluiu para Destiny's Child e, mais tarde, se lançaria no solo e conseguiria muitos prêmios, e conseqüentemente, muito dinheiro. O site MadeMan listou os 10 cantores mais ricos do mundo, baseado em dados da revista Forbes e dos jornais New York Times e Sunday Times. Knowles e seu marido, o rapper Jay-Z, fazem parte da lista, confira:

Em 2007, a Forbes informou que Jay-Z tinha uma fortuna avaliada em U\$150 milhões. Desde então, ele vendeu a Rocawear por 204 milhões e fechou um contrato com a Live Nation, por mais 150 milhões. Isso tudo se soma em 504 milhões de dólares, não contando com os números de contratos com a Budweiser, Armadale Vodka e seu último álbum, "Blueprint 3".

Princesa do pop e rainha de Jay-Z, Beyoncé tem uma fortuna estimada em U\$315 milhões. Entre seus discos solo e os das Destiny's Child, Knowles já vendeu mais de 100 milhões de cópias; estrelou em campanhas publicitárias de gigantes, como a Pepsi, e é recordista de prêmios Grammy® dados à uma cantora, com 16 no total. Além de estrelar em filmes de sucesso, como "DreamGirls". Com 28 anos de idade, a cantora é a mais nova a fazer parte da lista.

Paul McCartney

Jay-Z

Madonna

David Bowie

Sean Combs (P. Diddy)

Beyoncé

Mick Jagger

Elton John

Céline Dion

Mariah Carey

Fonte: MadeMan.com

Leia mais: <http://www.bemestaroufino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-Atualidade/>

As listas e exemplos poderiam se alongar. Por pudor não vou postar a lista dos Pastores mais ricos. Um escândalo! Mas meu propósito, até aqui, é apenas elencá-los, não com o sentido amaldiçoar seus ricos beneficiários por esta dádiva, a qual recolheu muitos das mazelas da pobreza para até tonteá-los com o botim da fama, que dificilmente administrarão adequadamente. A questão é: Como é possível que isto ocorra, quando há poucos anos artistas mal ganhavam a vida nos circos ou nas ruas e quando desportistas dificilmente conseguiam se profissionalizar? A resposta está na virada dos anos 80 que produziu simultaneamente artefatos e ídolos cada vez mais expostos numa sociedade de grandes espetáculos, estes, em grande parte, também produzidos.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um "self" extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma,

marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo

(Arthur da Tavola, citado acima).

Não que Neymar, Paul M Cartney ou o citado Damien Hirst não tenham talento e que, por este dom, distingam-se e se valorizem pela raridade na espécie humana. Mas o talento de cada um deles está inserido no contexto de uma sociedade de aberrações, cuja maior aberração é exatamente dispor de condições tecnológicas para alimentar a humanidade toda, das condições patrimoniais para manter todo mundo num emprego digno e o mundo em paz e não o faz. Um bilhão morre de fome; 26 milhões estão desempregados na Europa e quase 40 voltaram à pobreza nos Estados Unidos; e as guerras regionalizadas, às quais se somam os atos de violência nas grandes metrópoles continua matando. A concentração de negócios em alguns poucos países, em algumas poucas mãos que, segundo a insuspeita Presidente do FMI mal chega a 0,35% da população do mundo, em alguns poucos bancos que concentram trilhões de dólares em Paraísos Fiscais é simplesmente inconcebível. Mas é ela que propicia o mercado no qual se gestam estas novas fortunas nas áreas do esporte, das artes e até das Igrejas. O talento de cada um deles sequer pode ser qualificado de excepcional, tarefa que só o tempo poderá ratificar. Mais das vezes, como nos ensinava Arthur da Távola, o estrelato está hoje impregnado de manipulações mercadológicas e financeiras:

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre- um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima, adiante e além da média.

(Arthur da Távola, citado acima)

É exatamente este processo de manipulação contemporânea das grandes virtudes como talento, beleza, inteligência e carisma que pode nos conduzir a uma banalização da cultura, tal como estamos vivendo a banalização da Política. Já não vemos grandes estadistas, em qualquer parte do mundo, preocupados, como dizia Churchill, com a próxima geração. Apenas candidatos que controlam máquinas partidárias putrefatas e extemporâneas que se sucedem nos cargos em decorrência de campanhas bem feitas por marketeiros ultra-especializados. Marx advertiu para a dominação capitalista como execrável, mas foi Weber quem melhor percebeu essa tendência à uma racionalização da vida contemporânea que leva a que tudo desemboque no artefato: aquilo que é produzido. Assim, entre o impulso natural do passado e o espectro do manipulado ficamos nós, à espera de um futuro amedrontador que já chegou provocando não só imensas disparidades de propriedade e renda no mundo, mas agora, também, na própria espécie humana. Daqui a pouco nem poderemos mais argüir em defesa de Direitos Humanos, pois alguém arguirá: *Qual deles...? Somos geneticamente diferentes...*

RAÍZES DA AMERICA LATINA

Paulo Timm – Publicado WWW.sul21.com.br

I

A morte do Presidente Hugo Chavez, faltando cinco minutos para as seis de tarde do dia 05 de março de 2013 impõe uma reflexão além do caráter de seu Governo e da própria Venezuela, mas das divisões políticas na América Latina.

América Latina era- e continua sendo- uma vaga expressão, sem definição legal ou estatutária, quase um estado de espírito.

A expressão América Latina foi utilizado pela primeira vez em 1856 pelo filósofo chileno Francisco Bilbao^[10] e, no mesmo ano, pelo escritor colombiano José María Torres Caicedo,^[11] e aproveitada pelo imperador francês Napoleão III durante sua invasão francesa no México como forma de incluir a França — e excluir os anglo-saxões — entre os países com influência na América, citando também a Indochina como área de expansão da França na segunda metade do século XIX.^[12] Deve-se também observar que na mesma época foi criado o conceito de Europa Latina, que englobaria as regiões de predomínio de línguas românicas.^[13] Pesquisas sobre a expressão conduzem a Michel Chevalier, que mencionou o termo América Latina em 1836, durante missão diplomática feita aos Estados Unidos e ao México.^[14]

Ao final da Segunda Guerra Mundial, a criação da CEPAL, órgão das NAÇÕES UNIDAS para a América Latina, consolidou o uso da expressão como sinônimo dos países menos desenvolvidos dos continentes americanos, e tem, em consequência, um significado mais próximo da economia e dos assuntos sociais.^[15]

Éramos , e somos, pois, um só continente, vagamente identificado como América Latina, mas no qual pululam, até nossos dias, situações geográficas, históricas e culturais muito distintas.

A primeira grande diferença vem da era pré-colombiana.

Há uma América Latina herdeira das grandes civilizações maia, asteca e inca, tidas como dentre as mais significativas na História da Humanidade, que se estendia ao longo da Cordilheira dos Andes até a Meseta Mexicana, enraizada em grandes contingentes indígenas. Eles foram conquistadas pela Espanha, que lhes impôs um jugo brutal, mas jamais desapareceram em vestígios. Eram mais de dez milhões de pessoas contra um punhado de administradores. Perderam a batalha da conquista, mas mantiveram a tensão do encontro entre civilizações.

E há América Latina implantada pelas potências coloniais, Portugal e Espanha, sobre áreas menos povoadas e mais pobres, as quais também se diferenciariam muito, tanto pela matriz das instituições coloniais de cada um destes países, como pelo processo de ocupação.

A portuguesa, no Brasil, operou numa vastidão territorial sobre a qual sobrepujou a presença indígena pelo tráfico negroiro. Um terço, aproximadamente, da população do Brasil na época da Independência, quando éramos pouco mais de 3 milhões de almas, se constituíam de escravos negros e índios:

O número de índios (os que foram contados) e africanos eram muito próximos, cerca de um milhão. Índios eram nativos da terra, estavam mais misturados aos portugueses depois de três séculos, produziam alimentos e eram vaqueiros. Africanos eram estrangeiros, mais restritos às culturas de exportação e às zonas de exploração de ouro e diamantes. O pardo português tinha tríplice origem: o índio, o negro e o árabe.

Ceci Juruá – Economista, RJ - Observação pessoal

A hispânica, não tão vasta, ocorreu sobre as extremidades- platina e andina- do Reino Inca, vindo a formar o Chile, a Argentina e o Uruguai. E tal é a diferença entre as áreas hispânicas com forte ou mais fraca presença indígena anterior à Colombo que Evo Morales, Presidente da Bolívia, orgulha-se de sua ascendência indígena, enquanto Pepe Mojica, Presidente do Uruguai, disse em recente entrevista: “Estou farto de ser gaúcho, quero ser uruguaio...”

De qualquer forma, a América Hispânica, malgrado suas diferenças, é essencialmente diferente de América Lusitana. E não por causa do idioma, que até as une, mas pela evolução que cada uma viria a ter a partir do descobrimento. A primeira, objeto de conquista militar; a segunda, mera ocupação. A hispânica literalmente saqueada em suas riquezas minerais; o Brasil, objeto de montagem de um empreendimento colonial. Quando se quebra o Pacto Colonial, nas Guerras Napoleônicas, que levariam suas tropas à ocupação das metrópoles da América Latina na Península Ibérica, deixando-as à deriva, instaura-se um processo também muito diferente entre as colônias espanholas e portuguesas. A hispânica passará por um processo de independência mais tortuoso do que o do Brasil, onde houve uma simples transferência de Poder, negociada no interior da própria casa de Bragança. Mas os *hermanos* a viveram e a sonharam com mais intensidade, sob a forma republicana, embora com grandes conflitos internos, nos quais desponta, de um lado a figura de Simón Bolívar, como o Libertador, sonhador de uma só pátria latinoamericana e seus pares, como San Martín, Ponce e mais tarde Sarmiento, francamente afiliados à idéia da europeização do continente.

“ Bolívar fue el primero en liberar los esclavos de su familia, aun antes de prometérselo a Petión líder de la República de Haití que costeara parte de los gastos del ejército de Bolívar., sino en el sentido de que al tiempo que Bolívar iba destruyendo el orden virreynal, iba creando las condiciones para la liberación de las potencialidades de esa burguesía que reclamaba su lugar en la historia. Los Libertadores no solo se enfrentaron a los absolutistas, sino que también enfrentaron a esa pequeña burguesía liberal librecambista (a la cual pertenecían, en el caso de nuestro país, los próceres de Ponce: los Rivadavia, los Mitre, los Sarmiento) que estaban comprometidos con el librecomercio inglés, en desmedro del incipiente capitalismo americano y que fieles a él hasta las últimas consecuencias, le dieron la espalda al Congreso Anfictiónico de 1826, sumieron a la América toda, en la guerra civil, desmembraron la unidad político-cultural que constituía la “América antes española”, en una multitud de pequeños estados, que fueron pasto fácil del imperialismo anglosajón, primero y del estadounidense después.”

A verdade é que nossas elites continuavam formando-se intelectualmente na Europa, mas pouco sensíveis às questões lá suscitadas pela industrialização nascente. Sua grande bandeira de luta comum era contra o absolutismo, (sequer quanto à forma republicana ou monárquica, que viesse a assumir, desde que Constitucional) e sua grande divisão era quanto aos caminhos da soberania e do progresso. Uns, mais ousados, já procuravam um caminho autóctone para seus países; outros viam na Europa o modelo a ser seguido. Ambos, contudo, eram desconfiadas frente à experiência norte-americana, que nunca disse muito respeito à História da América Latina. Um autor contemporâneo, Richard Morse, no seu livro “O Espelho de Próspero”, insiste, inclusive, na tese sobre a origem cultural deste desencontro histórico: os norte-americanos sempre vêem o sul do Rio Grande como um caso frustrado de desenvolvimento, enquanto os latinoamericanos vêem os Estados Unidos como um caso frustrado de realização humana. Diferenças de origem na percepção das questões fundamentais da humanidade, que até hoje, dificultam o diálogo Norte-Sul no Continente.

Foi precisamente este desencontro entre a aspiração nacional e formas de construí-la, que foi aprofundando, cada vez mais, o confronto ideológico no Continente, que nunca foi, rigorosamente, o mesmo que o da Europa. O que não quer dizer que não se tenha nutrido - metodologicamente - dele, ao longo do século XX. Lá, o conflito capital/trabalho, aguçado pela industrialização, instigado pelo marxismo, apontava para a disjuntiva capitalismo x socialismo. Aqui, o continente dilacerado pela Conquista, pela colonização e pelo "mercantilismo" inglês, debatia-se para se erigir soberanamente, salientando o conflito nação x imperialismo, este alimentado pelo liberalismo. Não por acaso, portanto, quase sempre os nacionalistas acabassem em luta fratricida contra os liberais.

. QUE SOMOS, BOLIVARIANOS O SANMARTINIANOS?

Mariano Grondona

O ensaísta argentino Mariano Grondona traça interessante paralelo entre a visão de Simón Bolívar - modelo político personalista, da chamada "presidencia perpétua" substituindo o mando de uma pessoa (o rei espanhol) por um caudilho latinoamericano - e a visão do libertador argentino José de San Martín - modelo político institucionalista, não à reeleições sucessivas.

Estará a América Latina vivendo hoje um novo confronto entre os projetos "bolivarianos" e os "sanmartinianos"? Uma pergunta que pode provocar respostas diferenciadas mas que estimulará, sem dúvida, uma importante >discussão.

*¿Qué somos, bolivarianos o sanmartinianos? Mariano Grondona
Cuando Simón Bolívar y José de San Martín se reunieron en Guayaquil en 1822, no se sentaron frente a frente sólo dos generales victoriosos unidos por el mismo ideal de la independencia americana, sino también los portadores de dos concepciones opuestas del poder.*

Bolívar y San Martín fueron dos personalidades tan extraordinarias que Plutarco (46-119) no habría vacilado en incluirlos en sus famosas Vidas paralelas. Cuando América se emancipó, el nuevo continente tuvo que llenar el vacío de poder que le dejaba el tumultuoso alejamiento de sus tutores europeos. Para remediar esta carencia, surgieron dos modelos políticos. Uno personalista, el de Bolívar. Otro institucional, el de San Martín.

Mas se não tivemos Plutarco, tivemos Jorge Luis Borges, quem, para gáudio dos tradicionalistas riograndenses, que se gabam das proezas de gaudérios ancestrais, percebeu a grandeza épica do gaúcho retratado em Martin Fierro, como expressão das raízes latinoamericanas, colocando-o ao lado da Odisséia...

A partir, pois, das divergências originais entre Bolívar e seus pares, dois “ícones” acabariam assentando as bases do pensamento e ação para o que viria a ser o século XX: José Martí, inflamado publicista cubano, que viria a morrer em conseqüência de ferimentos em combates sofridos no México, e Domingo Sarmiento, vigoroso intelectual argentino que viria a ser respeitável político conservador na Presidência daquele país.

Martí (1853 - 1895) entende a salvação da América Latina, afirmando sua geografia, sua gente, seus valores. *“Crear es la palabra de base de esta generación”*, proclama em artigo publicado no “El Liberal”, em 27 de setembro de 1889. É um rebelde. Mais que isto, um apólogo da rebeldia: *“El primer criollo que le nasce al español, el hijo de la machinche, fué em rebelde”*, conforme discurso pronunciado na Sociedade Hispânica, em 19 de dezembro de 1889, na homenagem aos delegados à Conferência Internacional Americana de Washington.

Para Martí, “conocer es resolver”:

“Conocer el país es gobernarlo conforme al movimiento, el único modo de librarlo de tiranías, mas mata su hijo en America del Sur quién le da mera educación universitaria”.

Diversas gerações de intelectuais latino-americanos tomariam os conselhos de Martí ao pé da letra, recusando-se a freqüentar os bancos universitários, certos de que homens naturais venceriam letrados artificiais. Com efeito, para Martí, o bom governante na América não seria o que sabe como se governa, assim como o alemão ou o francês, mas o que sabe com que elementos está feito seu país e como pode ir trabalhando em conjunto para chegar, por métodos e instituições nascidas do próprio país, àquele estado desejável, onde cada homem se conhece e cresce, onde desfrutam todos da abundância que a Natureza pôs à disposição de todos, na terra que fecundam com seu trabalho e defendem com suas vidas.

Já Sarmiento (1811 - 1888) é o oposto. É o homem ilustrado, com formação jesuíta, positivista, com olhos vidrados no modelo “civilizado”. O título de seu principal livro é ilustrativo: *“Barbarie o Civilización em La República Argentina”*, publicado em Madri no final do século, resultado de um conjunto de artigos publicados no diário “El Progreso”, em 1845. Para ele, o

atraso estava na ignorância das massas *“creollas”*, e o progresso ficava condicionado à possibilidade de educá-las de forma a reconhecer a importância dos valores e instituições da Europa. Sarmiento ataca a ditadura de Rosas, que se sustenta pela brutalidade do *“el que no está conmigo, es mi enemigo”*. E onde denuncia uma educação doméstica *“señorial”* (pag. 294 - Facundo - Ed. Cidade). Sarmiento não suporta o uso da violência do campo como meio para domar a cidade. Prefere a autonomia civilizadora da própria cidade. O americanismo (latino) tão caro a Martí, era um estorvo para Sarmiento.

“Todo lo que de bárbaro tenemos, todo lo que nos separa de la Europa alta, se muestra desde que la República Argentina a organizado un sistema y disputa a parte de los pueblos de procedencia europea”.

Ele pretende, então, *“salvar”* a Argentina, tirando-a da barbárie do campo e dotando a cidade de instituições civilizadas. Sarmiento quer *“branquear”* seu país e toma os Estados Unidos como um exemplo de pureza racional e institucional a ser seguido. Já Presidente da Argentina, transformou essas idéias em realidade, com um extraordinário projeto educativo a partir da Escola Normal do Paraná, ao qual agregou o impulso à imigração italiana que ir-se-ia concentrar em Buenos Aires. Como afirma em *“El Proyecto de Sarmiento y sua vigencia”*, in Cadernos Americanos, nº 13, México 1989:

“Había que realizar una mera emancipación, la emancipación mental, lo qual implica anular la juxtaposición impuesta, anulando sus componentes: anular el español, el indígena, el africano, los hábitos y costumbres heredados de la conquista, pero igualmente lavar la sangre de etnias que haviam mostrado su incapacidad para la civilización”.

Martí e Sarmiento são dois grandes personagens do seu tempo. Eles lançam luzes para o entendimento dos rumos atuais da política na América Latina .

Martí, cubano, antecipa um revolucionário Fidel Castro, com roupagens marxistas, como *“paladino do populismo”*, como o classifica Florestan Fernandes, na crítica feroz à submissão aos modelos ocidentais. E justifica Hugo Chavez.

Sarmiento, argentino, antecipa o conservadorismo esclarecido de Fernando Henrique Cardoso, hábil condutor, em seu Governo de um alinhamento incondicional à globalização. E explica Vargas Llosa.

Duas linhagens ideológicas, portanto, vão se desenhando no Continente, desde Bolívar x San Martín, passando por Martí x Sarmiento, chegando até o Século XX, quando se enriquece com novas fontes de inspiração e novas realidades geopolíticas.

III

A linhagem da rebeldia vai sempre ao encontro do grande povo em busca da recuperação de sua ancestralidade. Nutre-se de versos e recorrências heróicas reais, como Tupac Amaru, ou ficcionais, como Martín Fierro, ambas mitificadas. Publicado no fim do século 19, Martín Fierro é um poema épico em que o José Hernández protesta contra as tendências europeizantes do mencionado Domingo Sarmiento, então. Em duas partes, a obra evoca a colaboração dos "gaúchos" na luta pela independência do país – (Antonio Gonçalves Filho – O Estado de São Paulo- 6 de julho 2008 – transcrito em - <http://blogdofavre.ig.com.br/tag/facundo/>)

Os primeiros versos do Martín Fierro

1

*Aquí me pongo a cantar
Al compás de la vigüela,
Que el hombre que lo desvela
Una pena extraordinaria
Como la ave solitaria
Con el cantar se consuela.*

2

*Pido a los Santos del Cielo
Que ayuden mi pensamiento;
Les pido en este momento
Que voy a cantar mi historia
Me refresquen la memoria
Y aclaren mi entendimiento.*

3

*Vengan Santos milagrosos,
Vengan todos en mi ayuda,
Que la lengua se me añuda
Y se me turba la vista;*

*Pido a Dios que me asista
En una ocasión tan ruda.*

4

*Yo he visto muchos cantores,
Con famas bien obtenidas,
Y que después de adquiridas
No las quieren sustentar:
Parece que sin largar
Se cansaron en partidas.*

5

*Mas ande otro criollo pasa
Martín fierro ha de pasar,
Nada la hace recular
Ni las fantasmas lo espantan;
Y dende que todos cantan
Yo también quiero cantar.*

Em contraparte, a linhagem liberal-conservadora tinha – e segue tendo - um projeto de reeditar na América Latina os ideais e realizações da Europa, centro do mundo civilizado. Prefere a razão instrumental à poesia e se debate com o a dificuldade para romper com a ortodoxia de suas imagens idealizadas. Como não possui nutrientes emotivos internos que a legitimem em suas aspirações de liderança, fracassa em realizá-la sob os auspícios da liberdade, que tanto proclama. Teve êxito essa proposta quando a política no continente se concentrava nas mãos de uma pequena fração da população proprietária e letrada , num tipo de democracia de notáveis, cujos exemplos marcantes são o II Império e República Velha, no Brasil, e os anos ditos San Martinianos do período áureo argentino.

*“La Argentina del
impar crecimiento económico de fines del siglo XIX y de principios del
siglo XX, en suma, no fue bolivariana sino sanmartiniana”.*

(Mariano Grondona in “Que somos, bolivarianos o sanmartinianos”)

Mas quando o processo eleitoral se estende para o conjunto da população, nas últimas décadas do século XX , e a incorpora à vida política de cada país, o conservadorismo, estranhamente liberal, sucumbe. É sistematicamente derrotado nas urnas e se vê na tentativa de dar todo o suporte aos regimes ditatoriais mais sangrentos do continente, em conluio com interesses internacionais: ditaduras recentes do Cone Sul, cujos germens já estavam em Fulgencio Batista , Somoza e Stroessner,

Curiosamente, mesmo com estes pecados, este conservador-liberalismo proclama uma vantagem sobre a vertente *creolla*: Diz-se Republicano, no que isso tem de valorização da coisa pública e suas instituições, enquanto *los de abajo*, no poder, atropelam-nas na esteira do projeto de Presidência perpétua, defendido por Bolivar, com os recursos supostamente condenáveis da manipulação das massas, a que denominam “populismo”.

Aqui, uma inevitável digressão.

O curso do século XX, com acelerada incorporação de mercados fornecedores à indústria dos países centrais não altera substancialmente o tronco fundamental da divisão político-ideológica da América Latina – nação x imperialismo - , mas lhe entrega novos ingredientes. A população cresce enormemente e é empurrada para as cidades, onde se inicia um lento processo de substituição de importações pela fabricação local. A velha estrutura oligárquica não suporta o peso desta mudança e o continente inteiro reverbera a necessidade de grandes mudanças capazes de atender necessidades básicas de reprodução destes contingentes. É o século, também, da afirmação do marxismo na Europa, com a importante tomada do poder pelos bolcheviques na Rússia , daí surgindo um verdadeiro tsunami ideológico que contamina os movimentos populares do mundo inteiro, América Latina incluso. Mas o comunismo que professam é uma Filosofia, de forte caráter militante mas pequena penetração numa cultura mágica, marcadamente religiosa, vazada de soberania pátria pelos longos anos de hegemonia conservadora-liberal e distante do manancial libertário secular. Excede-se em argumentos. Perde-se em retórica. Carece de carisma para se comunicar às massas pelo coração. Poucos líderes comunistas – J.C. Mariátegui, fundador do PC no Peru, talvez seja uma exceção- , se deram conta do que estava realmente ocorrendo no continente. Mais das vezes, ou ficaram a reboque dos acontecimentos – como em Cuba -, senão contra a maré da história, ou deixaram de cumprir um importante papel sinérgico neste processo.

O México, pela precocidade de sua Revolução Agrária, logo no início do sec. XX, ficou literalmente à margem deste encontro do radicalismo libertário continental com o radicalismo europeu expresso pelo marxismo importado. A maioria dos Partidos Comunistas na América Latina é posterior à década de 20. No Brasil, data de 1922. No começo, aliás, há um inevitável estranhamento de linguagens, métodos e horizontes. Relembre-se que há um famoso verbete escrito por Marx sobre Bolívar, condenando-o. De outra parte, já a partir da década de 30 o Movimento Comunista Internacional filia-se ao princípio do internacionalismo proletário que significava a defesa intransigente da União Soviética, acima de qualquer proclamação nacional. Tudo isto contribui para o difícil aproximação.

O exemplo mais claro desta divergência ocorre no Brasil.

Luiz Carlos Prestes, grande líder tenentista, no bojo das aspirações de modernização do país contra uma República Oligárquica que se mostrava incapaz de abrir horizontes políticos e econômicos para uma população em rápido crescimento nas cidade, adere ao comunismo no exílio, no final da década de 20 e se mantém afastado dos acontecimentos que desembocarão na Revolução de 30. – “*Esta não é a minha Revolução*”, teria ele respondido a Getúlio Vargas, quando este lhe oferece um lugar destacado no movimento. Não só não apóia a Revolução de 30 como move, de longe, uma forte oposição ao regime que se lhe segue, culminando na tentativa fracassada do putsch de 1935, de triste memória. E mesmo tendo sido Prestes um dos mais destacados defensores do “Queremismo” ao sair da cadeia, em 1945, defendendo a manutenção de Vargas no comando da convocação da Constituinte, não lhe deu o apoio, mais tarde, quando este mais o necessitava: no fatídico agosto de 54. Ou seja, Prestes, malgrado sua respeitável dignidade, e os comunistas, erraram feio no Brasil, isolando-se de um movimento de grande profundidade que se desenrolava naquele momento e isolando-o de um importante segmento da corrente revolucionária mundial. Não compreenderam o que, mais tarde, Caio Prado Jr. em A Revolução Brasileira, consagraria como entendimento da Revolução, não a tomada do poder, mas o processo que lhe subjaz:

“Revolução” em seu sentido real e profundo, significa o processo histórico assinalado por reformas e modificações econômicas, sociais e políticas sucessivas, que, concentradas em período histórico relativamente curto, vão dar em transformações estruturais da sociedade, e em especial das relações econômicas e do equilíbrio recíproco das diferentes classes e categorias sociais. O ritmo da História não é uniforme. Nele se alternam períodos ou fases de relativa estabilidade e aparente imobilidade, com momentos de ativação da vida político-social e bruscas mudanças em que se alteram profunda e aceleradamente as relações sociais. Ou mais precisamente, em que as instituições políticas, econômicas e sociais se remodelam a fim de melhor se ajustarem e melhor atenderem a necessidades generalizadas que antes não encontravam devida satisfação. São esses momentos históricos de brusca transição de uma situação econômica, social e política para outra, e as transformações que então se verificam, que constituem o que propriamente se há de entender por “revolução”

Não foi muito diferente na Argentina. O advento do peronismo, como fenômeno de massas ultrapassou de longe a capacidade dos comunistas de se situarem na vanguarda da História. O dia 17 de outubro, lá venerado, vem a calhar como *momentum* de reflexão e referência.

“Haciendo memoria....

*Por aquellos años, el presidente, general Edelmiro Farrell nombró al coronel **Juan Domingo Perón** secretario de Trabajo y Previsión, ministro de Guerra y Vicepresidente de la Nación, cargos en los que desempeñó una intensa actividad.*

***Perón** como secretario de Trabajo y Previsión se ganó la lealtad de los obreros, a través de importantes medidas, como numerosos aumentos de salarios, y proyectos que poco después se concretarían, como la Justicia de Trabajo o el pago de las vacaciones y el aguinaldo.*

Lo cual explicaba movilizaciones populares que se produjeron el 17 de octubre de 1945.

*Según algunos historiadores, el sindicalismo argentino, hasta entonces desanimado por las propuestas de lucha de comunistas y socialistas, se aproximó a las soluciones reales y concretas que les ofrecía **Perón**.*

*Pero el 8 de octubre de 1945, el general **Avalos** pidió a **Farrell** que destituyese a **Perón**, quien fue detenido y llevado a la isla Martín García, y luego al Hospital Militar. Disconformes con la medida amplios sectores populares marcharon a Plaza de Mayo y reclamaron la libertad de su líderes.*

Desde las primeras horas de la mañana del 17, comenzaron a llegar columnas de manifestantes con banderas y pancartas a la Plaza de Mayo que venían desde Avellaneda, Lanús, Banfield, Quilmes, San Martín. Los manifestante se convertirían en todo un símbolo de un movimiento nacional popular, para algunos estudiosos el mas importante de Argentina: El Peronismo.

*Dada la magnitud de la manifestación y el reclamo de la gente por su líder, los militares se vieron obligados a buscar a **Perón** para que calmara al pueblo. Esa noche, **Perón** salió al balcón a tranquilizar al pueblo que lo aclamaba. Y entre cánticos y gritos, agradecido por el apoyo, Perón*

emitió su discurso. “Muchas veces he asistido a reuniones de trabajadores, y siempre he sentido una enorme satisfacción, pero hoy siento un verdadero orgullo de argentino porque interpreto este movimiento colectivo como el renacimiento de la conciencia de los trabajadores”, señaló.

De esta manera, con el 17 de octubre se escribió otra página en la historia de Argentina y se convirtió en día significativo en especial para los partidarios de Juan Domingo Perón que cada año recuerdan la fecha con emotivos actos en todo el país. (Fuente del sitio Saltoenred)”

IV

Vargas e Peron estão já distantes no tempo, mas muito próximos na História. Carregam em suas biografias duas críticas que se reeditam em unísono por todo o continente, sempre que um líder popular se insinua como alternativa concreta de poder: Carisma e Populismo. Ambas, paradoxalmente, *aggiornadas* em meios marxistas.

Uma das mais respeitáveis economistas do país, Eliana Cardoso, por exemplo aventurou-se, outro dia, em artigo no Estadão a desmontar a imagem pública de Gandhi , líder da Independência da Índia, trazendo à tona seus supostos preconceitos sociais, falhas humanas e erros políticos. (“A herança do Carisma”- <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-heranca--do-carisma-.943418,0.htm>) Tudo para mostrar o risco dos mitos na Política, decorrentes, evidentemente, do carisma de seus inspiradores. Com que objetivo? Com o claro propósito de mostrar que as fórmulas latinoamericanas de gosto popular , avessas ao modelo europeu de racionalização da vida pública e política, são perigosas, não só à democracia, como ao progresso em geral do continente. Fracassa. Confunde carisma com mito. E esquece de mostrar que o carisma, além de um traço de distinção humana, como o talento ou a inteligência, é um precioso fator de oxigenação nas estruturas burocratizadas das organizações, assim como o empresário no mundo empresarial.

Mais uma sanmartiana...

A crítica ao populismo é mais contundente e metodologicamente mais sofisticada. Nem há necessidade de referenciá-la, tão universalizada se tornou: “manipulação das massas”. Nasceu no bom berço na Faculdade de Sociologia de São Paulo como um veredicto condenatório aos Governos Vargas e Goulart, que não teriam sido capazes de oferecer uma perspectiva “conseqüente” às classes trabalhadoras. Vários autores e livros já se dedicaram à verificação da origem primeira do uso da expressão “populismo” no Brasil, mas a versão que importa registrar é a que se consagrou nos livros de Otavio Ianni, Francisco Weffort e vários outros. E que falta de perspectiva seria essa apontada pelos teóricos críticos do “populismo”? A Revolução. Ou seja, uma visão marxista ortodoxa da ação política conseqüente com o indefectível salto ao socialismo. Eis, aqui, de novo, a incapacidade de compreender em profundidade o que significa Revolução na América Latina.

Encerro a digressão sobre carisma e populismo, chamando a atenção de que não se trata de defender acriticamente todas as experiências tidas como de condução carismática e populista na América Latina, mas de situá-las como válvulas de realização política quando os canais de organização e representação popular estão obstruídos, seja pela marginalização de grande parte da sociedade das instituições legais, como Escolas, Partidos e Sindicatos, seja porque elas se encontram aparelhadas por organizações políticas “fechadas”.

CONCLUSÃO

O desenrolar do século XX, principalmente depois da década de 80, trouxe um cenário tão completamente novo no panorama internacional, com reflexos na América Latina, que se fala crescentemente em Nova Era: A Guerra Fria descongelou-se a favor dos Estados Unidos como potência hegemônica, mas desembocou numa Crise Econômica sem precedentes; o planeta chegou ao seu limite de aproveitamento dos recursos naturais, com

quase 7 bilhões de corpos desejan­tes ; o marxismo desencantou-se, no duplo sentido de perder sua matriz soviética e também de sua franca preponderância sobre a consciência crítica mundial, abrindo caminho para novas demandas ligadas ao meio ambiente e aos direitos humanos ; a ciência ultrapassou os limites do imaginável e nos interconectou *on line* em escala global colocando o futuro à nossa porta. Tudo isso exige, naturalmente, reflexões sobre os rumos do desenvolvimento econômico e político da América Latina. Talvez não devamos reproduzir mecanicamente as fórmulas do passado. Até porque elas desembocaram em impasses insuperáveis ou retrocessos. Trata-se, mais bem, de combinar a matriz da grande energia mobilizadora do Continente, sua alma ardente, com demandas civilizatórias que não representem mera transposição cultural. Vida e morte de Chavez não foram em vão. Elas apontam para a necessidade de uma reflexão mais profunda das raízes do radicalismo latino-americano e de como ele se constitui na chave para a mobilização de mudanças no Continente. No cerne destas questões a revisão do conceito de populismo, tão arraigado na nossa cultura política.

ELEIÇÕES 2010 – OS PARTIDOS : O CENÁRIO HISTÓRICO RECENTE DA ESQUERDA BRASILEIRA

O ano de 1980 é um marco do atual sistema partidário do país, embora a Constituição de 1988 tenha consagrado os seus princípios básicos, dentre eles o amplo e irrestrito direito à organização político-partidária. Não há lugar no mundo onde haja maior liberdade para organizar um Partido Político. É que naquele ano, entrou em vigor a Reforma Partidária, associada à Lei da Anistia de 1979, as quais permitiram o retorno ao Brasil dos exilados, a libertação de alguns presos que ainda cumpriam pena com base na Lei de Segurança Nacional e a retomada do processo democrático. A Reforma Partidária de 1979 rompeu o muro que dividia o universo político entre dois Partidos – ARENA, pró regime militar e MDB, contra - , este já no limite de impor uma breve e fragorosa derrota eleitoral aos militares, permitindo a livre reorganização, principalmente de uma imensa “esquerda” abrigada na Oposição. Pensava com isto o General Golbery do Couto e Silva, o grande ideólogo da “abertura lenta, segura e gradual”, eminência parda do Governo Geisel (1974-1978), dividir a Oposição e, eventualmente, garantir mais alguns anos de “democrática” presença dos conservadores no poder. Anistia e reorganização partidária eram suas bandeiras. Mas o que ocorreu? Como a esquerda respondeu à essa estratégia?

Aqui desdobram-se as várias tendências da esquerda brasileira, em razão de sua particular visão da conjuntura e de seus objetivos estratégicos, dando origem ao atual quadro partidário.

A velha esquerda marxista-ortodoxa, com vários parlamentares e grande presença nas grandes cidades, isto é , o PCdoB e o Partidão (Partido Comunista Brasileiro, de Prestes) passam a condenar, com veemência, qualquer iniciativa de reorganização partidária, sob o argumento da tese da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES. Pretendem, contrariando a estratégia do regime vigente, impor uma derrota eleitoral campal a este regime daí saindo livre para um novo tempo. Mesmo com o direito à se reorganizarem em Partidos próprios, os comunistas permanecerão por muito tempo dentro do MDB, transformado agora (1980), por força da Reorganização Partidária, em P+MDB=PMDB. Alguns grandes líderes “independentes” da época como Miguel Arraes, em Pernambuco, e Pedro Simon, no RS, acompanham esta tese da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES. Arraes só sairá do PMDB anos depois para engrossar o Partido Socialista Brasileiro- PSB.

A esquerda não marxista – socialistas , trabalhistas, sindicalistas e religiosos - , ao contrário, entendem que, com a Anistia e com a Reforma Partidária, a ditadura entrava nos seus estertores e que havia necessidade de intervenção autonomamente organizada no processo de abertura, fora do âmbito liberal do PMDB. Aí se distinguiram três lideranças, cada uma em seu espaço próprio, com estilos próprios e horizontes próprios: Fernando Henrique Cardoso, desde poucos anos antes, já vinha propondo a criação de um moderno Partido Socialista no Brasil e chegou até a elaborar, com o apoio de Almino Afonso, Ex-Ministro do Trabalho de Jango e outros intelectuais de São Paulo ligados ao CEBRAP, um órgão de pesquisa e divulgação em ciências sociais, um Manifesto-Programa que chegou a ser discutido em várias partes do Brasil; Lula, no ABC, emergia como um grande líder de massas apoiado pelas comunidades de base de Igreja Católica e por segmentos mais radicais da esquerda marxista, há tempos desligados dos Partidos Comunistas, estes ávidos por uma liderança operária capaz de levar às “últimas conseqüências” (Revolução?) o projeto político de reorganização. Aos apelos de Brizola para a reconstrução do “trabalhismo”, respondia Lula em coro com estes setores: “Trabalhismo, não! Queremos um novo PARTIDO DOS TRABALHADORES, a salvo da manipulação populista do passado”; finalmente, Leonel Brizola, tendo saído de seu confinamento no Uruguai em 1978 apressava-se , já em junho de 1979 , com a “Carta de Lisboa”, em proclamar a reorganização, sob sua liderança do velho PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO, o PTB, do qual era , então, com a morte de Jango, o maior representante. FHC, Príncipe da Inteligência brasileira, Lula, o Senhor de um novo tempo e Brizola, detentor de um suposto manancial de votos sob a sigla do PTB, passam o ano de 78 e 79 articulando seus projetos. FHC , vendo as dificuldades para enfrentar a tese da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES é o primeiro a desistir do Partido próprio. Deixa a tarefa para o futuro, o que faz quando cria, já num outro cenário político internacional e nacional, o PSDB. Deixa sua posição clara num famoso artigo escrito na FOLHA DE SÃO PAULO, ainda em 1978, intitulado ‘ O CAMINHO DAS OPOSIÇÕES’, quando se alia taticamente aos comunistas cerrando fileiras com o ainda MDB, pelo qual concorrerá em sub-legenda ao Senado por São Paulo, obtendo cerca de um milhão de votos. Brizola e Lula não se entendem no projeto de reconstrução do PTB e se separam depois de inúmeras tentativas de diálogo. Brizola, na Europa, toca o seu barco, procurando o apoio da social-democracia européia, organizada em torno da II INTERNACIONAL SOCIALISTA, da qual foi um dos Vice-Presidentes até sua morte em 2004 e desafia a tese da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES, atacando o PMDB e a esquerda ortodoxa ali aninhada, que não lhe poupa também ácidas críticas denunciando-o como “agente do capital alemão a serviços do General Golbery”. Tempos difíceis para Brizola que, não obstante, insiste no PTB, com tímido apoio interno no Brasil. Lula, enfim, se determina

a criar o PT, um partido representativo de uma nova esquerda, autenticamente operária, com apoio no sindicalismo combativo independente de São Paulo e da Igreja.

Esta introdução é importante para se compreender a dinâmica histórica que conduz à formação e desenvolvimento dos dois principais Partidos em confronto nestas eleições de 2010.

FHC, combativo socialista de idéias, surfa no PMDB, com forte apoio de Pedro Simon e do PMDB gaúcho, torna-se Senador “de circunstância”, em decorrência da eleição do titular Franco Montoro (PMDB-SP) como Governador, em 1982, num espúrio procedimento que concedia a vaga para a sub-legenda mais votada, e daí se capitaliza politicamente para retomar o projeto adormecido do Partido Socialista, só que, já agora, sob a denominação Social Democrata. E o faz como uma dissidência “à esquerda” do PMDB, ganhando para sua causa nomes históricos da esquerda peemedebista como Euclides Scalco, no Paraná, João Gilberto, no Rio Grande do Sul e Sigmaringa Seixas, em Brasília.

Brizola chega ao Brasil com o Programa do PTB na mala e imediatamente se credencia a legalizá-lo deixando, à porta do Superior Tribunal Eleitoral, em Brasília, um grupo de correligionários, chefiados pelo fiel deputado federal Getúlio Dias (RS), entre os feriados do Natal de 1979 e o primeiro dia útil de 1980, com vistas a assegurar a primazia do protocolo. Já a estas alturas a também deputada IVETE VARGAS, sobrinha de Vargas, distancia-se de Brizola e também se apressa ao registro do “seu” PTB. Da pugna, sai ela vitoriosa, com o suposto apoio do Governo, deixando à Brizola o dilema de aderir (ao PTB –Ivete, mais tarde também conhecido como PTB-COBAL, pela presença de seus dirigentes neste órgão do Governo Federal) ou fazer novo Partido, o que faz a seguir, criando o PDT. Dele sairão as dissidências que formarão o Partido Verde e o Partido Socialista.

Lula, soberbo, não dá bola, nem pra FHC nem para Brizola e começa sua longa caminhada de construção do PT em escala nacional, passando, a partir de 1980 a participar como candidato à Presidente em todas as eleições. Neste, 2010, será a primeira que não participará depois que o instituto das Diretas foi retomado.

No decorrer dos anos 80 e aproximando-se a Constituinte a tese ortodoxa da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES cai por terra, visto ser inviável uma derrota campal aos conservadores, num contexto de franquia generalizada de direitos e liberdades individuais no país. Então os comunistas abandonam o PMDB, deixando no rastro um espaço que será ocupado por antigos defensores do regime militar e oportunistas de toda a espécie que acabam descaracterizando a sigla, e se organizam nos seus partidos o PCdoB e o PCB.

Chegamos, pois, em 1989, primeira grande eleição da qual Collor saiu vitorioso, com a atual estrutura partidária praticamente definida, em torno das seguintes candidaturas:

LEONEL BRIZOLA – PDT

MARIO COVAS – PSDB

ULYSSES GUIMARÃES-PMDB

LULA – PT

ROBERTO FREIRE – PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

FERNANDO GABEIRA – PARTIDO VERDE

Este quadro da esquerda , modificado apenas pela mudança do nome do PCB depois do fim do regime soviético, que passa para PPS, ainda sob a liderança de Roberto Freire, é o que permanece até hoje.

Da antiga ARENA, Partido de sustentação do regime militar e que derrotou a Emenda das Diretas no ano de 1984, sairão vários filhotes: Primeiro o PDS, depois o PFL, depois a bifurcação entre os partidários de Maluf, que fundam o PP e os “éticos” que fundam o DEM, cuja maior expressão foi o Governador deposto e preso José Roberto Arruda, do Distrito Federal.

Do exposto pode-se concluir que o General Golbery, se bem tenha assegurado um ritmo lento e conservador à redemocratização no Brasil, não conseguiu, com a divisão das esquerdas, patente, garantir uma hegemonia duradoura aos conservadores. Pelo contrário, os conservadores, no Brasil, não só também se dividiram como, principalmente, se desgastaram tanto junto à opinião pública que suas respectivas agremiações não dispõem de nenhum governador e nem sequer se credenciam a apresentar candidatos próprios na grande maioria dos Estado e mesmo à Presidência. O Brasil de hoje, curiosamente, é em grau maior ou menor, de políticos que passaram grande parte de sua vida no exílio, na clandestinidade , na cadeia, ou simplesmente na Oposição.

A DANÇA DOS VAMPIROS

O Tribunal Superior Eleitoral aprovou nesta 3ª feira (24.set.2013) dois novos partidos políticos: o Solidariedade e o Pros (o Partido Republicano da Ordem Social). O Brasil agora passa a ter 32 partidos políticos.

Fernando Rodrigues -
<http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2013/09/24/novas-siglas-sem-votos-ja-receberao-mais-de-meio-milhao-de-reais-por-ano/>

Quem vota em Aécio Neves, é o eleitor do PSDB e os opositores naturais ao governo Dilma.

Quem vota em Marina é a classe média moderninha (estilo artistas globais), dissidentes do PT e eleitores evangélicos que vão votar nela mais por questões religiosas do que por questões ideológicas.

Quem vota em Eduardo Campos são eleitores nordestinos que desde 2002 votam maciçamente no PT, por isso, essa candidatura é muito mais danosa ao governo Dilma do que as outras.

Comentarista www.desenvolvimentistas.com.br

Uma eventual candidatura do PSB de fato pode ter que tirar o PT do comodismo das comparações com os 8 anos de FHC e ter que dar mais atenção aos debates sobre o que fazer daqui pra frente.

Idem

Eduardo Campos aposta em uma perspectiva mais dinâmica e baseada em fatos que ainda não aconteceram.

a aposta dele é provar aos setores anti-petistas ou quase-anti-petistas ou não-petistas ou que apenas querem enfraquecer a posição de barganha do PT que ele é um candidato muito mais forte do que o Aécio no segundo turno (e é de fato), mas é mais "market friendly" do que o PT (isso é possível? ;))

Isso por si só deve fazer com que a "oposição com recursos financeiros e responsabilidade (construtoras e industriais)" aos poucos vá desistindo do Aécio e passe a apostar todas as fichas nele para que ele supere o Aécio já no primeiro turno e seja a alternativa mais sensata para o segundo turno (todo mundo sabe que um governo da Marina andar de olho fechado à beira do abismo, o que é exatamente o que quer os chefes dos entreguistas).

Idem

A disputa de 2014 será difícil para um candidato fora das grandes agremiações (PT e PSDB), considerando-se que Marina Silva também correrá pelo meio. Com pouco tempo de TV, Campos terá baixo poder de fogo. O seu trunfo é o suporte que recebe dos que querem desgastar Dilma, o que pode crescer caso a situação econômica patine. O mesmo explica, por sinal, a hesitação do PSD, de Kassab, em aderir à recandidatura da presidente.

André Singer - Base governista?

Folha de S. Paulo, 16/03/2013.

Sobre eleições Presidenciais, uma coisa é certa: *Nunca antes neste país* a sucessão foi deflagrada tão cedo. Quase dois anos do Pleito de 2014 os candidatos já taxiavam na pista. As grandes manifestações de julho de 2013, operaram como ameaça de tormenta à vista e os pilotos e suas equipes apressaram-se em

levantar vôo. Já estão no céu, embora ainda distantes do Paraíso. Outro fator de pressão é o *dead line* de 05 de outubro para as filiações Partidárias. O grande problema, nessas horas de atropelo, é o que se chama de “visão de túnel”. Muitos acidentes da aviação ocorrem com experientes tripulantes em circunstâncias parecidas. Tão preocupados ficam com o risco do “principal” – o ciclone que se aproxima e pode abortar o plano de vôo-, que descuidam do acessório. Há casos, famosos: pegaram a pista errada...Comprova-se, destarte, que a pressa não é apenas inimiga da perfeição, mas também da virtude, que tem no cuidado seu verdadeiro olho. Vejamos o rastro da correria, que afeta, principalmente o PT e a Presidente Dilma:

Com a popularidade despencando e com o fantasma de uma volta de Lula no seu encaço, a Presidente saiu a campo. Apoiada num Conselho Político cujos principais nomes são os *figurantes* Franklin Martins e o Ministro da Educação, apressou-se em tomar iniciativas de caráter popular. A primeira, abrir os braços aos manifestantes, em linguagem receptiva e selecionados encontros em Palácio, de forma a evitar o confronto com uma conjuntura na qual o próprio Ministro Gilberto Carvalho se sentia perdido. Lula deve ter estimulado, também, este comportamento, que embora divergente do militante comum e corrente do PT, o qual entendia as manifestações como “de direita”, acabou prevalecendo como discurso oficial do Partido. Depois, a Presidente ofereceu sua resposta às ruas, com a sugestão da Reforma Política, convulsionada entre uma Constituinte específica ou Emenda Constitucional, acompanhada de outros pontos:

Dilma anuncia cinco medidas em resposta às manifestações

A presidente propôs cinco pactos nacionais sobre saúde, educação, transporte, responsabilidade fiscal e reforma política, que incluiria o combate à corrupção.

24/06/2013 21h04 - Atualizado em 24/06/2013 21h04

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/dilma-anuncia-cinco-medidas-em-resposta-manifestacoes.html>



Em resposta às manifestações de protesto em todo o Brasil, a presidente **Dilma Rousseff** propôs, nesta segunda-feira (24), cinco pactos nacionais sobre **saúde, educação, transporte, responsabilidade fiscal e reforma política**, que incluiria o combate à corrupção. Ela passou o dia em reuniões, no Palácio do Planalto, com prefeitos, governadores e com representantes do Movimento Passe Livre.

Foi o primeiro encontro da presidente Dilma com representantes do grupo que organizou as primeiras manifestações contra o aumento nas tarifas de ônibus. O Movimento Passe Livre apresentou sua principal reivindicação, que é o transporte público gratuito para todos.

“A gente espera, das três esferas, que tenham medidas concretas no sentido de melhorar o sistema de transporte e alcançar a tarifa zero ou o mais próximo disso”, disse Mayara Vivian do Movimento Passe Livre.

Depois dos manifestantes, 53 governadores e prefeitos representando todos os estados brasileiros. Na abertura da reunião, a presidente fez um discurso. Propôs cinco pactos para melhorar o Brasil. A maioria depende de aprovação do Congresso.

Ampliação da desoneração de impostos para o óleo diesel, que abastece os ônibus, e para a energia elétrica usada nos trens. E o investimento de R\$ 50 bilhões para obras de mobilidade urbana, como metrô e corredores de ônibus.

Propôs A realização de um plebiscito sobre a convocação de uma assembleia constituinte para tratar da reforma política. A presidente não deu detalhes de como isso seria feito. Propôs ainda que o crime de corrupção seja transformado em crime hediondo, que tem penas mais severas.

A contratação de médicos estrangeiros, como medida emergencial para áreas mais remotas, mas os profissionais brasileiros terão prioridade. E ampliação das vagas nas universidades e nos hospitais para médicos residentes. E a destinação de 100% dos royalties do petróleo e de 50% dos recursos do pré-sal para a educação. A presidente ainda reafirmou o compromisso com o controle da inflação e dos gastos públicos.

A agenda desta segunda-feira (24) da presidente marca uma mudança na estratégia do governo. Ao longo da semana, ela irá receber representantes de várias outras entidades pessoalmente. Quer ouvir e dividir a responsabilidade pelos problemas do Brasil com o Congresso, governadores e prefeitos. “O povo está agora nas ruas, dizendo que deseja que as mudanças continuem, que elas se ampliem,

que elas ocorram ainda mais rápido. Ele está nos dizendo que quer mais cidadania, quer uma cidadania plena. As ruas estão nos dizendo que o país quer serviços públicos de qualidade, quer mecanismos mais eficientes de combate à corrupção que assegurem o bom uso do dinheiro público, quer uma representação política permeável à sociedade onde, como já disse antes, o cidadão e não o poder econômico esteja em primeiro lugar”, declarou a presidente.

A reunião da presidente Dilma com prefeitos terminou na noite desta segunda-feira. Durou cerca de três horas. Na saída, governadores e prefeitos disseram que concordam com o pacto, proposto pela presidente Dilma, para melhorar os serviços públicos.

A partir de agora, os governadores e prefeitos vão formar grupos técnicos por região para discutir com o **Governo Federal** quais são obras prioritárias e decidir como fazer para acelerar a aplicação dos recursos.

Na área da saúde, por exemplo, a ideia é concluir rapidamente a construção de 800 hospitais pelo país.

Ainda no início de julho a Presidente não havia se dado conta da importância da inflação, como fermento das Manifestações, tanto que não havia nenhum alerta neste sentido. A partir daí, entretanto, começou a haver maior consciência dos riscos de uma inflação galopante na ebulição popular e o Banco Central ficou mais à vontade para elevar os juros. Facada no peito da Presidente que fazia da redução dos juros seu maior troféu.

Faltavam, entretanto, elementos de motivação popular nas propostas de Dilma, até porque a ideia da Reforma Política esbarrou no Congresso e as outras se transformavam apenas em intenções.

Aí ela apontou dois projetos de impacto: a destinação do total dos royalties do Pré Sal para Educação, o que, embora mitigado foi aprovado pelo Congresso nos meses seguintes e a importação dos médicos do exterior, em curso.

No início da crise, a Presidente apontou para a construção, apenas de Hospitais mas deve ter sido advertida pelo Ministro Padilha das discussões internas na Saúde para a importação de médicos cubanos. Bingo! Foi uma descoberta. E Dilma pôs-se a campo para trazer 4.000 mil médicos de Cuba. A reação inicial aos cubanos ajudou a flexibilizar a proposta inicial, estendendo-a a brasileiros

médicos formados no exterior e médicos de outros países. Rapidamente, uma Medida Provisória foi providenciada e, em pouco tempo, não sem contratempos com os médicos e suas entidades, aí estão, já os primeiros contratados pela União para atender as periferias. Ponto para o Governo que forçou a decisão, atropelou um ícone dos profissionais de classe média, e está ganhando a parada da opinião pública, que hoje apóia a medida.

Coroando a ofensiva governamental, sobreveio, como uma luva a arapongagem americana denunciada por Steve Snowden. Outra luva, principalmente nos desdobramentos das denúncias que evidenciaram que autoridades do país, inclusive a Presidente, e empresas, dentre elas a PETROBRÁS, estavam no rol dos vigiados. Aí foi uma explosão de *souveraineté*, apoiada pela mídia e opinião pública, em virtude da grosseria dos procedimentos americanos. Isto culminou com o duro pronunciamento de Dilma nas Nações Unidas ontem (24 de setembro) , com severas críticas à espionagem americana e propostas de um Pacto pelo Controle Internacional da INTERNET.

Todas essas reações da Presidente podem ter sido animadas por um caráter forte e voluntarioso, mas se inserem num rigoroso cálculo eleitoral que elevará seu prestígio na opinião pública, refletindo-se no seu potencial eleitoral para 2014. Em todas as ações, porém, um senão: ao jogar para o público, Dilma abre flancos com os segmentos mais críticos da classe média, que até então lhe vinham respaldando, mais pelo estilo do que pelo desempenho efetivo na Presidência. Afinal, medindo-se este desempenho pelo crescimento do PIB, contas públicas, balança de transações com o exterior e mesmo inflação, seu Governo é um dos piores que já se teve notícia. O *sospechoso* historiador Marco Vila registra que ele só é comparável com o de Floriano Peixoto e Collor...Daí que Dilma ganha no atacadão e perde no varejo de especiarias valiosas com grande capacidade de reverberação política: médicos, profissionais liberais, talvez empresários. E, decididamente, virou inimiga da Obama, quem sequer entrou no salão da ONU para ouvi-la. Esquece Dilma, com isso tudo, que o PT chegou até onde chegou por uma visão abrangente de alianças,

o que parecia, verdadeiramente, um “conversão” da esquerda à estratégia de consolidação da democracia entre-nós. Rompido este arco, eleva-se o risco de Governabilidade e até mesmo Institucionalidade. Uma coisa, enfim, é a acumulação de forças (populares) para um assalto às urnas, o que dependerá sempre da legitimação das minorias, classe média em primeiro lugar; outra, para o assalto ao Poder, como no velho estilo...Quando os defensores do MAIS MÉDICOS insistem, por exemplo, em que ele se fez necessário, tal como foi feito, eles esquecem uma palavra mágica para sua legitimação: “ Como” foi feito...

Isto deve estar nos cálculos de todos os concorrentes de Dilma : Aécio, óbvio; Marina, incerta; Eduardo Campos, açodado; José Serra, provável. O Brasil já tem, a propósito, 32 Partidos legalizados, grande parte dos quais balcões de negócios para receber um quinhão das verbas públicas a eles destinada e o produto da venda de legendas, à ocasião.

Quanto os partidos políticos receberam de dinheiro público em 2012

valores em R\$

partido	Rateio de multas eleitorais	Fundo Partidário	Total	%
PT	9.768.383,88	43.203.370,46	52.971.754,34	15,2%
PMDB	8.039.961,57	36.392.395,14	44.432.356,71	12,7%
PSDB	6.858.683,16	30.191.459,52	37.050.142,68	10,6%
PP	4.565.637,16	20.604.053,97	25.169.691,13	7,2%
PSB	4.428.975,31	20.090.596,46	24.519.571,77	7,0%
PR	4.072.610,12	19.363.624,85	23.436.234,97	6,7%
DEM	4.178.852,46	18.157.227,88	22.336.080,34	6,4%
PDT	3.187.014,50	14.413.743,21	17.600.757,71	5,0%
PTB	2.655.213,15	11.959.759,81	14.614.972,96	4,2%
PV	2.377.876,10	10.692.199,51	13.070.075,61	3,7%
PSD	1.557.721,96	9.314.852,54	10.872.574,50	3,1%
PSC	1.963.308,59	8.805.044,95	10.768.353,54	3,1%
PC do B	1.844.887,54	8.196.042,46	10.040.930,00	2,9%
PPS	1.515.837,13	6.504.659,83	8.020.496,96	2,3%
PRB	1.210.890,12	5.486.551,59	6.697.441,71	1,9%
PSOL	833.018,05	3.786.337,88	4.619.355,93	1,3%
PMN	708.799,12	3.060.764,10	3.769.563,22	1,1%
PHS	583.808,45	2.637.151,32	3.220.959,77	0,9%
PT do B	447.271,10	2.134.093,06	2.581.364,16	0,7%
PTC	446.581,69	2.012.793,73	2.459.375,42	0,7%
PSL	401.659,98	1.763.319,88	2.164.979,86	0,6%
PRTB	308.589,39	1.398.405,88	1.706.995,27	0,5%
PRP	302.955,34	1.375.928,69	1.678.884,03	0,5%
PSDC	230.583,16	1.046.482,92	1.277.066,08	0,4%
PTN	225.770,83	1.024.244,85	1.250.015,68	0,4%
PSTU	162.456,29	718.898,94	881.355,23	0,3%
PCB	145.900,38	661.736,47	807.636,85	0,2%
PCO	113.713,19	515.368,20	629.081,39	0,2%
PPL	109.501,92	496.217,82	605.719,74	0,2%
PEN	62.109,23	281.194,08	343.303,31	0,1%
Total	63.308.570,87	286.288.520,00	349.597.090,87	100,0%

Fonte: TSE (<http://www.tse.jus.br/partidos/fundo-partidario>)

Obs.: o PEN foi criado em junho de 2012 e só recebeu por 6 meses nesse ano

<http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2013/09/24/novas-siglas-sem-votos-ja-receberao-mais-de-meio-milhao-de-reais-por-ano/>

Aécio é fraco, mas tem ascendência. Neto de Tancredo, será ,

certamente beneficiado com uma mini-série da globo enaltecendo o avô e seu Estado: Minas Gerais. Tem horizontalidade, também, tanto pelo espectro de Minas como centro geopolítico do Brasil, quanto pela organização nacional do PSDB. Como lembra um comentarista em www.desenvolvimentistas.com.br:

Não despreze Aécio Neves, este sim é o principal candidato da oposição, pois: a) ele é de um partido nacional, que governa vários estados importantes do país, b) é de um estado tradicional na política brasileira (Minas Gerais), c) é neto de um dos principais políticos brasileiros do século XX (com uma biografia muito melhor do que o neto).

Marina corre por fora e foi a maior beneficiada pelas Manifestações populares que não a identificam como uma política tradicional. Seu problema não é popularidade, tampouco programa, pois é da natureza das propostas pós-modernas o leque de opções “alternativas” tão dissonantes quanto distantes de narrativas bem estruturadas. O que lhe sobra, porém, na altivez como Virgem Inca, falta-lhe em capacidade de trilhar o duro caminho da organização partidária. Ela não vai a lugar nenhum, não fala com ninguém, refugia-se em algum lugar de S.Paulo à espera que a Rede se teça a si mesmo, natural e organicamente, sem as falcatruas do Paulinho do PROS ou horrores menos recomendáveis de outros supostos donos de Partidos.

Entra em cena, então, o Governador de Pernambuco, **Eduardo Campos**, figura carismática e ambiciosa, que nada tem a perder rompendo com o PT- como fez nesta semana - e abrindo caminho solo. Tem pouco voto, forçando-se a disputá-los em todo o Nordeste com o Poderoso Lula, mas pode vir a beneficiar-se com a indicação de Marina ou José Serra como Vice. Aí ganharia o centro do país. Já falou também numa aliança com o PP, através da indicação da Senadora Anamélia L./ Rs, o que não somaria muito. Distancia-se do PT, sem críticas contundentes, candidatando-se a ganhar o apoio de uma esquerda independente órfã e de uma classe média desencantada com o populismo recente da Dilma. Seria o candidato ideal de FHC, tal como FHC foi o candidato ideal de Marco Maciel, seu Vice, em 1994: O candidato de uma “direita”

sem candidatos fortes, nem programas convincentes. Um candidato de fachada, capaz de vir a ser manobrado para um programa menos aparelhado do que o PT.

E Serra, o que faz nessa lista? Serra, embora derrotado duas vezes, é um nome nacionalmente consagrado, com razoável potencial eleitoral e pouca rejeição. Some-se a isso um temperamento bandeirante e dificilmente se poderá imaginar seu nome fora do cenário de 2014, nem que seja como Vice de alguém em alguma chapa...

Enfim, às vésperas do 05 de outubro, oremos...

BRASIL: DEMOCRACIA LENTA E CARA

Paulo Timm – Torres set 10 - copyleft

Assisti, ontem, no CANAL LIVRE, a entrevista do campeão de venda de livros, autor de 1808, Laurentino Gomes, mix de jornalista e escritor apaixonado pela História do Brasil:

Ele acaba de lançar o último livro de sua trilogia: 1808 – 1822 – Roda Viva entrevista Laurentino Gomes - TV Cultura - cmais+ O ...

<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-entrevista-laurentino-gomes-1>

Ele acabou de lançar o último livro de sua trilogia: 1808 – 1822-1889. Sucesso garantido, com seu texto de leitura fácil e cativante, para qualquer idade.

Não sou historiador e não posso dar crédito profissional ao autor. Aliás, sou também, como ele próprio se define, uma espécie de jornalista extemporâneo de fatos passados. Isto é, trabalhamos com fontes secundárias, principalmente livros, muitas vezes catados com grande dificuldade em Bibliotecas, Sebos e alhures. Ele, com certeza, faz isso com grande competência, que invejo. E, certamente, determinação. Fruto do conselho que lhe deu Paulo Coelho, no começo da carreira: - “*Escreva o livro como se fosse a coisa mais importante da sua vida*”. Ele seguiu ao pé da letra. E tem, literalmente, milhões de leitores, com traduções para vários idiomas. Parabéns Laurentino! Mas minhas congratulações, também, com o CANAL LIVRE, que a cada semana me surpreende mais, não só com a pauta dos assuntos propostos à discussão, como pelos convidados a participar do Programa. –*What a difference a channel makes...!!!!*

Laurentino saiu-se brilhantemente no CANAL LIVRE. Fala com simplicidade, mas profundo conhecimento e capacidade analítica sobre a nossa História. Destaco sua visão, com a qual coincido, de que somos uma democracia muito recente e difícil. Eu ainda diria: frágil. Ele não.

Recente, diz ele, porque só em 1985, culminando na Constituinte de 1988, nos constituímos como uma real democracia, no sentido de consultar o povo. Antes, a longa e tenebrosa treva senhorial, iniciada com as Capitanias e Governadores Gerais, no Século XVI, com o destaque apenas, para o período varguista/trabalhista, grosso modo 1930-1964. Consultando Helio Jaguaribe poderíamos dizer que este último período, de corte bonapartista, tem algo a ver com a fase Solon-Clístenes, na antiga Grécia, de lançamento das bases para o construto democrático. Entre 1500 e 1930, o breu autoritário da MATRIX COLONIAL (Caio Prado Jr): Grande propriedade + Trabalho forçado + Monocultura de exportação. Cidadania, jamais...

E difícil, afirma, porque não havia como construir a democracia na ausência de povo. De povo no sentido de nação demograficamente constituída e consciente de seu destino. Lembra ele a grande preocupação de José Bonifácio, Patriarca da Independência, no alvorecer da Pátria, com esse fato, tendo ele próprio tratado de propor, sem êxito, um novo estatuto para índios e negros. Curioso: Eu nunca tinha me dado conta de que José Bonifácio havia caído em desgraça no I Império. Fui me dar conta disto ao ler a inscrição de um monumento em Santa Cruz do Sul, no RS, onde constava seu exílio. Mas tem razão Laurentino, tivemos resistências localizadas, desde os quilombos negros, até grande revoltas populares, como a Balaiada e mesmo a República do Piratini e Juliana, no Sul. Mas como construir a democracia sobre um terreno humano marcado pela escravidão e pela ignorância. Ressalta ele que nossa primeira Universidade surgiu em 1912 (depois viria a USP, em 1932) , enquanto na América Hispânica toda a América do Sul já tinha suas Universidades desde o Século XVI.

Foi nossa democracia, portanto – como o próprio desenvolvimento – sempre postergada, permanecendo o Poder extremamente concentrado concentrado nas mãos dos oligarcas. É o próprio TSE que o diz:



A evolução do voto no Brasil

:: Votar é um privilégio

O privilégio de votar é uma das maiores conquistas do cidadão brasileiro. Uma vitória significativa.

Originalmente, apenas pessoas de pele branca, do sexo masculino e maiores de 25 anos podiam ser eleitores no Brasil.

Uma larga parcela da população estava excluída – impedida de manifestar vontade e opinião.

Ao longo da história da Justiça Eleitoral, expandiu-se e restringiu-se o universo dos que tinham o direito de votar, de acordo com a diretriz política de cada época.

Com o tempo e a evolução da legislação, corrigiu-se a injustiça que afastava das urnas de votação mulheres, negros, analfabetos, religiosos e indígenas.

Hoje, pode votar todo brasileiro maior de 16 anos – independentemente de sexo, religião, etnia ou condição social. Significa que todos têm papel ativo na democracia e desfrutam do direito constitucional de escolher seus dirigentes e representantes.

E há muito mais. Em 1983, o TSE começou a implantar um moderno sistema de informatização da Justiça Eleitoral, com a instalação de computadores nos TREs e nas zonas eleitorais.

Doze anos depois, iniciava-se a votação eletrônica, que tornou o Brasil um modelo mundial. As eleições rápidas, eficientes e seguras puseram o país na vanguarda eleitoral do planeta.

A Justiça Eleitoral não se acomoda e está sempre em busca do aperfeiçoamento. Nesse sentido, o Tribunal começou em 2010 a implantar a votação com urna biométrica, que elimina inteiramente a possibilidade de alguém, usando documentos falsos, votar em lugar de outra pessoa. Nas eleições de 2010, mais de um milhão de eleitores cadastrados puderam votar em urnas eletrônicas com leitor de identificação biométrica, que reconhece as impressões digitais.

Assim, se o voto secreto só foi instituído no país em 1932, ele, na verdade, só veio a se universalizar na década de 1980 e só hoje pode ser considerado um sufrágio consistente, graças à três fatores: regime de organização partidária livre e irrestrito; número de eleitores sobre a população, superior a 50%; e alta taxa de informação e escolarização dos eleitores, como se pode ver:

Tabela II
Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil / IBGE

Escolaridade	Censo		PNAD	
Sem escolaridade	10%	10.866.552	9%	11.766.782
Ensino Fundamental I	30%	32.599.656	18%	23.533.564
Ensino Fundamental II	28%	30.426.345	24%	31.378.086
Ensino Médio	24%	26.079.725	35%	45.759.708
Superior	8%	8.693.242	14%	18.303.883
TOTAL	100%	108.665.519	100%	130.742.024

Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009

Tem toda a razão, pois, Laurentino, ao dizer que somos uma democracia de 30 anos e em construção, daí a origem das manifestações que mobilizam o país de ponta a ponta. É perfeitamente normal que isto aconteça, como decorrência da emergência de grandes massas, bem ou mal informadas, à cena política, eis que praticamente todas as famílias têm televisores e mais de 70% dispõem de acesso à INTERNET. E, claro, sobressaltam-se ao descobrir que se o país abriu-se para o processo eleitoral, ainda não se abriu para a democratização de oportunidades econômicas, represadas durante séculos na matriz colonial.

Agora mesmo, leio matéria hoje divulgada sobre a extrema concentração da renda – e eu diria, propriedade – no Brasil. Mário Pochman, Ex Presidente do IPEA divulgou no ATLAS SOCIAL, já havia dito que não passam de cinco mil as famílias mais poderosas do Brasil. Bem menos do que o 1% registrado por movimentos como OCUPY WALL STREET e outros pelo mundo que denunciam a concentração de renda. Agora se sabe que as 124 pessoas mais ricas do Brasil acumulam um patrimônio equivalente a R\$ 544 bilhões, cerca de 12,3% do PIB, o que ajuda a entender porque o país é considerado um dos mais desiguais do mundo.

Estas 124 pessoas integram a última lista de multimilionários divulgada nesta segunda-feira pela revista 'Forbes', que inclui todos os brasileiros cuja fortuna supera R\$ 1 bilhão.

O investidor chefe do fundo 3G Capital, Jorge Paulo Lemann, que acaba de adquirir a fabricante de ketchup Heinz e é um grande acionista da cervejaria AB InBev e do Burger King, ficou com o primeiro lugar.

A fortuna de Lemann, de 74 anos, chega a R\$ 38,24 bilhões, enquanto o segundo da lista, Joseph Safra, empresário de origem libanesa e dono do banco Safra, tem ativos de R\$ 33,9 bilhões.

A maioria das fortunas corresponde a membros de famílias que dominam as grandes empresas de setores como mídia, bancos, construção e alimentação.

Entre os 124 multimilionários brasileiros apenas o cofundador de Facebook, Eduardo Saverin, constituiu seu patrimônio por meio da internet.

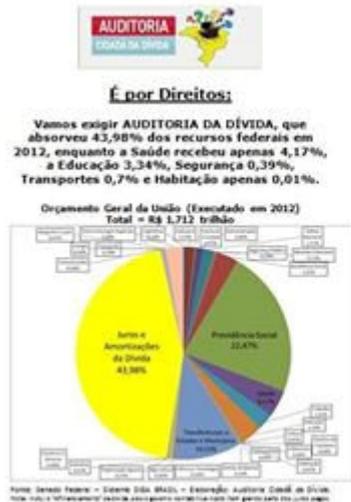
O empresário Eike Batista, que chegou a ser o sétimo homem mais rico do mundo e perdeu parte de sua fortuna pela vertiginosa queda do valor das ações de sua companhia petrolífera OGX e do resto das empresas de seu conglomerado EBX, ficou em 52º lugar na lista.

A grande fortuna concentrada por estes milionários comprova a veracidade dos indicadores oficiais que classificam o Brasil como um dos países com maiores disparidades entre ricos e pobres.

O índice de Gini do país foi de 0,501 pontos em 2011, em uma escala de zero a um, na qual os valores mais altos mostram uma disparidade mais profunda entre ricos e pobres.

Cerca de 41,5% das rendas trabalhistas se concentram nas mãos de 10% dos mais ricos, segundo dados do censo de 2010, enquanto metade da população vivia, nesse ano, com uma renda per capita mensal de menos de R\$ 375.

Este processo não é apenas histórico. Ele se realimenta historicamente pela dificuldade que a sociedade brasileira tem para aprofundar a democracia através da democratização das oportunidades sociais. A cada tentativa de criar uma POLITICA AFIRMATIVA para incorporação de um segmento social vulnerável, desaba o mundo denunciando o desvio de recursos públicos que criam “ desigualdades” na sociedade. Mal se dão conta de que a maior desigualdade está na MATRIX COLONIAL que se perpetua e que se traduz no seqüestro do próprio Estado como instrumento de concentração de Renda. Veja, abaixo, a nota divulgada neste 7 de setembro pelo MOVIMENTO DIVIDA CIDADÃ, como quase metade dos tributos da União se converte em transferência líquida de rendas para os detentores de Títulos da Dívida Pública. Até quando...?



Os gastos com a Copa provocaram revolta na população, pois os direitos sociais previstos na Constituição Federal não têm sido respeitados:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Os gastos com a Copa estão de fato exorbitantes, mas os gastos com a dívida pública têm sido os principais responsáveis pela negação dos direitos sociais.

Para se ter uma ideia, com os R\$ 753 bilhões gastos pelo governo federal com o pagamento de juros e amortizações da dívida pública em 2012 seria possível construir 624 estádios do Maracanã ou 410 estádios Mané Garrincha, mesmo considerando o preço superfaturado dessas obras.

A dívida externa supera 440 bilhões de dólares e a dívida interna federal já alcança quase 3 trilhões de reais. Essas dívidas, que beneficiam principalmente o setor financeiro e grandes corporações, crescerão ainda mais por causa dos gastos com a Copa.

Com os R\$ 753 bilhões gastos com a dívida em 2012 poderíamos construir:

974 mil Unidades Básicas de Saúde

(Dimensionada a cada unidade de 800 mil habitantes, conforme Portaria nº 260/2010, do Ministério da Saúde)

188 mil Unidades de Pronto Atendimento (UPAs)

(Dimensionada a cada unidade de 100 mil habitantes, conforme Portaria nº 260/2010, do Ministério da Saúde)

802 mil escolas (de 6 salas de aula cada uma)

(Dimensionada a cada unidade de 600 mil habitantes, considerando uma escola de 600 alunos, conforme Portaria nº 260/2010, do Ministério da Educação)

AUDITORIA JÁ !

www.auditoriacidada.org.br

Fonte [A+](#) [A-](#)



Imprimir Notícia



Indicar Notícia



Voltar

28/11/2012 12h00

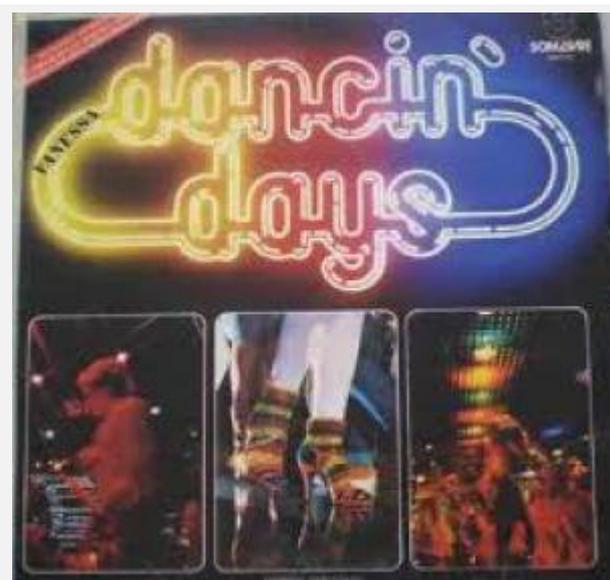
UM NOVO CICLO?

Os grandes atores que sobressairam em 1978 estão se esgotando, sem herdeiros: FHC, BRIZOLA e LULAÉ

Falta muito para as próximas eleições à Presidência da República. Dilma, afinal, está no meio da viagem. Mas se as eleições fossem hoje, ela seria uma séria candidata à reeleição. Para um “poste”, como diziam ela ser, sem luz própria, chegou muito longe. O IBOPE acaba de divulgar uma prévia de preferência eleitoral, publicado no Estado de São Paulo no último dia 25, que pouca gente notou. Vejamos:

PESQUISA IBOPE PARA PRESIDENTE: NOVEMBRO-2012

1. Se a eleição para presidente fosse hoje, em quem votaria (espontânea):



No ano de 1978 começou uma nova dança no cenário político brasileiro, que culminou em 1979 com a Anistia e retorno dos exilados e, no ano seguinte, 1980, com a reorganização partidária.

Não sabe/não respondeu 40%,
Dilma 26%, Lula 19%, Serra 4%,
Branco/Nulo 4%,
Aécio 3%, Marina 2%, outros 2%.

2. Pesquisa Ibope (estimulada): Dilma 58%, Marina 11%, não sabe/não respondeu 11%, Aécio 9%, branco/nulo 8%, Eduardo Campos 3%.

Na verdade, esta pesquisa lança mais lenha no fogo das “veleidades” dentro do PT. Diz-se que algumas lideranças superiores do Partido não estão muito satisfeitas com as evasivas da Presidenta diante do “Mensalão”, agravadas com a vacilação dela em se envolver mais a fundo na campanha de Haddad para a Prefeitura de São Paulo. As tensões não teriam alcançado, ainda, as relações de Dilma com Lula, aparentemente inabaláveis. Mas o futuro, diz o povo, a Deus pertence.

Aliás, o atento Cesar Maia em sua News Letter, destaca alguns elementos da tensão petista:

PSICANALISTA DIZ QUE ENTREVISTA DE JOÃO SANTANA OCULTA PREOCUPAÇÃO COM DILMA!

1. Ontem (26), na Folha de SP, o publicitário de Lula e do PT, João Santana, deu uma entrevista de ufanismo e exaltação a Dilma. Sobre Dilma ele diz assim. “Dilma Rousseff será candidata e vai ganhar a eleição. Provavelmente no primeiro turno. Se a eleição fosse hoje, novembro de 2012, ganharia no primeiro turno. Ela está firmando uma imagem vigorosa de grande consolidadora das políticas sociais, de ampliadora dos direitos da classe média, de reformadora moral e modernizadora do país. Está se formando a imagem de uma mulher firme, honesta, que não tem medo de tomar medidas duras. Uma mulher que não se deixa mandar. Que sabe fazer parcerias e alianças com setores importantes, especialmente com Lula. Uma presidenta que enfrenta uma das maiores crises da economia internacional sem titubear. Uma mulher de raça. Que enfrenta os bancos para abaixar os juros, as empresas de energia para abaixar a tarifa elétrica. Eu não estou inventando: estou relatando a leitura de estudos profundos de opinião.”

2. Este Ex-Blog perguntou a um conhecido psicanalista o que achou da entrevista. A resposta é essa, a seguir:

3. (Psicanalista) “Se João Santana fosse um publicitário recém-formado, seriam ‘arroubos da juventude’. Mas um profissional maduro, que já venceu e perdeu eleições em todos os níveis e com a avaliação que o mercado lhe dá, suas palavras devem ser lidas pelo que ocultam. Os exageros em relação à Dilma apenas denotam a preocupação de Santana quanto às possibilidades dela em 2014. Porém, há outra possibilidade de ocultamento. É o que se chama de promoção para baixo nas empresas. Lendo o que não foi dito, mas oculto, se pode garantir das duas uma e, em ambas, sua preocupação com a competitividade de Dilma. Uma é tentar levá-la junto à opinião pública, com adjetivos de imagem que nem os publicitários de Kennedy ou Clinton ousariam usar. Outra é que o verdadeiro candidato dele é Lula. E

nada melhor que exaltar Dilma para que ela ‘desista’ da candidatura, orgulhosa e com a alma cheia por uma missão cumprida. Eu aposto nesta segunda hipótese. Mas há uma certeza: Dilma não faz parte do jogo dele para 2014. Repare neste trecho da resposta de Santana e entenda o que ele pensa e tenta ocultar: ‘(...)ela sabe fazer parcerias, especialmente com Lula’. Parceria, especialmente com Lula, é sair e passar, com pompas e circunstâncias, a candidatura para Lula.”

O que é real, mesmo, é que a História, como a vida, vem em ondas, como o mar. E a grande onda que se seguiu à redemocratização, cujo epicentro pode ser localizado no remoto ano de 1978, está chegando ao fim. Naquele ano, enquanto o regime militar dava sinais de recuo, num lento, seguro e gradual processo de distensão controlada, emergiam três grandes atores da renovação: Fernando Henrique Cardoso, Leonel Brizola e Lula, cada qual com seu cacife, defeitos e virtudes.

FHC era o mais visível: um intelectual de esquerda prestigiado pelas elites, com um grande capital na inteligência e mortal pecado na vaidade.

Brizola em andanças pela Europa, rerepresentava-se como herdeiro do trabalhismo tolhido pelo Golpe de 64, com grande experiência e potencial eleitoral, embora marcado pelo estilo excessivamente autoritário para a conjuntura pós-moderna que então se abria.

Lula era um enigma que resplandecia na crista do novo sindicalismo do ABC, com forte apoio da Igreja e insondável magnetismo, que era, ao mesmo tempo, sua virtude e vício.

Ao final de 1979, promulgada a Anistia, todos já estavam em campo, com seus Projetos alinhavados: FHC, que alimentara a ilusão de liderar um novo Partido Socialista refluira para o MDB, ao preço de uma espécie de suplência (sublegenda) de Franco Montoro para o Senado, nas eleições de 1978, registrando o recuo da esquerda para os liberais no clássico “O caminho das Oposições”. Daí assumirá, em 82, o Senado, dando o salto, “à esquerda” (!), para o PSDB, levando junto combativos e insuspeitos quadros como João Gilberto, Euclides Scalco e Sigmaringa Seixas, todos deputados federais. Brizola havia lançado o PTB em junho de 1979 na famosa Carta de Lisboa, da qual, aliás, sou dos últimos signatários. A seu pedido, passei as Festas de Natal e Reveillon de 1980 às portas do Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília, com toda a papelada do registro do PTB para garantir a primazia no Protocolo, tal como, aliás, registrou em primeira página a foto do JB do dia 03 de janeiro de 1980. Não adiantou, perdeu a sigla para Ivete, chorou a rasgar as letras históricas e lançou-se à dura fundação do PDT. Lembro tais fatos apenas como depoimento, visto não ter encontrado nas últimas biografias do Velho Caudilho apropriadas informações.

Lula preferiu o difícil caminho do Partido próprio, também, e andou pelo país inteiro à cata de movimentos sociais e lideranças populares emergentes para a fundação do PT.

Dos três, Brizola foi o grande perdedor, não em causas, mas em resultados. Veio a falecer em 2004 sem chegar à Presidência, já percebendo que seu Partido de desfibrava como mais uma legenda de aluguel. Lula, com o PT ocupou o espaço da esquerda, consagrando-se o condutor de uma era de mudanças modestas mas importantes, depois de 2003, ainda em curso, embora por mãos “alheias”. FHC, que

fora perdendo espaço à esquerda ao longo da década de 80 para Lula e Brizola, travestiu-se em reformador do conservadorismo, desgastado pela ditadura, que lhe deu suporte e apoio eleitoral para dois mandatos na década de 90, vindo, entretanto, a ser, até hoje, o centro de referência da dita “direita” no país.

Evito referir-me a outros nomes, expressivos de tendências ideológicas àquela época, seja de Ulysses Guimarães, à testa dos liberais, ou Roberto Freire, herdeiro do glorioso Partidão, por uma única razão: ambos estavam mergulhados na tese da UNIDADE DAS OPOSIÇÕES, que os retiraria do proscênio como renovadores.

Enfim, o grande ciclo da Política Brasileira iniciado em 1978, que teve momentos marcantes nas eleições de 1982, na Constituinte, nas Diretas de 1989, na eleição de FHC em 1994 e 1998 e de Lula em 2002 e 2008, com repique em Dilma em 2010, está se esgotando. Dilma, aliás, é o último elo de ligação entre o tempo que se esvai e outro que se anuncia. Brizola foi-se, sem deixar herdeiros. Poucos acreditam num agiornamento de FHC ou Lula, ambos, também, sem herdeiros “legítimos”. Ambos, acabarão, ainda, chamuscados pelos desdobramentos inevitáveis do “Mensalão”. As últimas eleições, com a diversidade de expoentes ao longo do país, parece indicar este novo tempo. Quem viver verá...

NOVOS CORAÇÕES E MENTES

Paulo Timm – Torres, out 02 - Copyleft

“O problema somos nós, cidadãos, eleitores, que não fazemos nossa parte . (...). Desde 1985 estamos construindo uma democracia sustentável. Mas precisamos que ela não fique só nas instituições, que se enraíze nos corações.”

RenatoJ.Ribeiro

“A primeira e talvez maior contribuição de Marx à cultura moderna é seu novo método de pensamento e de ação. Em que consiste esta nova visão de mundo, inaugurada pelas Teses sobre Feuerbach de 1845? A melhor definição me parece ainda a de Gramsci: filosofia da práxis. Este conceito tem a grande vantagem de destacar a descontinuidade do pensamento marxista em relação aos discursos filosóficos dominantes, rejeitando tanto o velho materialismo da filosofia das Luzes — mudar as circunstâncias para libertar o homem (com seu corolário político lógico: o apelo ao déspota esclarecido ou a uma elite virtuosa) — quanto o idealismo neohegeliano (libertar a consciência humana para mudar a sociedade). Marx cortou o nó górdio da filosofia de sua época, proclamando (terceira tese sobre Feuerbach) que na práxis revolucionária coincidem a mudança das circunstâncias e a transformação das consciências.”

MichellLowi

Dois conceituados cientistas sociais – Renato Janine Ribeiro e Marco Aurélio Nogueira – deploraram, em artigos publicados nesta semana (anexos no Drops outubro 03), o baixo nível do debate teórico-político na quadra que estamos atravessando no Brasil. Ambos cotejam uma conjuntura fértil em informações, com a disseminação da INTERNET e ampla liberdade de imprensa no país, com a pouca profundidade nos debates atuais. Li e reli várias vezes os mencionados artigos e acho que não concordo muito com o que dizem os respeitáveis autores. Penso que o mundo mudou e, ao mudar, nos dá esta sensação de que nada comove.

Acompanho a vida cultural há quase 50 anos, numa época em que esperávamos ansiosos a edição diária dos jornais do Rio, no quiosque da Praça da Alfândega, em Porto Alegre, entrelando alguma literatura mais apimentada na Livraria do Arnaldo (defronte) e ansiando, a cada mês, por Revistas mais densas como a “Brasiliense” e depois a “Civilização Brasileira”. Eram tempos de debates acirrados, primeiro sobre os rumos da “Revolução Brasileira”, a seguir, dos caminhos da redemocratização e do desenvolvimento. As propostas repercutiam em todo o território nacional com grande impacto e consistência. Eram como petardos lançados por arqueiros olímpicos que reluziam por todos os lados como uma raio ofuscante. Dou um exemplo: O livro “ A Revolução Brasileira” , de Caio Prado Jr., meados dos anos 60. Todo mundo lia e discutia as novas teses que prometiam revisar análises ultrapassadas e oferecer um horizonte límpido para a compreensão do futuro. Dava uma sensação de ebulição e ativismo. O conceito de “populismo”, hoje acaciano, mas então divulgado nas reflexões dos jovens sociólogos da USP – Otavio Ianni, Francisco Weffort e Fernando H.Cardoso – tornava-se refrão da *intelligentsia*. Outro exemplo: O lançamento do “Quarup”, um pouco antes, de Antonio Callado. Causou um frisson, a que se seguiu um verdadeiro frenesi quando vimos o “Deus e o Diabo na Terra do Sol” , de Glauber Rocha e os acordes lancinantes de Bethânia no “ Liberdade, Liberdade”, lancinando a ditadura:

- Carcará! Pega , Matá e Come...!

Ah!!! O discurso histórico de Marcio Moreira Alves, às vésperas do AI-5...!

Cada um destes eventos/acontecimentos ganhava imensa repercussão e dava a impressão – aos que dele participavam: uma pequena elite intelectual num país marcadamente rural, iletrado e provinciano – de que vivíamos, mesmo, um intenso debate cultural e ideológico.

Isto, digamos, até o ano de 1985, quando o “Rock in Rio” ofereceu-se com uma espécie de umbral da Nova República, mergulhando o país na dinâmica da Constituinte, cujo epílogo foi o outubro de 1988. O Brasil já era e seria, cada vez mais, um “outro”. Não por acaso, Fernando Collor surpreende nas urnas, saindo vitorioso no ano de 1989. Lembro-me, como parceiro de Brizola na Direção Nacional do PDT de tê-lo advertido sobre o fenômeno que anunciava uma nova realidade no Brasil e ele, com seu ar severo, como sempre, cortou-me respondendo: “ *Isso não existe! Nosso adversário será o Ulysses e o PMDB*”... Ele estava errado. Havia um Brasil novo, tanto no Collor, que correspondia aqui à dupla Reagan/Tatcher, que instauraria o reinado do neoliberalismo sob o *Consenso de Washington*, e que se desdobrou na Era FHC; e havia um Brasil novo, também, no Lula, no comando de um Partido que não só daria uma clivagem mais orgânica de classe ao neopopulismo que viria a instaurar, como um alcance nacional verdadeiramente impressionante. Aqui, Lula, com toda razão, poderia afirmar: “ *Nunca antes neste país um Partido de conteúdo popular chegou tão longe e foi tão forte*”...

Não estou aqui dizendo que o Brasil dos anos 1990-2013 é melhor do que aquele que geração 60 vivenciou com tanta intensidade. É apenas outro.

Nosso país é um verdadeiro fenômeno de urbanização acelerada, secularização e mídia. Em poucas décadas transferimos contingentes imensos dos grotões rurais para as grandes metrópoles, ao tempo em que nelas operaram poderosas alavancas de modernização de costumes e de percepção de universos alternativos. Só na última década o número de estudantes

universitários, conquanto ainda pequeno quanto ao intervalo de jovens entre 18 e 25 anos (43%) , explodiu. O acesso “a INTERNET já alcança 70% das residências e metade dos eleitores, cerca de 130 milhões, já tem nível secundário e superior. A diversidade de opções, orientações, inclinações nos planos da sexualidade, da religião e da ideologia, neste contexto, é inimaginável.

Tabela II
Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil / IBGE

Escolaridade		Censo		PNAD
Sem escolaridade	10%	10.866.552	9%	11.766.782
Ensino Fundamental I	30%	32.599.656	18%	23.533.564
Ensino Fundamental II	28%	30.426.345	24%	31.378.086
Ensino Médio	24%	26.079.725	35%	45.759.708
Superior	8%	8.693.242	14%	18.303.883
TOTAL	100%	108.665.519	100%	130.742.024

Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009

O Brasil, enfim, deixou de ser nau de iluminados e virou um imenso e denso transatlântico multicultural que a cada dia se torna mais complexo e de difícil sintetização. Há 50 anos contávamos nos dedos e reconhecíamos de longe os grandes intelectuais do país, os quais pontificavam sobre os marcos do que considerávamos grandes debates. Hoje, a quantidade de jovens com formação acadêmica equivalente à deles é incontável, todos com livros escritos, domínio de idiomas, blogs e grupos de debates. Difícil saber hoje, quem é quem. Até ouço, às vezes, aqui e acolá, que não temos poetas. Nem romancistas. Ora...Sem comentários... Acabou, como diz o Roberto da Matta, a Era do “*Você sabe com quem está falando?*” Ninguém mais sabe e , aliás, nem interessa... Em todos os Estados e não apenas RJ, SP e MG há artistas de peso, intelectuais reconhecidos e ativistas desconhecidos que de uma hora para outra aparecem em movimentos sociais. Nesse mundo, já fragmentado pelo fim da Guerra Fria, que repercutiu no resfriamento do próprio marxismo como Filosofia da Práxis, com vistas à Revolução Socialista, os conflitos se diluem no cotidiano da

vizinhança, quando não da vida privada, diluindo o Grande Debate no rosário de demandas, como as que acompanharam os manifestantes em junho passado. Aquelas manifestações, aliás, estão, iconicamente, para o período que se abre em 2013, o que o Rock in Rio foi para o período aberto pelo ano 1985...

O grande problema, pois, não é a ausência de debates na conjuntura atual. Sinto-me, aliás, muitas vezes, mesmo com a formação acadêmica que percorri, incapaz de acompanhar as inúmeras Revistas digitais que recebo diariamente, não apenas pela profusão das mesmas, com temas os mais variados, como pela profundidade dos artigos ali escritos.

Honestamente, acho sim, que há um vácuo, não no Brasil, mas em escala mundial, de uma nova Filosofia da Práxis, capaz de operar como síntese compreensiva e transformadora deste tempo, tal como foi o marxismo em meados do século XIX, fazendo com que haja uma espécie de guerra (ideológica) de todos contra todos. E isto dá uma sensação de que tudo é superficial. Até o marxismo. Estou convicto, também, que a Política, como fruto desta dispersão de alternativas e da perversão da ética numa sociedade em transição, banalizou-se ao ponto de eliminar de seus quadros líderes de peso. No mundo inteiro, os Partidos viram suas estruturas burocratizarem-se projetando em seu comando homens e mulheres sem qualquer iniciativa criadora, vítimas, quase todos de si mesmos e suas estruturas internas. Burocratas...

Não por acaso, num mundo desses, um mero incidente com uma mulher tomada pelo pânico numa sociedade assolada pelo par medo+violência, transforma-se na manchete dos grandes jornais no mundo inteiro...

É de lamentar, meu caro Otis! – reclama meu fiel jardineiro...

Mas diante desta nova realidade, não será com uma Filosofia da Práxis apontada para a Revolução Proletária e que se recobra dogmaticamente como doutrina, que iremos adiante. Urge um novo pensar revolucionário! Em o havendo, talvez tenhamos de novo um grande debate...

Raul Pont, 70 anos: Eis o homem



Raul Pont em 2004

***Brotei do ventre da pampa
Que é pátria na minha terra,
Sou resumo de uma guerra
Que ainda tem importância***

(Marco Aurélio Campos in Eis o Homem)

*

Ultimo dia 16, a antiga Sociedade Espanhola, Rua Andrade Neves n. 85, encheu seu salão de convivas que ali foram abraçar Raul

Pont, ex-Prefeito de Porto Alegre pelo PT , nos seus 70 anos. Muita gente, mais de 200, alguns de outras cidades e Estados atestando o prestígio do celebrado, que também se despede da vida pública, embora prometendo continuar na trincheira do PT. Ao receber o convite não entendi bem o porquê do local, aonde já não ia há mais de 40 anos. Imaginava-o fechado, embora em seu Restaurante tenha aprendido a receita dos *Riñones al Jerez*, que me fascinam até hoje, para não falar do meu prato favorito: a *paella*. Mas me explico: Eu estou fora de Porto Alegre desde 1970... Atravessei coxilhas, segui os passos de meu ancestral Cristovam Pereira rumo ao Planalto, *me transformei em distancia...*

É o próprio Raul, entretanto, quem, em sua fala ao final do jantar explica. Seus avós eram espanhóis – Ah! Daí este “Pont”! -. E o local faz por merecer um encontro de militantes de esquerda. Afinal, a Sociedade Espanhola sempre foi um reduto dos imigrantes “republicanos”, enquanto a Casa de Espanha abrigava os franquistas , (<http://www.centroespanholpoa.com.br/>), exatamente como registra a pesquisa histórica:

Tendo a mais antiga entidade de espanhóis em Porto Alegre, a Sociedad Española de Socorros Mútuos, fundada no final do século XIX, tomado posição favoravelmente aos republicanos,

aqueles que não se identificavam com tal alinhamento deixaram de freqüentá-la,

aderindo posteriormente a Casa d’Espanña, fundada em 1953. A unificação das entidades

efetivamente só veio a ocorrer na década de 1990, dando origem ao Centro Español, em

1994.

(Pesquisa sobre a migração espanhola :

<http://www.ufrgs.br/nph/arquivos/Pesquisas%20sobre%20a%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20espanhola%20no%20Rio%20Grande%20do%20Sul.pdf>)

Mas quem é Raul Pont?

Raul é natural de Uruguaiana e chegou à Capital em 1963 como bancário, a fim de cursar a Faculdade e, como ele mesmo diz: “*Seguir a vida, trabalhando, dando umas aulinhas de História, quem sabe jogando um basquete, talvez voltar pra Uruguaiana*”. Passando, porém no vestibular, topou com a ativa resistência estudantil pós-64, tanto na Faculdade de Filosofia, como na de Economia: “-Os *temíveis comunistas*” ...E ele citou vários deles, presentes na ocasião, inclusive este anônimo cronista, que *hoje é tapera mas já foi morada*. Então, mudou de rumo. Já tinha, por certo alguma inclinação às causas sociais. Aí aderiu à esquerda. Virou Político. Primeiro, como resistente ao regime militar; depois de 68, quando o regime exauriu os limites da resistência, ao combate; e, finalmente, com a redemocratização, à vida pública. Daquela geração inquieta, ele foi um dos mais conseqüentes, pagando com sofrimentos e prisão sua ativa militância, e o que mais longe chegou na carreira política. Até então, só Marco Aurélio Garcia, atual Assessor para Assuntos Internacionais do Governo Federal, havia chegado a algum cargo eletivo, pois fora eleito Vereador em Porto Alegre nos anos 60. Raul foi mais longe: Chegou a Prefeito eleito, a deputado estadual e representante na Câmara dos Deputados em Brasília. Socorro-me da Wikipédia para registrar sua longa e exitosa carreira:

Raul Jorge Anglada Pont

([Uruguaiana](#), [14 de maio](#) de [1944](#)) é um [historiador](#) e [político brasileiro](#), fundador do [Partido dos Trabalhadores](#). Foi líder estudantil, militante sindical, [professor universitário](#), [deputado estadual](#) e [federal](#) e [prefeito](#) de [Porto Alegre](#).

Biografia

Como estudante de História na [Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#), nos [anos 1960](#), iniciou-se na política como militante estudantil, e foi eleito presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) em 1968. Foi perseguido durante a [ditadura militar](#) devido a seu envolvimento com grupos de esquerda, e mudou-se para [São Paulo](#).

Retornou a Porto Alegre em [1973](#), e participou do Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (Iepes), organização ligada

ao [MDB](#). Foi professor assistente na Universidade do Rio dos Sinos (São Leopoldo) (de 1977 a 1991), no curso de Ciências Sociais¹.

No final da década de 70, participou da fundação do jornal *Em Tempo*. No início dos [anos 1980](#), envolveu-se com as mobilizações sindicais que culminariam com o surgimento do PT.

Construtor partidário, foi secretário geral e presidente do PT do Rio Grande do Sul, membro da executiva nacional e tesoureiro.

Em [1982](#) foi candidato do partido ao [Senado](#), e em [1985](#), candidato à prefeitura da capital gaúcha. Não se elegeu nestas ocasiões, quando o PT ainda era pequeno e tentava se firmar como força política.

Em [1986](#), entretanto, foi o candidato mais votado do partido no RS e elegeu-se deputado estadual constituinte, sendo o líder da bancada nos dois anos seguintes. Em [1990](#) foi eleito deputado federal.

Em [1988](#), as urnas levaram o PT à prefeitura de Porto Alegre, com [Olívio Dutra](#). Em [1992](#), o então vice [Tarso Genro](#) foi eleito prefeito, na chapa que tinha Raul Pont como vice. Seguindo a tradição, em [1996](#) foi a vez do vice Pont concorrer à prefeitura, com [José Fortunati](#) completando a chapa. Antes, em [1994](#), concorreu novamente ao Senado, sem sucesso.

Eleito no primeiro turno, com 55% dos votos válidos, Raul Pont deu continuidade às marcas petistas na administração de Porto Alegre, como o [orçamento participativo](#). Na sua gestão o PT deu início ao seu mais grandioso projeto na capital gaúcha, a construção da [3ª Perimetral](#), via expressa que liga a zona sul à zona norte sem passar pelo centro da cidade. Iniciada em 1998, a Perimetral passou toda a primeira metade da [década de 2000](#) em construção, sendo concluída no final de 2006².

Com a aprovação da reeleição em [1997](#), o PT resolveu fazer prévias internas para a eleição municipal de [2000](#), quebrando a tradição de automaticamente indicar o vice-prefeito. Concorreram Raul Pont, José Fortunati e Tarso Genro. Tarso foi o escolhido, e elegeu-se para o quarto mandato consecutivo do PT em Porto Alegre.

Nas [eleições de 2002](#), Pont foi eleito deputado estadual e retornou para a [Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul](#). Neste mesmo ano, Tarso renunciou à prefeitura para concorrer a governador, sendo derrotado e abalando o prestígio do PT na capital.

Em [2004](#), o até então intocável predomínio petista em Porto Alegre

estava ameaçado. A renúncia de Tarso, a falta de carisma de seu vice [João Verle](#), e o impopular governo do PT na União levaram o diretório de Porto Alegre a indicar Raul Pont a prefeito, uma vez que foi o prefeito com maior aprovação em Porto Alegre nas últimas décadas. Vencedor no primeiro turno (com 37,62% dos votos válidos), entretanto, Pont foi derrotado no segundo turno por [José Fogaça](#). Com amplo apoio de partidos opositores, o candidato do [PPS](#) fez 53,32% dos votos válidos, ficando à frente do petista, que recebeu 46,68%.

Em [2005](#), com o [escândalo do mensalão](#), Pont se candidatou a presidente do PT nacional. Membro da [Democracia Socialista](#), corrente com pouca influência no [Palácio do Planalto](#), Pont foi um dos membros do PT que defendiam a refundação do Partido. Mais bem votado nas eleições internas entre os opositores, Pont foi ao segundo turno com o candidato do oficial, [Ricardo Berzoini](#), do [Campo Majoritário](#), mas acabou derrotado.

Atualmente, é deputado estadual, reeleito em [2010](#), com 65.430 votos. Em [2006](#), o petista obteve 73.286 votos, ou 1,22% do total de votos válidos, sendo a terceira maior votação para o cargo, a maior votação entre os petistas e entre os reeleitos.

Mas os cargos não definem um caráter, sobretudo na vida política. Nem as rimas um bom poema. Para compreender e situar o Che Pontão, como ficou carinhosamente conhecido entre companheiros e até mesmo adversários, vou tentar comparar seu pronunciamento com o de outros dois oradores da noite, *velhas cruces tão falquejadas* quanto ele, com origens sociais semelhantes, todos oriundos do interior, mas com distinções sutis: Olívio Dutra, Ex-Governador do Estado (2002-2006) e João Verle (Ex-Prefeito de POA).

Olívio demonstra uma solidariedade e coerência quase mecânica *de classe*, em parte parecida com a do atual Presidente Mujica, do Uruguai, com fortes raízes no mundo rural, onde o tempo não conta. Não por acaso em sua **extensa** fala voltou à mocidade como bancário nos idos de 1962/3, lembrando os dias difíceis da histórica greve dos bancários, dela retirando os parâmetros de sua lealdade ao Partido dos Trabalhadores - que deve ser “dos trabalhadores”... E terá sido por acaso que lembrou da atitude do então Governador Leonel Brizola, pedindo aos grevistas que cessassem a greve e hostilidades contra o então candidato do PTB à sua sucessão, aliás

derrotado , o banqueiro Egydio Michaelson? Falou, enfim, com a modéstia que lhe é própria sobre o aprendizado que teve na formação e desenvolvimento do PT, em Porto Alegre, não escondendo uma pitada de desconforto diante da conjuntura nacional.

Verle carrega a lealdade de classe como homenagem ao pai, a quem conheci, alquebrado pelos anos de trabalho nas minas do sul catarinense, mas é um devoto, como um jesuíta, da Igreja à qual esteja politicamente ligado. Um homem de Partido, pouco afeito à medidas e fantasias, nem desconfortos. Um asceta. Seria o último que eu poderia imaginar ocupando um cargo eletivo que dependesse do cortejo de eleitores. Ainda estudante tinha as paredes do pequeno apartamento na Fernando Machado apinhadas de livros, rigorosamente organizados. E a cada leitura fico me imaginando como ele retira elementos de convicção para a reafirmação de uma coerência sempre partidária. Hoje do PT. Não por acaso, também, toda sua fala na festa da Raul, centrou-se em exemplos de lealdade a esse Partido, como quando lembrou que, tendo pedido, como candidato, para pintar um muro na casa de um aliado, desiste peremptoriamente quando o mesmo autoriza apenas a inscrição do seu nome e não o do Olivio Dutra...

Raul, embora tenha sido bancário, com forte noção de solidariedade de classe – trabalhadora - , e ainda que sempre tenha sido um homem de Partido – no PT desde sua fundação-, combinando as dimensões da “ fé” e da “doutrina”, tem no entanto, uma peculiaridade: Sentimentos humanos à flor da pele. Sua fala parece muitas vezes tropeçar numa crise de ingênuo pranto. Não são argumentos que lhe faltam. São embargos de uma *alma longa e cheia como os caminhos que voltam quando as saudades rebrotam*. Raul quando fala se dá conta e razão que está falando com outra alma. Essa a maior coerência do Raul: compaixão. Nisto ele carrega consigo toda a história dos movimentos populares que sempre tiveram na solidariedade mútua um elemento de coesão e força. Não basta ser leal à classe e ao Partido. Permeando as circunstâncias estão as veias abertas da sociedade como um todo. Aos ódios de qualquer tempo histórico sobrepõe-se a geografia do Homem em todas as suas dimensões. Daí porque Raul tenha despendido sua oração não tanto em reafirmações políticas, mas em agradecimentos a tantos que com ele colaboraram na longa jornada: Os comunistas do movimento estudantil, os pratos de comida na casa de um e outro, o abrigo seguro na casa do Lucas, o

“aparelho” num suposto nome na grande São Paulo.

A grande noite do Raul foi, enfim, um flash dos últimos 50 anos da esquerda em Porto Alegre. Uma esquerda consistente, com raízes na História, com perspectivas para o futuro. Digna do protagonismo riograndense e até nisso, de verdade, refletindo o Estado, a cidade, seus próprios intérpretes, um pouco provinciana. Mas até nisso tem um contraponto, uma estátua viva, marmoreamente presente na festa: Flavio Koutzii. *Um tipo que numa estrada, da vida, da Política, da Poesia, só é feliz quando está só...* Ele se move pouco, sai pouco, ri menos ainda, quase não escreve, odeia holofotes, mas pontifica na esquerda portoalegrense como uma indelével referência. Lá estava ele, discreto e surpreendentemente charmoso, também aos 70 anos. Curiosamente, foi com ele que aprendi, no tempo em que convivemos no Chile, não só a diferença entre ódio e consciência de classe, fazendo-me idealmente comunista, mas, sem que tenha ele qualquer responsabilidade, as várias dimensões da coerência que assinalai acima.

Vá o feito...!

NÃO HÁ CRISE ECONÔMICA NO RIO GRANDE –

Texto para discussão – Circulação restrita

Paulo Timm – Economista IPEA/Unb (ap) – P.Alegre, 29 maio 2014

Com os agradecimentos aos colegas

Cecilia Rutkoski Hoff

Adalberto Alves Maia Neto

Martinho Roberto Lazzari

Rodrigo Daniel Feix

da FEE, os quais gentilmente me receberam e me proporcionaram acesso aos debates atuais sobre o desenvolvimento do RS. Eles não são responsáveis pelos disparates que escrevi.

O anúncio, nesta semana, de um novo INDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL do Rio Grande do Sul - iRS, elaborado pela PUCRGS e JORNAL ZERO HORA, traz à tona a velha discussão sobre desenvolvimento e crise no Estado. O índice não traz grande novidade, eis que a Fundação de Economia e Estatística- FEE - já cumpre satisfatoriamente a função complementar ao

IBGE na produção de indicadores. Tem a vantagem de incorporar algumas variáveis sobre o IDH e de vir a ser calculado anualmente.

Mas afinal, o que dizem este e outros índices sobre o desenvolvimento do Estado? É apenas uma sensação ou estamos mesmo empobrecendo e perdendo posições na emergente economia nacional? A nova Pesquisa confirma: Não há propriamente crise na economia rio-grandense. Temos nos mantido na quarta posição nacional, em termos de PIB,, entre 2005 e 2012 e dispomos, não só de uma renda per-capita bem superior, estimada em R\$ 27.514, em 2012, contra calculados R\$ 19.778 em 2010, no Brasil, como indicadores sociais, que se refletem no famoso IDH e no novo indicador iRS, superiores.

RENDA PER CAPITA – UNIDADES FEDERAÇÃO- 2002 E 2003

Renda per capita 2002			Renda per capita 2003		
	Em R\$			em R\$	
Distrito Federal	16.360	1º	Distrito Federal	16.920	1º
Rio de Janeiro	11.459	2º	Rio de Janeiro	12.671	2º
São Paulo	11.352	3º	São Paulo	12.619	3º
Rio Grande do Sul	9.958	4º	Rio Grande do Sul	12.071	4º
Santa Catarina	9.271	5º	Santa Catarina	10.949	5º
Amazonas	8.331	6º	Paraná	9.891	6º
Paraná	8.241	7º	Amazonas	9.100	7º
BRASIL	7.631	8º	Espírito Santo	8.792	8º
Espírito Santo	7.631	9º	BRASIL	8.694	9º
Mato Grosso do Sul	7.092	10º	Mato Grosso do Sul	8.634	10º
Minas Gerais	6.775	11º	Mato Grosso	8.391	11º
Mato Grosso	6.772	12º	Minas Gerais	7.709	12º
Goiás	5.921	13º	Goiás	6.825	13º
Sergipe	5.082	14º	Sergipe	6.155	14º
Rondônia	5.021	15º	Amapá	5.584	15º
Amapá	4.996	16º	Rondônia	5.743	16º
Bahia	4.631	17º	Bahia	5.402	17º
Pernambuco	4.482	18º	Pernambuco	5.132	18º
Roraima	4.191	19º	Rio Grande do Norte	4.688	19º
Rio Grande do Norte	4.039	20º	Roraima	4.569	20º
Pará	3.898	21º	Pará	4.367	21º
Acre	3.707	22º	Acre	4.338	22º
Paraíba	3.311	23º	Paraíba	3.872	23º
Ceará	3.129	24º	Ceará	3.618	24º
Alagoas	3.012	25º	Alagoas	3.505	25º
Tocantins	2.894	26º	Tocantins	3.346	26º
Piauí	2.113	27º	Piauí	2.485	27º
Maranhão	1.949	28º	Maranhão	2.354	28º

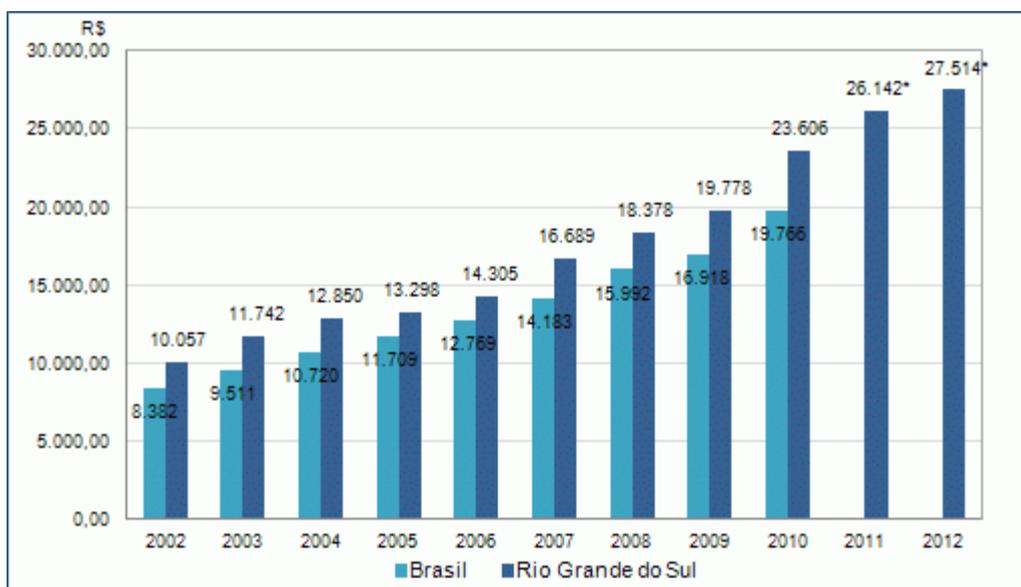
Fonte : ATLAS ECONOMICO RS – FEE

Publicado

<https://www.google.com.br/search?q=renda+per+capita+rs+2011&tbn=isch&imgil=iPGZeipv1mroiM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcS80wyiceAJcKUD6iSaN7dhOkdqelHIVqWJ->

6sAc2s2qb9IBFYk%253B652%253B408%253BUgq5nnZrbokYFM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Feconomia.iq.com.br%25252Fbrasil-chega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq=_h6Z300HviRxLFkQBt_m_pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-HU9XYJ4GP8qGzi4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc=_&imgdii=3l-_zfKdYbnztM%3A%3BjaKN_8AAMqnz9M%3B3l-_zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-_zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIKIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela_renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%253Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteudo%253D1649%3B539%3B311

Nas dimensões de *Longevidade e Segurança*, os gaúchos aparecem no iRS em 2º lugar e em 5º em *Padrão de Vida*. Temos piorado em termos de *Educação*, ficando hoje em 8º. Lugar, o que se refletiu num IDH do ano 2010.



Fonte: FEE.Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Contabilidade Social e IBGE.Diretoria de Pesquisas/Coordenação de Contas Nacionais

*RS: Estimativas 2011 e 2012

Nota: Não há dados disponíveis para Brasil 2011 e 2012

Com uma população em torno de 11 milhões de habitantes, Censo de 2010, quinto maior contingente no país, o Rio Grande do Sul é a quarta maior economia no concerto nacional: 6,8%do PIB nacional, em 2010, superado apenas por [São Paulo](#), [Rio de Janeiro](#) e [Minas Gerais](#), respectivamente. Isto porque tem mantido taxas anuais de crescimento do PIB, nas últimas décadas, muito próximas do PIB nacional, embora baixas, sendo de 2,5% do PIB/Br e 2,1% do PIB/RS. Em 2013, surpreendeu com o mais alto PIB estadual, reflexo da recuperação do mau ano agrícola anterior: 6,8%. Ressalte-se, a propósito, que a posição gaúcha se mantém, a despeito da expansão da fronteira agrícola no rumo norte do país com, o conseqüente aumento do relevo dos Estados beneficiados, outrora inexpressivos, na Renda Nacional.

Dados sintetizados das economias brasileira e gaúcha — 1980-2008

VARIÁVEIS	1980-89	1990-99	2000-08
PIB no Brasil (% médio ao ano)	1,7	2,4	3,6

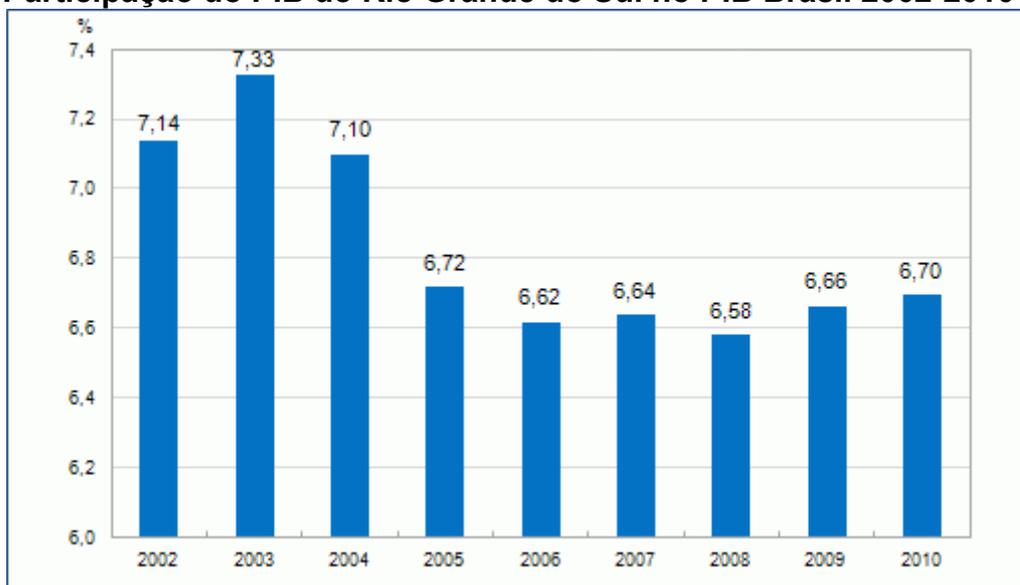
PIB no RS (% médio ao ano) (2) 1,0 2,7 2,6

FONTE: Fundação de Economia e Estatística/Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Contas Regionais.

(1) Média no período 2,5% a.a.

(2) Média no período 2,1% a.a.

Participação do PIB do Rio Grande do Sul no PIB Brasil 2002-2010 (%)



Fonte: FEE. Núcleo de Contabilidade Social e IBGE. Coordenação de Contas Nacionais

Além das boas performances em termos de participação do PIB/RS no PIB/Br e PIB/RS per capita, o Estado tem um dos melhores índices de distribuição de renda no país, graças ao processo de ocupação, fundado na colonização e pequena propriedade, o que se reflete numa vigorosa classe média, com forte impacto no mercado regional. Pesquisas recentemente divulgada, abaixo, dá conta que na década da inclusão, de 2004 para 2014, famílias estavam nas classes de renda alta e média passaram de 69% para 88% das famílias, enquanto as vulneráveis e pobres teriam passado de 31% para 12%, evidenciando não só os efeitos positivos das Políticas Sociais da Era Petista, mas, também, certamente, o dinamismo da economia local.

OS NÚMEROS DA PUBLICAÇÃO		
Critério de classificação econômica		
Nomenclaturas	Valor per capita mensal	Renda familiar mensal média
A - Alta classe alta	Acima de R\$ 2.728	R\$ 14.285
B - Baixa classe alta	R\$ 1.120,01 a R\$ 2.728	R\$ 5.329
C1 - Alta classe média	R\$ 705,01 a R\$ 1.120	R\$ 3.094
C2 - Média classe média	R\$ 485,01 a R\$ 705	R\$ 2.117
C3 - Baixa classe média	R\$ 320,01 a R\$ 485	R\$ 1.694
D1 - Vulnerável	R\$ 178,01 a R\$ 320	R\$ 1.133
D2 - Pobre	R\$ 89,01 a R\$ 178	R\$ 713
E - Extremamente pobre	Até R\$ 89	R\$ 250

COMO ERA EM 2004	COMO ESTÁ EM 2014	A PROJEÇÃO PARA 2024
POPULAÇÃO: 10 MILHÕES CLASSE ALTA: 17% CLASSE MÉDIA: 52%	POPULAÇÃO: 11 MILHÕES CLASSE ALTA: 31% CLASSE MÉDIA: 57%	POPULAÇÃO: 12 MILHÕES CLASSE ALTA: 34% CLASSE MÉDIA: 62%
MASSA DE RENDA DA CLASSE MÉDIA, NO RS, É DE R\$ 68 BILHÕES. PROJEÇÃO DE GASTOS EM 2014		
ALIMENTAÇÃO - R\$ 20 BILHÕES	ELETRDOMÉSTICOS - R\$ 4 BI	MEDICAMENTOS - R\$ 5,8 BILHÕES
CLASSE ALTA: R\$ 6,7 BILHÕES (34%) CLASSE MÉDIA: R\$ 10,1 BILHÕES (50%) CLASSE BAIXA: R\$ 3,2 BILHÕES (16%)	CLASSE ALTA: R\$ 1,5 BILHÃO (37%) CLASSE MÉDIA: R\$ 2 BILHÕES (51%) CLASSE BAIXA: R\$ 0,5 BILHÕES (12%)	CLASSE ALTA: R\$ 2 BILHÕES (34%) CLASSE MÉDIA: R\$ 3 BILHÕES (52%) CLASSE BAIXA: R\$ 0,8 BILHÕES (14%)

Fonte – DAPOPULAR – Publicado Zero Hora 10 de maio 2014

A Região Metropolitana de Porto Alegre, a propósito, maior pólo da economia regional, uma das cabeças de ponte do Eixo Metal Mecânico que o liga a Caxias do Sul, tem a menor taxa de desemprego (3,2%), medida pelo IBGE, nas capitais pesquisadas, o que se refletiu numa pequena melhora no rendimento dos trabalhadores nos últimos doze meses, a partir de abril 2013 (DIEESE) :

A maior elevação de rendimento dos ocupados ocorreu em Belo Horizonte, com reajuste de 1,5% e valor de R\$ 1.905, seguido de Porto Alegre (com 1,2% e R\$ 1.856) e São Paulo (com 0,8% e R\$ 1.914).

<http://www.monitormercantil.com.br/index.php?pagina=Noticias&Noticia=153067&Categoria=CONJUNTURA>

Estimativas do Mês de Abril de 2014 (em mil pessoas)

Região Metropolitana : Porto Alegre

Em mil pessoas

Idade Mínima: 10 anos

Especificação	abr/13	mar/14
Pessoas em Idade Ativa	3.509	3.521
Pessoas Economicamente Ativas	2.001	1.968
Pessoas Não Economicamente Ativas	1.508	1.553

Pessoas Ocupadas	1.922	1.906	1.925
Pessoas Desocupadas	79	62	64
Pessoas Marginalmente Ligadas à PEA	49	42	42
Pessoas Desalentadas	0	0	0
Pessoas que Saíram do Último Trabalho no PR 365 Dias	161	151	150
Pessoas Subocupadas por Insuf. Horas Trabalhadas	46	36	35
Pessoas Ocupadas c/ Rend. Hora Sal.Min./Hora	224	149	150
Emp. com Carteira de Trabalho Assinada no setor privado(*)	967	987	989
Emp. sem Carteira de Trabalho Assinada no setor privado(**)	202	164	175
Taxa de Ocupação	96,0	96,8	96,8
Taxa de Desocupação	4,0	3,2	3,2

Fonte : PME IBGE

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pme_2014_04rs_01.shtm

Tais informações se confirmam quando verificamos que Porto Alegre, capital, teve em 2010, uma das maiores rendas percapita do país, já tendo ocupado a primeira posição uma década antes:

Capital	Renda per capita 2000	Renda per capita 2010	Crescimento descontada a inflação	Rank 2000	Rank 2010
Florianópolis	R\$ 839,56	R\$ 1.905,06	30%	2	1
Vitória	R\$ 790,12	R\$ 1.801,49	32%	3	2
Porto Alegre	R\$ 862,96	R\$ 1.783,61	10%	1	3
Brasília	R\$ 741,40	R\$ 1.774,39	43%	5	4
Rio de Janeiro	R\$ 740,54	R\$ 1.518,55	9%	7	5
Curitiba	R\$ 740,96	R\$ 1.516,17	8%	6	6
São Paulo	R\$ 745,70	R\$ 1.495,04	4%	4	7
Belo Horizonte	R\$ 687,95	R\$ 1.493,21	21%	8	8
Goiânia	R\$ 584,94	R\$ 1.268,41	20%	9	9
Cuiabá	R\$ 528,02	R\$ 1.111,75	14%	10	10
Recife	R\$ 477,88	R\$ 1.105,13	35%	11	11
Palmas	R\$ 442,65	R\$ 1.102,64	53%	13	12
Aracaju	R\$ 416,38	R\$ 1.062,49	59%	15	13
Campo Grande	R\$ 458,52	R\$ 1.048,50	32%	12	14
João Pessoa	R\$ 398,11	R\$ 971,15	47%	17	15
Natal	R\$ 410,20	R\$ 968,66	40%	16	16
Salvador	R\$ 426,52	R\$ 956,24	28%	14	17
Porto Velho	R\$ 375,72	R\$ 929,83	51%	19	18
Belém	R\$ 378,47	R\$ 866,19	32%	18	19
Fortaleza	R\$ 375,02	R\$ 857,54	32%	20	20
Boa Vista	R\$ 365,64	R\$ 852,64	37%	21	21
Macapá	R\$ 319,05	R\$ 814,74	59%	24	22
Manaus	R\$ 330,02	R\$ 812,41	50%	23	23
Maceió	R\$ 347,33	R\$ 810,75	37%	22	24
Rio Branco	R\$ 307,09	R\$ 795,08	62%	26	25
São Luís	R\$ 309,38	R\$ 794,76	60%	25	26
Teresina	R\$ 299,20	R\$ 758,99	57%	27	27

Fonte – FEE
Publicado em

<https://www.google.com.br/search?q=renda+per+capita+rs+2011&tbm=isch&imgil=iPGZeipv1mroiM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcS80wyiceAJcKUD6iSaN7dhOkdqelHIVqWJ-6sAc2s2qb9IBFYk%253B652%253B408%253BUgG5nnZrbokYFM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Feconomia.ig>

[com.br%25252Fbrasil-cheega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-
 agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq= h6Z300HviRxLFkQbt m pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-
 HU9XYJ4GP8qGzi4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc= &imgdii=3l-
 _zfKdYbnztM%3A%3BuKuXzzLq4Z39GM%3B3l- zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-
 _zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIkIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela
 _renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%2
 53Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteu
 do%253D1649%3B539%3B311](http://com.br%25252Fbrasil-cheega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-

 agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq= h6Z300HviRxLFkQbt m pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-

 HU9XYJ4GP8qGzi4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc= &imgdii=3l-

 _zfKdYbnztM%3A%3BuKuXzzLq4Z39GM%3B3l- zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-

 _zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIkIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela

 _renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%2

 53Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteu

 do%253D1649%3B539%3B311)

Caberia um parágrafo para se indagar como o Rio Grande do Sul perdeu a corrida para outro estado tradicional: Minas Gerais. Uma explicação estrutural: Minas tem mais do dobro da população gaúcha, tendo evitado, por características de sua estrutura agrária, a expulsão de grandes contingentes, num território não só mais expressivo, como detentor de várias áreas de cerrado, propícias ao cultivo de commodities, e vastas áreas de mineração – é sede da Vale do Rio Doce ! -, ambas beneficiadas com o boom de preços na década passada.

Minas Gerais

<u>Área</u>	
- Total	586 522,122 <u>km²</u> (4 ^o) ¹
<u>População</u> <u>2013</u>	
- Estimativa	20 593 366 hab. (2 ^o) ²
- Densidade	35,11 hab./km ² (14 ^o)
<u>Economia</u> <u>2010</u>³	
- PIB	R\$351.381 bilhões (3 ^o)
- PIB per capita	R\$17.931 (10 ^o)

Antes disso, porém, uma geração de economistas, no período 1950-80, tão brilhante quanto os gaúchos, mas com a diferença de que, no Governo, contrariamente ao que aqui ocorreu (...), esmeraram-se e implementaram o que se tornou um clássico : O Diagnóstico da Economia Mineira, de 1968. A principal peça instrumental deste instrumento foi a criação do Instituto de Desenvolvimento Industrial – INDI - , sem equivalente até hoje no Rio Grande do Sul, cuja ação mudaria, já nos anos 70, o perfil da economia mineira predispondo-a ao salto tecnológico – (Ver Marcelo Magalhães Godoy , Daniel Henrique Diniz Barbosa, Lidiany Silva Barbosa TEXTO PARA DISCUSSÃO N^o 347 - O Diagnóstico da Economia Mineira de 1968 e o planejamento do desenvolvimento de Minas Gerais - <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20347.pdf>).

De qualquer forma, a performance da economia gaúcha, tanto histórica, como “celeiro do Brasil” , na condição de “primário-exportadora-interna”, como mais complexa e integrada nas últimas décadas, com uma surpreendente resposta na produção de bens de capital, numa curiosa transmutação rumo a um

modelo “indústria pesada-exportadora-interna” , oferece uma “alta” qualidade de vida a seus habitantes, tal como comprova o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – . Os indicadores mais destacados do Distrito Federal e Santa Catarina, explicam-se por razões geográficas e demográficas. O Rio Grande tem uma população não só expressiva, como já onerada com elevado número de idosos.

Classificação das unidades da federação por IDH-M - 2010

- ▲ = aumento nos dados - comparado aos dados anteriores;
- = dados mantiveram-se os mesmos da medição anterior;
- ▼ = diminuição nos dados - comparada aos dados anteriores.

■ 0,800 – 1 (Muito alto) ■ 0,700 - 0,799 (Alto)

Posição		Unidades federativas	IDH-M	
Dados de 2010 ²	Comparados aos de 2000 ³		Em 2010	Em 2000
1	— (0)	 Distrito Federal	▲ 0,824	▲ 0,725
2	— (0)	 São Paulo	▲ 0,783	▲ 0,702
3	— (0)	 Santa Catarina	▲ 0,774	▲ 0,674
4	▲ (1)	 Rio de Janeiro	▲ 0,761	▲ 0,664
5	▲ (1)	 Paraná	▲ 0,749	▲ 0,650
6	▼ (2)	 Rio Grande do Sul	▲ 0,746	▲ 0,664

A idéia de crise na economia gaúcha vem de longa data. Em meados do Século XX ficou consagrado um conjunto de reportagens do Journ. Franklin de Oliveira, sob o título "Rio Grande do Sul, um novo Nordeste". A só referencia ao nordeste induz à idéia de empobrecimento e crise. Comoveu as autoridades e influenciou duas gerações de analistas. Mais recentemente, Luiz Roberto Targa, diligente pesquisador da FEE, na Revista Ensaio 1989, teceu um conjunto de comentários sobre que classifica como "Paradigmas da Economia Gaúcha", evidenciando os supostos equívocos destes analistas ao pensarem-na como isolada do resto do país, ou mero apêndice. Hoje, com epicentro nesta veneranda instituição, é outro o estado de espírito quanto à dinâmica da economia riograndense. Mas persiste a sinistrose em outros círculos de opinião, devido a vários fatores.

Um fator que induz à sensação de crise é o parcelamento da terra na zona de colonização, acarretando uma histórica expulsão de agricultores, primeiro para o oeste de Santa Catarina e Paraná, hoje para o Planalto Central.

Outro fato marcante da economia regional é seu forte componente agropastoril, o qual vem sofrendo sucessivas perdas de safra e decadência em áreas mais afetadas em decorrência das turbulências ambientais.

Não obstante, o Rio Grande do Sul, apesar de vários fatores adversos assinalados por técnicos da FEE, principalmente sua *ex-cêntrica* posição distante dos grandes centros consumidores do Macro Eixo Rio-São Paulo, vem acompanhando o ritmo nacional com incrementos na produtividade da agro-pecuária e mudança estrutural no setor industrial. Isto, apesar: (1) das sensíveis transferências de renda para outras unidas, via hipervalorização cambial; (2) outro montante de transferências para unidades da federação com maior acesso à subsídios e maciços investimentos federais; e (3) transferências para outras delas, menos favorecidas, via Fundos de Participação. Este último processo, aceitável como dever redistributivo no contexto federativo, revela-se, entretanto, altamente discutível quando se tem presente que o Pacto Federativo vigente no Brasil é uma grande fantasia, sob a qual mantêm-se, com recursos dos Estados mais ricos e produtivos, uma oligarquia política nos Estados com menor nível de desenvolvimento, altamente retrógrada e corrupta, como assinala um estudioso deste processo no Brasil, e que mercê do peso numérico de suas bancadas no Congresso Nacional, acabam dominando o cenário político nacional:

*Los tres índices más altos (de corrupción) correspondieron a la región
nordeste (Maranhão, Piauí y Bahia), mientras que los
dos más bajos estuvieron en el sur (Rio Grande do Sul
y Santa Catarina)*

*(Desigualdad de los ingresos en el Brasil. ¿Qué ha cambiado en los últimos
años?*

Helder Ferreira de Mendonça y Diogo Martins Esteves)

http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/2/52482/RVE112Ferreira_de_Mendonca.pdf

Uma rápida avaliação, por exemplo, entre o que a União recolhe no Rio Grande do Sul, a título de impostos de sua competência, e o que devolve ao Estado através dos Fundos de Participação (FPE + FPM) revela que ficamos com apenas um décimo.

Ou seja, o Estado não só mantém sua performance, como contribui para o desenvolvimento do país, tanto no sentido da economia nacional, como regionais.

Não se confirma, portanto, a idéia de crise da economia rio-grandense apesar desta apresentar lacunas localizadas, principalmente na infra-estrutura, associadas à insuficiência dinâmica do Setor Público, e ritmos pouco animadores, aliás, associados ao baixo dinamismo do eixo central da economia do país, localizado em São Paulo e Rio de Janeiro.

O marxismo e o pé de feijão..

Paulo Timm – julho, 30 / 2014 –

“ou um abandonar-se às coisas com serenidade...(resguardando poéticamente em vez de fabricar)... e pôr-se no caminho por onde advém o que salva”

Heidegger, apud Zeljko Loparic in ETICA E FINITUDE, Ed. Escuta



Quando criança, uma das histórias que mais me fascinava era aquela do pezinho de feijão que crescia...crescia....crescia... até chegar ao céu. Parece que lá em cima havia um castelo meio encantado..Ficava eu imaginando a maravilha da “viagem”.

Não sei porquê esta lembrança me vem à cabeça. Mas é que hoje, por vez primeira, depois de uma penosa cirurgia e meses de tensões acumuladas – até onde o mal? Até onde a maldade? -, saí à rua para passear. Ia sem lenço, nem documento, como um jovem e Doce Bárbaro, *del aire al aire, como una rede vacia*, mãos dadas com Neruda nas “Alturas de Machu Pichu”. Só que sem qualquer overdose de mim mesmo. Eu, apenas, com minhas lembranças,

vendo aqui e ali, nestas imagens que perpasso desde menino, no centro de Porto Alegre, os recortes do dia: Copa do Mundo. Hoje joga nos “Eucaliptos” - (?) opa! ,Beira Rio!!!! – Alemanha contra Argélia. As ruas apinhadas de gente, um sol generoso pela manhã bem cedo, que logo dá lugar ao plúmbeo inverno. Ninguém liga. Por todo lado, na Rua da Praia, vendedores de bugigangas, CDs piratas, carrocinhas de gulodices entremeadas por vendedores de cocadas e amendoins – ambos irresistíveis, mas sinto falta daqueles quadradinhos de papel esverdeado feitos com nozes - . Uma banda alemã salta da OKTOBERFEST, com vários casais vestidos a rigor entrelaçando passos, junta um monte de gente ao seu redor. Todos se entusiasma...Alguns alemães, turistas, ficam pasmos... O Brasil existe ? pergunta-se o poeta. E os brasileiros...? Ponto nevrálgico da efervescência é a esquina com a Borges de Medeiros. Procuo num canto a Agência da VARIG. Exercício de memória. Antes da VARIG lá existia uma agencia da PANAIR DO BRASIL. Ambas se foram...Tudo passa. Como dizia Simone de Beauvoir, até a vida: “ *Quando somos jovens pensamos que temos uma vida pela frente. Depois, a imaginamos para trás. Tudo ilusão. Nunca se tem a vida. Ela simplesmente passa...*” Remoo um sentimento negativo contra a crônica de Ernani Ssó no Sul21. Por que lembrar a boca suja de La Beauvoir, quando o que fica de todo o bom escritor, como ele próprio – e ela - é sua obra, não seus deslizos humanos? Ou sua vida. Vá o feito! Sigo em frente, vou atrás das ofertas dos sebos das redondezas. (Depois assinarei o ponto no Café do Mercado). Sempre que encontro algum clássico ao preço de banana, cumpro o ritual de retirá-lo do vexame. Onde já se viu um “A Leste do Éden”, ou um [Marguerite Yourcenar](#), Hemingway, Sthendal ou Victor Hugo, ou “Contos de Huxley ou James Joyce , ficar exposto ao público, exangue...?

Mas que surpresa! Hoje , pela pechincha de R\$ 5,00 encontro “Perspectivas do Homem”, do Roger Garaudy. Pego e pago logo, com medo de que alguém o faça antes de mim...Quem dera...! Ninguém mais deve saber quem foi Garaudy. Como já não sabem quem foi Lewis Mumford, que teve seu belo livro “ A condição de Homem” publicado pela Editora Globo no início da década de 50. E assim como Mumford deve ter impressionado a geração da “Revista Província de São Pedro”, Garaudy impressionou a minha, em Porto Alegre , uma década depois. Fico me perguntando que livro ou livros teriam causado algum impacto na geração ainda anterior, de “A Federação” - <http://hemerotecadigital.bn.br/registros> - , cujo líder maior, Julio de Castilhos,

moldaria não só o Rio Grande do Sul republicano, mas, pelo seu descendente Getúlio Vargas, o Brasil Moderno pós-30...?

Voltemos ao “Perspectivas do Homem”. Era um livro caro. Ou será que o consegui “via Grego”...? A verdade é que meu exemplar, que li freneticamente, ficou pelo mundo. Tratava-se de um roteiro da Filosofia francesa com enorme ênfase na defesa do marxismo. Como não ler? Naquela época, como o próprio Garaudy, que depois (des)encaminhar-se-ia pelo espiritualismo, frisa, todas as correntes de pensamento, da esquerda católica à direita só se desdobravam retoricamente, como uma resposta ao marxismo. Podia até haver variações teóricas e tático-estratégicas do marxismo. Isaac Deutscher e Hobsbawm trataram vastamente delas. Mas a herança de Marx espalhava-se pelo mundo como religião avassaladora, só comparável ao grande êxito de Maomé, no século VII. Para os conservadores, Igreja inclusive, tratava-se de uma erva daninha, que tinha que ser extirpada a qualquer preço, sob o invólucro da Guerra Fria. Para nós, entretanto, era uma inspiração à vida.

E agora me explico porque comecei pelo pé de feijão: O marxismo, para nós, ainda em meados da década de 60, não era uma plantinha qualquer. Era uma planta mágica, simples e compreensível como um pé de feijão, mas que nos elevava, pelo pensar soberano, nada mais, nada menos, do que à salvação da humanidade. Graças a ele seríamos retirados do Reino da Necessidade para um nova Era de Fraternidade.

Não resisto e vou até o Mercado reler algumas partes do “Perspectivas”, entre um gole e outro do bom cafezinho. Quanta familiaridade! Quanta revivescência! Ó tempos...! E tudo passou. De repente me ocorre que guardei o volume de Lewis Mumford, comprado na Livraria Sulina na descida da Borges, perto da Demétrio, onde eu morava com o saudoso Fábio Marengo, por quase 40 anos. Me recusava a ler quem não fosse marxista... e ele, Mumford, era um culturalista. Fui lê-lo e me apaixonei pelo livro, que sempre que posso presenteio a amigos, só em 2005. Então compreendi, de repente, porque já ninguém lê Garaudy. Simplesmente ele saiu da ordem do dia, como saiu a Revolução, como saiu a reflexão crítica do marxismo, como saiu aquela idéia que lhe era tão cara de que a história era feita com consciência de classe, jamais ódios e ressentimentos, o não lhe retirava nenhum radicalismo. Ao contrário. Mas comportava uma ação reflexiva sobre a História, capaz de conceber um sujeito – o proletariado - de

seus desdobramentos, ainda que emblemático, eticamente constituído e voltado à transformação do mundo através de uma calculada articulação prática entre o grande objetivo estratégico do socialismo e os passos indispensáveis ao salto. Era o fazer a História a partir da sua especificidade como condicionante de seu devir. Daí a condenação ao terrorismo, jogado à lixeira da História até que o fundamentalismo religioso, num *faux pax*, o ressuscitasse um século depois. Abria, aí, não só um espaço para o que ficaria conhecido como um arco de alianças políticas do Partido de classe, no rumo da transformação da sociedade, hoje reduzido à caricatura da governabilidade, mas uma ponte a construção de uma verdadeira hegemonia do proletariado a partir de pontos de convergência teórica com os campos opostos.

Como reitera, oportunamente, Garaudy (cit. Ed. Civilização Brasileira, 1965, pg. 351/2):

“ O balanço de nossa busca do homem, do homem total, não nos parece negativo. Sê-lo-ia se nos achássemos em presença de pensamentos irreduzivelmente opostos ou mesmo indefinidamente paralelos, sem possibilidades de encontros. Ora, pareceu-nos discernir, entre as diversas doutrinas contemporâneas, malgrado uma oposição fundamental ligada às perspectivas de classe, elementos de convergência.

Dois temas predominam:

(Transcendência e Movimento das forças operárias no mundo)...

Os dois pólos da atração da filosofia francesa contemporânea: transcendência e participação histórica (que correspondem, aliás, às duas dimensões essenciais da vida espiritual) , acham-se assim estreitamente vinculados às duas características fundamentais da situação histórica, às duas preocupações basilares de nossos contemporâneos: crise e revolução

Apesar da sugestão conciliadora da passagem, todo o livro é uma reafirmação do marxismo como inspiração à práxis da construção do socialismo, no qual algumas evocações, tais como o Partido-vanguarda do proletariado - e a inevitável passagem pela ditadura de classe ,no umbral da nova ordem hoje, nos soe como impróprios. Mas a doutrina era tão empolgante que não afastava os mais libertários espíritos do mundo, mesmo na crista do existencialismo, como Sartre. Apenas ressaltava ele: a tarefa do intelectual é ser leal – à missão histórica do proletariado - , mas crítico, o que lhe custou, e à sua companheira Simone de Beauvoir, a ira eventual do Partido Comunista Francês. É que a arte e a Filosofia percebem com muita antecipação o que só o tempo acabará ensinando aos militantes.

Tomo meu último gole de café e reflito:

A verdade é que o marxismo, a revolução e o socialismo como referências foram se extinguindo no fim da década de 60, agudizados, seja pelo conflito sino-soviético, seja pelas invasões da URSS sobre Polônia e Tchecosvária, seja pela generalização da crítica contra os gulags. O foquismo de Guevara na América Latina, com o apoio da Revolução Cubana, sob a palavra de ordem de incendiar o mundo com vários Vietnã, foi seu último suspiro, arrastando uma geração de combatentes contra as muralhas das ditaduras que se iam sucedendo no continente. Como sempre, foi um artista pouco afeito à essa agenda, John Lennon, quem o advertiu, precocemente, em 1970: - “ O sonho acabou...” Dez anos depois ele próprio seria silenciado por um insano tiro, depois de ter comovido os americanos em sua luta pela Paz , com o que se transformaria num verdadeiro slogan : "Give Peace a Chance" . A década posterior foi a pedra de cal : O muro de Berlim cai em 1989, a URSS desmorona em 1991, os tradicionais Partidos Comunistas da França, Itália e Espanha, até o o velho Partidão – PCB – no Brasil, reconvertem-se ao reformismo subserviente ao Consenso de Washington, coincidindo, paradoxalmente, com a identificação, por Norberto Bobbio, do Século XX como Século dos Direitos. Queríamos apenas o direito de fazer a Revolução e nos brindaram com uma enciclopédia deles justamente para que se confirmasse a hipótese de que a História chegaram ao seu fim. O sujeito potencial do devir capitula ao subjétil desejante de sociedades espetaculares globalizadas. O culto do corpo sucede o do espírito, o dos objetos à idéia que deles fazíamos, o da beleza visual o das virtudes, o da velocidade à carícia, anunciando um tempo em que os jovens se dispõem a morrer mais por baleias do que pela pátria, muito menos pela “classe”, que desconhecem, enquanto a tecnologia dá o grande salto à Era Cibernética. Esta - daí o nome, derivado do grego: piloto – introduz o inusitado, num verdadeiro salto qualitativo da civilização: o mecanismo da auto-regulação nos processos de reprodução. Tudo vira artefato. Acaba alterando não só a potência da comunicação, como o conjunto das relações em torno da produção, do poder, das artes e da Filosofia. O velho iluminismo fundado na esperança de razão vacila num pântano de novas (anti)narrativas. As Ciências Humanas desgarram do cientificismo galileico, evitam a idéia de progresso e evolução e se voltam cada vez mais às dimensões da subjetividade, do simbólico e do significativo. O “eterno retorno”...Não só Kant, Marx, mas até Freud

e mesmo a Teoria Crítica dos gurus da Escola de Frankfurt, que tanto nos embeberam na década de 60, envelhecem à luz de Lacan, Foucault e os novos Mestres Pensadores que lhes seguem.

Penso comigo: sobrevivi ao câncer e ao trauma da cirurgia. Mas cheguei à minha idade...

Encerro meu passeio, minha releitura do Garaudy, minhas reflexões diárias e esta coluna, feliz, como o sabiá de “Eis o Homem”, embora sozinho. Com saudades, sim, do meu querido século XX. Mas quê fazer...? Ele se foi e levou consigo não só meus melhores anos de juventude e muitos amigos. Levou o tempo, varrido pelo vento de mudanças que sequer percebíamos...Ao otimismo “cândido” daquela época, precocemente advertido por Voltaire, sucedeu-se o confronto com a finitude do homem e da metafísica, da qual não escapou o infinitismo salvacionista de Marx :

A morte das utopias e do messianismo secularizado sinaliza o meã-culpa das éticas infinitistas. Também perderam a força as idéias correlatas do progresso e da perfectibilidade do homem. A fantasia de criar o “novo homem”, quando prevaleceu, revelou-se um caminho de retorno à barbárie. O próprio conceito de história caiu em descrédito. Fala-se até em fim da história. Não no sentido do cumprimento de um destino, mas, pelo contrário, de substituição do “movimento de totalização” pela “administração total” dos conflitos que vão aparecendo.

(ÉTICA E FINITUDE - ETICA E FINITUDE - Ed. Escuta – Zeljko Loparic

Claro que muitos os ideais igualitários que vivenciamos no século XX continuam presentes na forte influência da esquerda na cena política latinoamericana. Basta ver o mapa abaixo, francamente dominado pelos diversos tons do vermelho:



Mas não se trata, aqui, de avaliar a sobrevivência daqueles ideais, enquanto parodias políticas. Apenas de verificar como eles perderam o poder irresistível de encantar gerações.

Canção da Torre Mais Alta (Arthur Rimbaud)

julho 3, 2013 [Conselheiro Acácio](#) [Deixe um comentário](#)



Mocidade presa

A tudo oprimida
 Por delicadeza
 Eu perdi a vida.
 Ah! Que o tempo venha
 Em que a alma se empenha.
 Eu me disse: cessa,
 Que ninguém te veja:
 E sem a promessa
 De algum bem que seja.

A ti só aspiro
Augusto retiro.
Tamanha paciência
Não me hei de esquecer.
Temor e dolência,
Aos céus fiz erguer.
E esta sede estranha
A ofuscar-me a entranha.
Qual o Prado imenso
Condenado a olvido,
Que cresce florido
De joio e de incenso
Ao feroz zunzum das
Moscas imundas.

<http://conselheiroacacio.wordpress.com/>

LEGADO HISTÓRICO

Paulo Timm – Especial para Eleições SUL21.- Julho 2014

“ A questão de saber se o pensamento humano pode chegar a uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas uma questão prática. É na prática que é preciso que o homem prove a verdade... A discussão sobre a realidade ou a irrealidade do pensamento, isolada da prática, é puramente escolástica.”

Marx & Engels, in Teses Sobre Feuerbach, publicada Études Philosophiques, Éd. Sociales, Paris, 1961 – citada por Luiz Pereira em Ensaios de Sociologia do Desenvolvimento , Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais , SP, 1970 pg. 30

“Ainda que não haja nenhum tanque no gramado da Casa Branca, em Washington se produziu um golpe de Estado militar. Em 2008, enquanto seus devotos liberais enxugavam as lágrimas, Obama aceitou em sua totalidade o Pentágono que lhe legava seu predecessor George Bush, completo com todas suas guerras e crimes de guerra. Enquanto a Constituição vai sendo substituída por um incipiente Estado policial, os mesmos que destruíram o Iraque a base de comoção e pavor, que converteram o Afeganistão em uma pilha de escombros e que reduziram a Líbia a um pesadelo hobbesiano, esses mesmos são os que estão ascendendo na administração estadunidense”

(John Pilger - O silencioso golpe militar que se apoderou de Washington)

“Na maior parte dos países do mundo capitalista, os movimentos trabalhistas e os partidos política de esquerda ainda têm de desligar o seu destino daquele do capital monopolista, conduzido pelo lucro, do sistema governado pelo mercado. Eles são como navios em águas turbulentas relutantes em levarem suas embarcações e tripulações para o porto. Eles estão simplesmente a confiar em que a tempestade se acalme. Não estão preparados nem para a expectativa de um novo furacão nem para um naufrágio”

(Zoltan Zigedy in Nuvens Tempestuosas)

A mentira neoconservadora que continua a ser usada como justificativa por trás das chamadas ‘guerras de hegemonia’ de Washington é a mentira de que os EUA estariam levando democracia aos países que invade, ocupa e destrói com bombardeios. Mal parafraseando Mao, “a democracia nasce do cano do fuzil...”

...Os EUA estão distribuindo guerras civis e países estilhaçados, pelo mundo. Exatamente o que o presidente Bill Clinton distribuiu na ex-Iugoslávia. Quanto maior o número de países desmontados, reduzidos a cacos e dilacerados por guerras entre grupos locais rivais... maior o poder de Washington...

Psicopatas, sociopatas, doidos varridos e idiotas ‘normais’ que mandam em Washington estão arrastando os EUA e o mundo, para vastíssima desgraça. Os governos que se sucedem em
...Washington – tanto faz que sejam governos Democratas ou Republicanos – , e independente de quem venha a ser o próximo presidente dos EUA são, hoje, a mais grave ameaça à vida nesse planeta, que jamais houve, em todos os tempos. Como se não bastasse, os criminosos de Washington contam com a cumplicidade incondicional da empresa-imprensa. ”

Paul Craig Roberts, Institute of Political Economy in O mundo sobreviverá à ambição arrogante de Washington?

“Com republicanos, como George W. Bush, ou democratas, como Bill Clinton e Barack Obama (cujo Iraque pode ser o Afeganistão e, mais tarde, o Irã), “a potência hegemônica precisa da competição e da guerra, para seguir acumulando poder e riqueza. E para se expandir, muitas vezes, ela precisa ir além e destruir as próprias regras e instituições que ela mesma construiu, num momento anterior, depois de alguma grande vitória. Por isto, neste ‘universo em expansão’ nunca houve nem haverá ‘paz perpétua’, nem hegemonia estável. Trata-se de um ‘universo’ que precisa da guerra e das crises para poder se ordenar e ‘estabilizar’ —

sempre de forma transitória — e manter suas relações e estruturas hierárquicas”.

Euler de França Belém in
Colapso americano é um mito criado pela esquerda? Uma resenha ao livro O
Colapso Americano de J.L.Fiori

“Os Estados Unidos experimentaram a maior reviravolta política da sua história recente: a transformação de um florescente estado providência (welfare state) num estado policial altamente intrusivo, profundamente arraigado e em rápida expansão, ligado às mais desenvolvidas inovações tecnológicas”

James Petras in A Grande Transformação: Do Estado providência ao Estado
policial imperial

*

A Revolução Francesa – 1789 – consagrou a instauração de uma nova ordem social – competitiva - no mundo ocidental, fundada na racionalização da cultura, num regime social de classes e na economia liberal de mercado, tudo isso sublimado pela consigna de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. A sociedade burguesa que daí resultou estava longe, porém, de idílica, ainda que os suspiros das Luzes apontassem para uma Nova Era de soberania de razão como guia da paz e prosperidade. Cedo evidenciou uma polarização entre os novos detentores da riqueza, os senhores das propriedades e dos negócios e a grande massa de trabalhadores arrancados de seus meios de vida no campo e transformados em proletários. Na verdade, o mundo mudou muito nos últimos 200 anos : a população mundial saltou de pouco menos de 1 bilhão de pessoas para 7 bilhões, evidenciando as potencialidades produtivas desencadeadas pelo capitalismo, surpreendentes, até, para seu maior crítico, Karl Marx, como registrou no seu libelo “ O manifesto Comunista”, de 1848.

POPULAÇÃO MUNDIAL

Ano Bilhões de Pessoas

1802	1
1928	2
1961	3
1974	4
1987	5

1999	6
2011	7

Nos países centrais da Europa e Estados Unidos, com grande poder de intervenção colonial- e neocolonial - sobre hemisfério sul o crescimento econômico permitiu uma elevação dos níveis de vida do conjunto de seus povos e a criação de uma vasta sociedade de consumo de massas. Não obstante, como demonstra o recente estudo do Economista francês, Pickety – “O capitalismo no Século XXI” – o caráter cada vez mais concentrador da riqueza, da renda e do poder no interior deste sistema é cada mais evidente. Desde suas origens, pois, a sociedade burguesa gravita em torno do conflito Capital x Trabalho, do qual destilou três atitudes políticas, as duas primeiras primordiais e antagônicas, a terceira, conciliadora, que vai se distinguir só no século XX :

1.Conservadora - , que se apropria da consigna libertária herdada de autores como Locke e J.Stuart Mill, reatualizados por Hayeck e Milton Friedman, e se satisfaz com o ritmo imanente das mudanças intrínsecas à ordem competitiva, reagindo à intervenções externas ;

2.Revolucionária, que se inspira no ideal igualitário - e se contrapõe à dominação do capital -, propondo desde Rousseau , mas especialmente com Karl Marx e Lenin, sua substituição por uma economia socialista centralmente planificada

3.Reformista, que acredita na possibilidade de fazer do Estado um estratégico instrumento de mudanças de forma a regular crescentemente a economia e a sociedade com vistas ao bem estar , tendo em Max Weber e J.M. Keynes poderosas sustentações teóricas.

Claro que tais posições admitiram variações internas ao longo do tempo e da geografia do mundo.

O liberalismo conservador avançou, entre os séculos XIX e XX de uma receita de princípios rígidos para a aceitação, quase inevitável, do Estado na economia ainda que, sempre, mínimo, ou, nas crises econômicas, em defesa do capital. Os revolucionários, que foram conformando o espectro da esquerda no mundo inteiro, diretamente ligado à experiência soviética em 1917, condensaram-se nos Partidos Comunistas. Foram, também, divergindo, não só sobre o que deveria ser a nova sociedade, mas, principalmente, sobre os caminhos táticos e estratégicos para alcançá-la. Todos concordam, no entanto, que o socialismo é uma etapa superior da História da humanidade, numa paródia do melhor dos mundos e que ele passa pela liquidação do sistema de poder que sustenta a ordem capitalista.

Os reformistas, enfim, oriundos em grande parte das frustrações, sejam pessoais, sejam ideais, sejam intelectuais com a polarização direita x

esquerda, divergem ainda mais sobre os caminhos para o que consideram um Estado de Bem Estar e Garantias Sociais como alternativa a um mundo melhor. Na Europa eles coincidiram, independentemente do nome do Partido ao qual se vincularam, com o que se entende como social-democracia. A idéia mesma de desenvolvimento com maiores garantias sociais, porém, se estendeu internacionalmente e acabou ganhando força e vigor no Terceiro Mundo ao longo do século XX, constituindo uma alternativa à esquerda revolucionária, contra a qual muitas vezes se chocou com violência, como 1935, no Brasil. Não por acaso, em plena Guerra Fria, quando o confronto USA x URSS parecia enrijecer as posições em conflito a ponto de explodir o mundo numa guerra nuclear, criou-se o “Movimento dos Não Alinhados”. Neste sentido, pode-se identificar um amplo arco de experiências que vão de Vargas no Brasil ao Partido Baath no Iraque de Sadam Hussein, no Iraque, ou de Al Assad, na Síria atual, como um tipo de reformismo secular de inspiração social-democrata.

A década de 80 do século passado, com epicentro no ano de 1989, porém, nos brindaria com significativas alterações no cenário ideológico moderno. Vários processos transcorrem simultaneamente, começando pelo salto propiciado pela cibernética que entrega uma nova articulação entre tecnologia, forma de comunicação e visão de mundo, agora reduzido a uma aldeia eletrônica interconectada e institucionalmente desenhada de acordo com princípios de governança e liberalização e conceitos associados, como o conceito de concorrência. Há também, a emergência de uma nova consciência ambiental sobre a limitação dos recursos naturais do planeta, a qual desembocara na Conferência Rio-92. Nada desprezível é o fato, também, de que à avalanche progressista de caráter secular comece a se contrapor a rejeição a este modelo, dito “ocidental”, por defensores de um retorno ao fundamentalismo religioso, cujo primeiro ato visível foi a Revolução dos Aiatolás no Irã, em 1979. Mas, sobretudo, a década de 80 coincide com o amadurecimento de contradições internas nos dois pólos da Guerra Fria - USA x URSS – http://www.torres-rs.tv/site/pags/almanaque_vocesabia2.php?id=1706%22, que acabariam conduzindo, do lado americano ao enrijecimento conservador de sua inspiração ideológica, com o conhecido Consenso de Washington (1989) e do lado soviético, ao contrário, pela liberalização de sua experiência sob o socialismo real, conduzida pelo Premiê Gorbachev com a Perestroika, que resultou, passando pela queda do Muro de Berlim, em 1989, à dissolução do próprio Estado soviético dois anos depois. Entrementes, fruto dos novos padrões da concorrência globalizada sob forte financeirização da economia, depois da reconstrução do Japão e Alemanha e emergência de novos pólos industrializados ao redor do mundo, à qual se acrescentará em seguida a China, os países europeus de inspiração social-democrata também se encontram com limites ao Estado de Bem Estar .

Tudo isto se reflete no panorama ideológico do fim do século XX. Com a queda da URSS, particularmente, abate-se uma crise profunda na da esquerda revolucionária, já abalada na década de 70 com um conjunto de proposições que ficaram conhecidas como “Eurocomunismo”. A idéia central do assalto ao poder através de uma Revolução Socialista se desatualiza no mundo inteiro,

revertendo os antigos (Partidos) comunistas ao reformismo. Mas a social-democracia, especialmente na Europa, outrora guardiã do que se considerava uma sociedade mais humana e civilizada pelas garantias sociais e que poderia se ter fortalecido neste processo, também está em crise. Quando mais necessária seria para se contrapor ao neoliberalismo do Consenso de Washington, mais “amarela” e menos se faz presente. Acaba rendendo-se. Nesse contexto, no qual se anuncia “O Fim da História”, os Estados Unidos consolidam uma dominação unipolar sobre o planeta, capaz de influenciar não apenas os Estados, como as instituições multilaterais criadas no pós-guerra como Banco Mundial, FMI e a própria ONU (Naomi Klein em A doutrina do choque) As únicas exceções ao monólito conservador são algumas reminiscências do bloco soviético, como Milosevic, na Sérvia, de triste fim num julgamento controvertido no Tribunal Internacional, a esdrúxula Coreia do Norte, Cuba, em difícil situação econômica com o término da ajuda econômica da URSS, a Líbia, a Síria, o Iraque e, surpreendentemente alguns países latino-americanos com alguma tradição reformista, nenhum deles, entretanto, numa atitude de confronto com o irmão do norte. Já o Irã e um conjunto de organizações fundamentalistas muçulmanas, o preferem, trazendo um elemento de tensões internacionais inusitadas que acabariam, depois do ato contra as Torres Gêmeas, em 2001, nas sucessivas Guerras contra o Afeganistão, arrastando todo o Oriente Médio para uma era de conflitos internos e externos.

Este processo, embora prenhe de tensões, perdura até a Crise de 2008: a maior débacle do sistema capitalista desde 1929. A economia americana entra em colapso, a Europa se desorganiza e chega a ter 26 milhões de desempregados, países inteiros se desagregam como a Grécia, ameaçando a União Europeia, o mundo emperra. Curiosamente, já neste preciso momento a China emerge, depois da conversão de sua economia ao mercado globalizado, como um contraponto dinâmico da economia mundial, despontando como líder do comércio internacional e breve superioridade econômica propiciando, graças a isto, uma janela de oportunidades para algumas economias complementares com alguma capacidade de exportação de commodities. Graças a isto despontam o Brasil, redesenhado como um fazendeiro exportador, a Rússia, como fornecedora de petróleo, a Índia e a África do Sul. Daí que estes países entrem em negociações para criar um pólo- BRICS - de interesses comuns capazes de se personalizar, embora sem confronto direto e ameaçador aos Estados Unidos, voltados à desdolarização da economia mundial e à criação de instrumentos financeiros próprios para o financiamento de projetos de longo prazo.

Enfim, o colapso da URSS como fonte de inspiração da esquerda revolucionária no fim do século passado, associado ao enrijecimento da dominação americana com o Consenso de Washington, mais agudo, ainda diante da crise de 2008, leva a que o arco ideológico herdado da Revolução Francesa se altere rapidamente. Já não podemos mais falar genericamente e nos mesmos termos clássicos entre direita x esquerda, como metáfora da conservação x revolução, mediados pela social democracia. Hoje estamos vivenciando, sim, uma radicalização crescente de um conservadorismo que já se imaginava ultrapassado e que compromete não só garantias sociais na Europa mas instituições caras de defesa do cidadão nos Estados Unidos,

levando muitos de seus concidadãos à atitudes desesperadas como Snowden (exilado- http://www.torres-rs.tv/site/pags/almanaque_vocesabia2.php?id=2055%22) e a soldado Manning (presa - http://www.torres-rs.tv/site/pags/almanaque_vocesabia2.php?id=1920%22), aos quais se juntam os milhares de suicídios de veteranos de guerra. Enquanto isto - e até paradoxalmente - esvai-se a alternativa revolucionária que viesse a fazer frente ao fascismo nosso de cada dia, a qual tem ficado reduzida a pequenos grupos doutrinários sem grande capacidade de intervenção. Resta-nos, em compensação, o produto de seminais experiências desenvolvimentistas latino-americanas de Vargas e Perón, redefinidas em seus respectivos países e revigoradas pelo bolivarismo de Chavez, o qual repercute positivamente em vários outros países como um projeto nacional alternativo ao neoliberalismo, capaz de incorporar em prazo curto vastas camadas da população vulnerável à cidadania e ao mercado. Ser de esquerda, neste contexto, deixa de ser um compromisso doutrinário e passa, como na década de 30, pós-crash, igualmente radicalizada, então, pela emergência do fascismo, a se constituir no desafio de unir e fortalecer todas as forças, onde quer que se situem no globo, mobilizadas contra a imposição neoliberal comandada pela voracidade financeira das grandes corporações. Isto, porém, requer muito cuidado, pois nem se trata de construir o socialismo, a partir destas experiências, nem de fomentar clivagens de classe, muito próprias das correntes que, desamparadas pela história, transferem para os movimentos emergentes uma herança doutrinária inoportuna. Weber e Keynes, neste contexto, têm mais importância instrumental do que Marx e Lênin. Estamos num momento frágil de crise e transição, sem o recurso de uma utopia salvacionista, no qual se está redefinindo o destino de 99% da população terrestre. Trata-se de compreender o momento atual muito mais como uma reedição dos anos 30 do que compará-lo aos anos 60-70. Isto não significa endosso acrítico a todo e qualquer grupo ou governo que se oponha ao neoliberalismo em processo. A análise em pauta constitui um marco conceitual para que se compreenda melhor as tarefas capazes de identificar algum avanço histórico em defesa de países e grupos sociais excluídos da modernização. Refere-se ela ao arco capaz de orientar a formação de um bloco hegemônico alternativo à dominação excludente, mas não dispensa, logicamente, a compreensão do arqueiro que o empolga como grupo dirigente. A melhor aeronave não faz o melhor piloto. Prova-o o naufrágio do Titanic... Isto, porém, implica outro tipo de análise, inevitavelmente individualizada, que foge ao escopo deste artigo. Erros e até crimes do politicamente correto abundam na História e nos advertem para a lembrança de que, sobretudo os Governos, são criaturas do homem e como tais, sujeitos tanto à virtude como ao pecado.

O QUE PRENUNCIAM AS PESQUISAS?

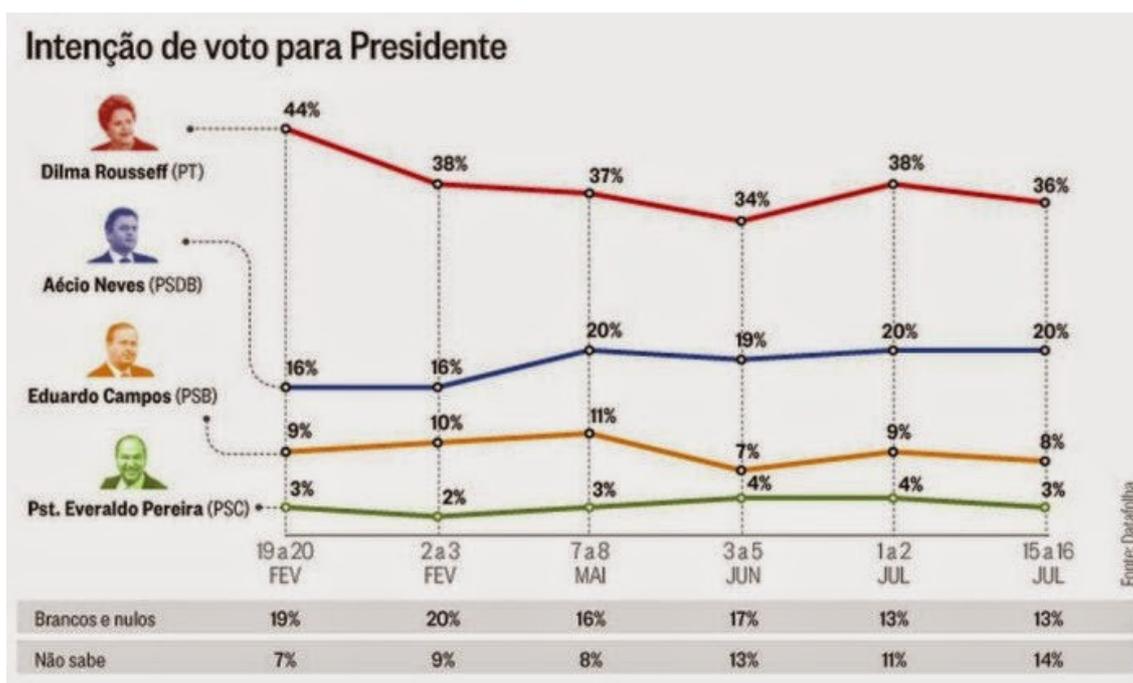
Paulo Timm – Especial para ELEIÇÕES – www.sul21.com.br

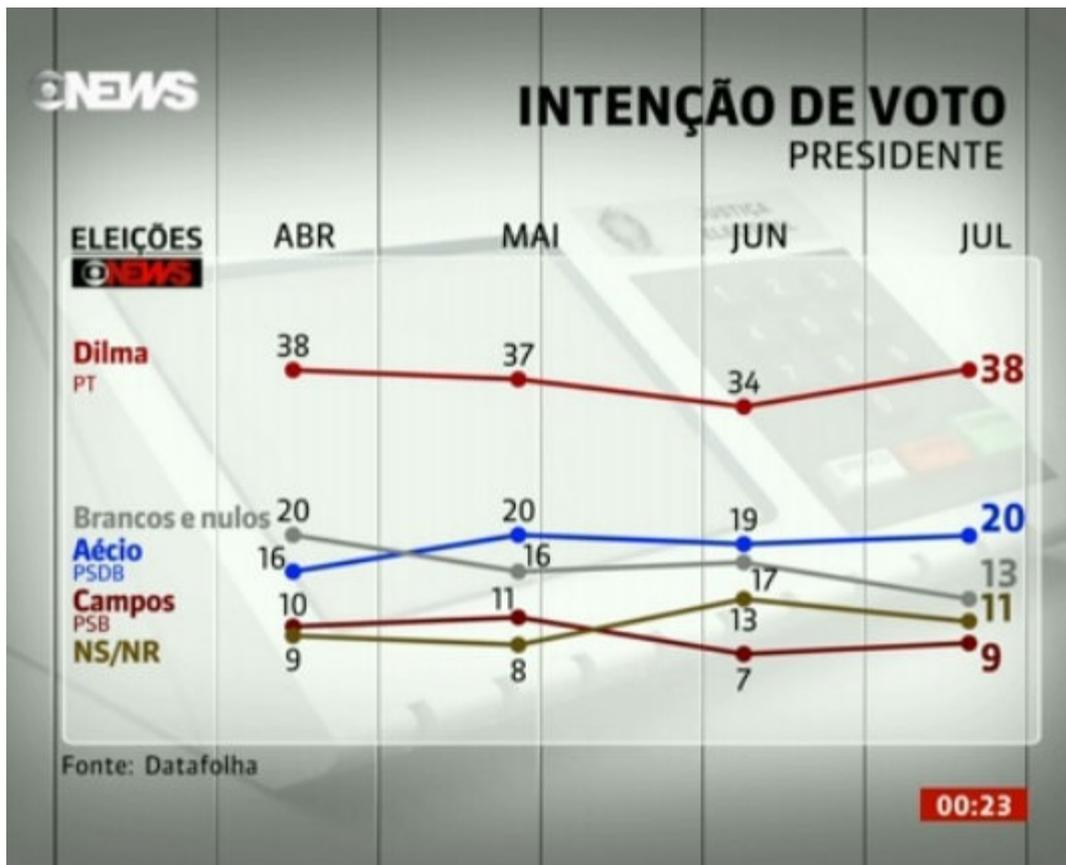
Datafolha - [Para a íntegra da pesquisa, clique aqui.](#)

Com toda a euforia da Copa e o êxito da organização, Dilma viu suas intenções de votos oscilarem para baixo (de 38% para 36%), a rejeição subir de 32% para 35% e a avaliação negativa do governo aumentar de 26% para 29%.

No início de julho Dilma tinha 46% contra 39% de Aécio. Duas semanas depois, o quadro era de 44% contra 40%, praticamente um empate indicando possibilidade de ultrapassagem pelo candidato da oposição.

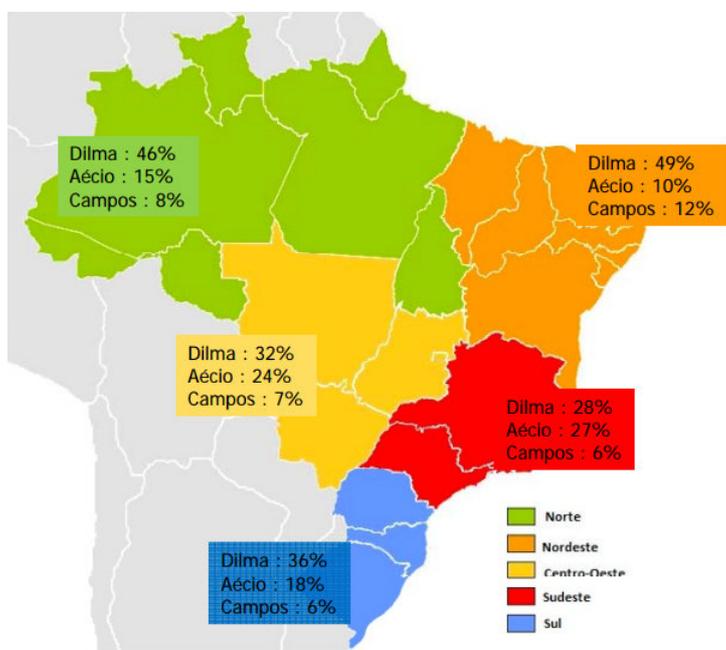
Com bola e tudo DORA KRAMER - O Estado de S.Paulo





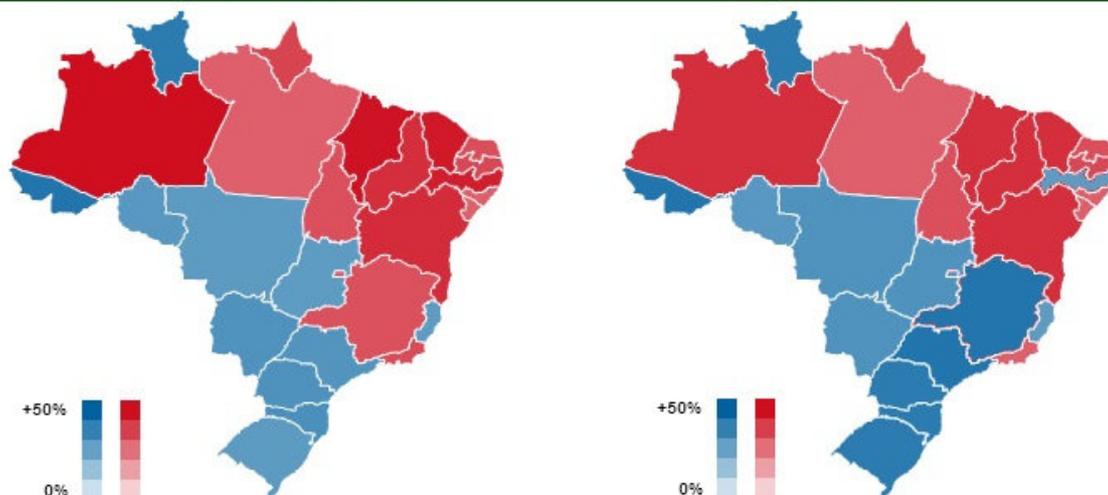
Os velhos comentaristas políticos reclamam muito destes tempos em que tudo gira em torno das Pesquisas de Opinião. Costumam até dizer que haverá dia em que nem se farão necessárias as eleições...Alguns se indagam o que seria, hoje, do Castelinho (Carlos Castelo Branco :1920-1993-http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Castelo_Branco), um ícone da crônica política em suas 7.446 colunas no Jornal do Brasil, ao longo de 30 anos, diante de tanta Ciência? Com efeito, com raras exceções, perdemo-nos em recálculos nas entrelinhas das Pesquisas, esquecendo-nos da análise política. Não sendo nem cronista nem cientista político, atrevo-me a juntar a razão dos números com a sensibilidade na avaliação da Pesquisa **Datafolha mais recente** (16-julho) para ver se há algumas pistas de clarividência em tudo isso. Ao divulgar este artigo outra Pesquisa – IBOPE- vem a público, confirmando, com pequena vantagem para Dilma Roussef, os resultados, garantindo-lhe, sobretudo maior folga no segundo turno - <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2014/07/22/ibope-em-cenario-estavel-dilma-venceria-no-2o-turno/>. Antes de maiores considerações, lembraria que em 2010, na mesma época (23.07) havia um empate entre Dilma e Serra, ambos com 36% de preferência. Em 15.09, com 25 dias de horário eleitoral, Dilma tinha 50% e Serra 27%, o que demonstra a importância da televisão na campanha e que poderá tanto confirmar Dilma, como trazer surpresas, uma delas a alta votação dos evangélicos no candidato Pastor Everaldo, a quem ela deve tratar com extremo carinho...

Vejamos, primeiro, como ilustração , alguns mapas e gráficos da Pesquisa Datafolha, que mostram a vantagem – que reitera com pequenas alterações pesquisas anteriores - de Dilma Roussef em todas as regiões do país, embora com maiores vantagens no Nordeste e Norte e surpreendente vantagem na Região Sul (36% x 18%), embora acompanhada, aqui, pelo elevado número de indecisos .



Mapa elaborado por Antonio David –www.viomundo.com.br

Eleições 2010 Projeções 2014



Os resultados confirmam, em princípio, a tendência histórica de franca preferência do eleitorado brasileiro – pobre - por uma candidatura de esquerda encarnada, desde a vantagem de Lula sobre Brizola nas eleições de 1989, num candidato do PT. Os extratos de maior renda, acima de 5 Salários Mínimos e menor expressão numérica , sufragam, majoritariamente Aécio, quem, aliás, vem perdendo posições para Eduardo Campos.

**EVOLUÇÃO DA INTENÇÃO DE VOTO PRESIDENTE
-RENDA FAMILIAR-**

Mais de 5 a 10 S.M.



CATEGORIAS	1 e 2/7/2014	15 e 16/7/2014	variação
Dilma	26	27	1
Aécio Neves	36	32	-4
Eduardo Campos	10	11	1
Em branco/nulo/ nenhum	13	16	3
Não sabe	8	6	-2

Mais de 10 S.M.

CATEGORIAS	1 e 2/7/2014	15 e 16/7/2014	variação
Dilma	30	28	-2
Aécio Neves	39	35	-4
Eduardo Campos	13	10	-3
Em branco/nulo/ nenhum	9	15	6
Não sabe	2	5	3

Isto tanto é verdade – opção majoritária do eleitorado por um candidato à esquerda -, que a direita, outrora aninhada na famosa União Democrática Nacional – UDN, antes do golpe de 64, teve que recorrer ao golpe para chegar ao poder. Dutra, com apoio de Vargas, vence em 1945 e o próprio Vargas, com franca vantagem na eleição subsequente, em 1950:



1945 ← → 1955

3 de outubro de 1950

Turno único




112px

Candidato
[Getúlio Vargas](#)
[Eduardo Gomes](#)
[Cristiano](#)

	Machado		
Partido	PTB	UDN	PSD
Natural de	Rio Grande do Sul	Rio de Janeiro	Minas Gerais
Vencedor em	17 estados + DF	3 estados	4 estados
Votos	3.849.040	2.342.384	1.697.173
Porcentagem	48,73%	29,66%	21,49%

A exceção foi 1959, quando Jânio venceu o General Lott, candidato do PTB, mas teve como Vice eleito o candidato João Goulart numa clara indicação do erro na escolha do candidato de esquerda. Em 1989, vez de Fernando Collor, já na redemocratização, este também alcançaria a vitória pela direita, mas como fruto de grande mistificação ideológica numa fase de transição à democracia. O caso de Fernando Henrique Cardoso, finalmente, em 1994 e 1998, deveu-se menos à disputa ideológica e mais aos resultados palpáveis por ele capitalizados pelo Plano Real de combate à inflação. Ele próprio, na primeira vitória, respaldado por um passado francamente esquerdista, ainda fazia o seu PSDB se passar por uma “esquerda” do PMDB, confundindo o eleitorado urbano.

Mas há nos mapas uma contradição com a velha tradição: Dilma tem mais folga nas áreas menos urbanizadas e menos desenvolvidas, ganhando apertado no centro dinâmico do país: Sudeste (MG,RJ, SP, ES), onde está seu maior gargalo (pgs.38, 48 e 64). Pior: o candidato do PT ao Governo de São Paulo, maior colégio eleitoral do país, com mais de 30 milhões de votantes, justamente aqueles com maior nível de renda no país, tem apenas 4% das preferências. Dilma, para se consolidar em S.Paulo acabará tendo que colar na candidatura ao Governo do PMDB, Paulo Skaf, segundo colocado nas pesquisas. Ora, seria de se esperar que justamente esta região, com maior densidade educacional e consciência política votasse maciçamente na esquerda, e não o inverso. (Lembre-mos que a cidade do Rio de Janeiro foi palco de inúmeras revoltas sociais desde o Império e que elegeu Prestes para o Senado, em 1945, e Brizola, como o mais votado deputado federal da história, em 1962. O socialismo, sempre se disse e lá está num clássico de Lênin sobre as três fontes do marxismo, é um fenômeno próprio das multidões urbanas.) Por que isso ocorre e quais os riscos deste “desvio”?

O PT evita polemizar sobre este fato e se justifica com a alegação de que Governa para os mais pobres, que são também os que detêm menor ilustração, fato reiterado, grosso modo, nas 4 últimas Pesquisas, como segue:

EVOLUÇÃO DA INTENÇÃO DE VOTO PRESIDENTE					BRASIL 
-ESCOLARIDADE-					
<i>Fundamental</i>					
CATEGORIAS	2 e 3/4/2014	3 a 5/6/2014	1 e 2/7/2014	15 e 16/7/2014	variação
Dilma	47	41	47	44	-3
Aécio Neves	12	14	14	14	0
Eduardo Campos	7	5	8	6	-2
Em branco/nulo/ nenhum	14	13	10	11	1
Não sabe	13	16	14	17	3
<i>Médio</i>					
CATEGORIAS	2 e 3/4/2014	3 a 5/6/2014	1 e 2/7/2014	15 e 16/7/2014	variação
Dilma	37	33	35	33	-2
Aécio Neves	17	19	20	21	1
Eduardo Campos	11	7	10	8	-2
Em branco/nulo/ nenhum	22	18	14	14	0
Não sabe	7	12	9	14	5
<i>Superior</i>					
CATEGORIAS	2 e 3/4/2014	3 a 5/6/2014	1 e 2/7/2014	15 e 16/7/2014	variação
Dilma	22	23	25	27	2
Aécio Neves	25	29	36	32	-4
Eduardo Campos	14	9	13	11	-2
Em branco/nulo/ nenhum	27	23	15	17	2
Não sabe	6	8	7	8	1

Na verdade, o que está por trás destes dados? Trata-se de uma fatalidade que áreas e segmentos sociais mais pobres, com piores índices educacionais venham a sustentar uma candidatura de esquerda? Lembremo-nos que foram justamente os grotões do norte-nordeste que sustentaram eleitoralmente o

regime militar, mesmo às portas da abertura. Prova-o a derrota da Emenda das “Diretas Já” em 1984.

O recurso eleitoral ao Norte-Nordeste, portanto, não é nem imperativo e, talvez, nem recomendável. O PT tem o grande mérito de ter sido o primeiro grande partido popular com envergadura nacional, incorporando em suas fileiras não apenas movimentos sociais de base, como Sindicatos e Comunidades Eclesiais de Base, mas também expressivos setores da classe média, como intelectuais, artistas, profissionais liberais, professores, bancários e servidores públicos e, sobretudo jovens. Isto lhe deu grande alento e credibilidade. Esta foi, aliás, a grande vantagem do PT sobre seu concorrente histórico, o PDT ou mesmo o próprio PMDB. Mas, no exercício do Governo o PT foi se distanciando da classe média, estigmatizando-a, inclusive, por seu suposto e atávico conservadorismo. Há um vídeo da Marilena Chauí, eminência parda do PT, rodando na INTERNET, com um verdadeiro libelo contra a classe média a partir de uma situação muito particular por ela vivenciada. Paradoxalmente, jacta-se, com razão, a era petista pela incorporação à esta classe de mais de 30 milhões de brasileiros. Ora, no momento mesmo em que estes contingentes se incorporam à classe média, começam não só a comungar de novos valores, como a padecer dos elevados custos desta nova condição social: imposto de renda (jamais atualizado), pagamento de planos de saúde, compra do carro próprio com as inevitáveis conseqüências em termos de manutenção, doravante, destes veículos, custos elevados com treinamento e educação. Todas as avaliações feitas junto aos emergentes à classe C (Ver Família Braz – Dois Tempos – Filme: www.adorocinema.com) evidenciam, inclusive, que eles atribuem a sua ascensão mais ao esforço próprio do que à ações do Governo. Isto é particularmente sensível justamente em São Paulo, tanto pela sua alta densidade trabalhista, como pelo fato de que foi ali que incidiram mais fortemente duas das suas principais políticas redistributivas: elevação do salário mínimo e estímulo ao pleno emprego. Aí acaba ocorrendo um duplo movimento no qual um passo adiante do Governo do PT implica em dois passos atrás na sua credibilidade junto aos setores beneficiados. E, provavelmente, este processo se redistribui em cadeia por todo o território nacional, criando resistências ao PT que podem colocar em risco sua estratégia política, já que os eleitores são cada vez mais instruídos e socialmente ascendentes. Estará aí a elevada rejeição à Dilma, em torno de 35% e que se eleva a 43% no segundo turno? Veja-se que 49%, ou seja, metade dos eleitores já possui nível secundário ou superior:

Tabela II				
Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil / IBGE				
Escolaridade		Censo		PNAD
Sem escolaridade	10%	10.866.552	9%	11.766.782
Ensino Fundamental I	30%	32.599.656	18%	23.533.564
Ensino Fundamental II	28%	30.426.345	24%	31.378.086
Ensino Médio	24%	26.079.725	35%	45.759.708
Superior	8%	8.693.242	14%	18.303.883
TOTAL	100%	108.665.519	100%	130.742.024

Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009

Aqui vale lembrar a particularidade do Brasil frente, por exemplo, à Venezuela, onde a opção “pelos pobres” é quase inevitável para a legitimação eleitoral da esquerda. Aqui, a economia é mais vertebrada e a estrutura social mais complexa, sendo de ressaltar que a classe média tradicional teve um importante papel em vários momentos históricos, como a Abolição, o Tenentismo, a Revolução de 30, a “Legalidade no RS, em 1961”, a grande resistência cultural ao longo de todo o período autoritário de 64 a 84, com a grande mobilização das “Diretas Já”, Redemocratização na década de 80, com os Comitês de Anistia e pela Constituinte, os “Caras Pintadas” do impeachment de Collor etc. É um erro jogar tais tradições para o conservadorismo, a título de uma “opção pelos pobres”. A origem do erro reside numa fratura do Governo entre o que considera Governabilidade e o imperativo da Hegemonia para qualquer grupo que pretende se colocar à frente de uma nação. Para a primeira o PT, por exemplo, recorre aos mais abomináveis expedientes, incorrendo no ônus de ostentar 39 Ministérios e mais de 23 mil Cargos em Comissão, supostamente indicativa de um projeto hegemônico, e à aposta eleitoral em regiões e segmentos sociais mais atrasados. A Governabilidade exige, pois, a formação de uma “Base Aliada” no Congresso Nacional, mas o Projeto Hegemônico, elaborado em sintonia com o conjunto da sociedade, o rejeita, por assintonia com as novas aspirações da representatividade, particularmente entre os jovens. Daí, talvez, a fragilidade de Dilma junto aos mais jovens (páginas 47, 63 e 71) e grandes cidades (páginas 48, 64 e 72). No segundo turno, comprova-se esta dificuldade que se estende à faixa de 2 a 5 SM e ensino médio (p.71): jovens em grandes cidades, que estudaram, mas ganham relativamente pouco. Isto se reflete, certamente, no elevado número de indecisos, como frisa um atento observador, para não falar no alarmante contingente de absenteísmo, votos brancos e nulos. Veja-se:

“Na espontânea, chama a atenção que a maioria dos eleitores ainda está indecisa. A seguir, alguns dados sobre o perfil dos eleitores indecisos:

a) 54% ainda não sabem em quem votar. Na espontânea, Aécio tem 9%, Campos apenas 2%. Dilma, 22% (p.30)

b) As mulheres estão muito mais indecisas do que os homens (p.31). Na estimulada também (p.47)

c) Há mais indecisos na base potencial de Dilma: mais pobres e ensino fundamental (p.31), o que leva a crer que ela tem potencial de crescimento quando a campanha começar.

d) Há mais indecisos na região sul. (p.32)”

(Antonio David in “Dilma pode vencer no primeiro turno, corre risco no segundo” – www.viomundo.com.br)

Paralelamente à perda de credibilidade do PT derivada da confusão entre Governabilidade e Hegemonia, junto à classe média e, particularmente, jovens, que já se fazem presentes em grupos extremistas como os Black blocs, evidenciando a perda de capacidade polarizadora do Partido sobre a esquerda brasileira, este acaba, também se enfraquecendo em escala nacional. Basta ver a sucessão nos Estados:

Para uma identificação mais precisa do depositário da maior taxa de rejeição, se o PT ou Dilma, é preciso uma rápida caminhada pelo País, começando pelo Sul. O PT tem candidato nos três Estados, mas apenas no Rio Grande do Sul seu candidato está em segundo lugar nas pesquisas. No Paraná e Santa Catarina estão em terceiro. No Sudeste, o desempenho é pífio em São Paulo com Alexandre Padilha, sofrível no Rio de Janeiro, com Lindhberg Farias ,em quarto lugar, e sem expressão no Espírito Santo.

Apenas em Minas Gerais, com Fernando Pimentel, apresenta um desempenho satisfatório, mas a lógica é que ele não resistirá a máquina de moer carne que o espera, com Aécio Neves crescendo nas pesquisas para Presidente, um candidato ao governo, Pimenta da Veiga, de boa história, e um ao Senado, com a qualidade e aprovação de Antonio Anastasia, o governo do Estado e a maioria de deputados.

No Nordeste seu candidato na Bahia, maior colégio eleitoral da região está muito atrás do candidato do DEM. É segundo no Ceará e apenas no Piauí mantém folgada liderança. Nos demais Estados apoia candidatos de outras legendas, o que significa dizer que nestes quatro anos não consolidou personagens estaduais para concorrer ao cargo de governador, o que demonstra fragilidade partidária.

A pergunta que fica é: que culpa cabe à presidente Dilma por esta fragilidade do PT em seu principal reduto eleitoral que é o Nordeste. Penso que muito pouca. No Norte, afora o Acre onde pode reeleger o governador, não tem presença de destaque nos principais colégios eleitorais, visto que apoia o PMDB no Pará e Amazonas, além de fazer o mesmo em Tocantins.

No Centro Oeste tem candidato a reeleição no Distrito Federal com baixa perspectiva, em Goiás sem nenhuma e no Mato Grosso não tem candidato. Apenas em Mato Grosso do Sul tem perspectivas concretas de vitória porque seu candidato, o senador Delcídio Amaral, está bem a frente nas pesquisas e tem baixa rejeição. A questão é saber até onde ele resistirá ao processo de contaminação, visto que o Estado é vizinho de São Paulo e Paraná, onde é virulenta a rejeição ao PT – a maior em todo o País. Há que se vacinar para controlar o contágio.

(Saulo Queiroz - **Do Estadão - De mal a pior** - seg, 21/07/2014)

Por fim, uma conclusão: Se era desejo do PT polarizar as eleições entre os amigos do petismo/lulismo e “inimigos” deste projeto, estejam eles à direita ou à esquerda, parece que está conseguindo, com a ressalva de que entre estes últimos situam-se os que não comparecerão ao pleito ou nele votarão em branco ou nulo. Isto favorecerá a vitória de Dilma, mas expressa uma perda de substância no processo de representação. E tem um problema, que lhe poderá prejudicar no caso de um segundo turno, entre ela e Aécio, pois 55% dos eleitores de Campos dizem que preferirão este contra 26% que votariam nela (p.75). O mesmo se passa, paradoxalmente, com os eleitores de Luciana Genro, candidata do PSOL à Presidência, embora com baixa pontuação: 64% de seus eleitores votam Aécio e apenas 20% em Dilma. Com Zé Maria (PSTU), o mesmo: 50% dos eleitores votam em Aécio, contra 28% em Dilma. Ou seja, mesmo os que se situam à esquerda do PT no cenário nacional preferem votar na oposição a ver o PT, com Dilma, com mais um mandato presidencial. E a novidade é que estes ditos “nânicos” estão mais cotados do que no passado, somando 3% do eleitorado, o que alcança 5 milhões de preciosos votos “jogados fora” da cesta petista. Fica a indagação se este é um comportamento padrão dos que votam na extrema esquerda por serem “contra” ou mais uma manifestação da rejeição que ameaça Dilma com maior poder do que os próprios adversários. Ela não padecia desta assombração em 2010: Em pesquisa Datafolha de 23.07.2010, a rejeição a Dilma em todo o País era de 19%, agora chega 35%, quase o dobro de igual período com o risco de alastrar-se “por contágio” às regiões onde este fantasma ainda não assusta.

Diante disso tudo, a Coordenação de Campanha de Dilma Rousseff, que não consegue sequer articular-se em si própria, de forma a conduzir com êxito a vitória, tal o desentendimento entre os pares, tem pela frente um grande desafio, aliás destacado por Dora Kramer, no ESP, na sua coluna “ Com bola e tudo” : Estancar e reverter as adversidades – . Enquanto é tempo...E se esta Coordenação não fizer isso a tempo, caberá a ela mesma licenciar-se do trono e tomar o touro indomável pelos chifres...Energia e determinação não lhe falta.

A QUESTÃO ECONÔMICA NA SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Paulo Timm – Especial para sul21 – Palegre, agosto 2014

Amicus Plato, sed magis amica veritas (Platão é amigo, porém a verdade é mais amiga – Provérbio - www.dicionariodelatim.com.br)

O desenho de estratégia desenvolvimento proposto está baseado nas ideias de existência de três frentes de expansão (consumo de massa, recursos naturais e infraestrutura) e de relevância de se acionar dois “turbinadores” desses motores do desenvolvimento (inovação tecnológica e encadeamentos produtivos tradicionais).

Ricardo Bielschovski , Economista UFRJ

“Crescimento acelerado? Dificilmente se repetirá, diz ela (Conceição Tavares). O "milagre econômico" ocorreu em um período de instalação da indústria. Depois de instalada, esses saltos econômicos não se repetem.”

[Luis Nassif in Conceição: o fim do desenvolvimentismo e a democracia social](#) - 29/07/2014



Deflagrada a campanha eleitoral, tudo vem à tona, mas os especialistas são unânimes em reconhecer a primazia da questão econômica na preferência dos eleitores, no que tange, em primeiro lugar, ao emprego, e a seguir à inflação e ao crescimento econômico. E aqui situam-se, tanto o principal trunfo da Presidente Dilma, candidata à reeleição pelo PT, pelo conjunto da obra petista ao longo dos três últimos mandatos, somando a criação de 5,4 milhões de novos empregos (I), quanto seu maior flanco (II): a perda de dinamismo na economia no seu período presidencial, só comparável aos medíocres indicadores dos períodos de Floriano Peixoto, Prudente de Moraes e Collor de Mello, e por isso mesmo objeto de escárnio da Oposição, embora o do turno FHC não tenha sido muito melhor - [http://www.corecon-rj.org.br/pdf/Governo Dilma e o PIB Mediocridade esferica 27 02 2014 rev.pdf](http://www.corecon-rj.org.br/pdf/Governo_Dilma_e_o_PIB_Mediocridade_esferica_27_02_2014_rev.pdf) :

O trunfo

Os números dos governos FHC, Lula e Dilma

Comparação de indicadores para os períodos

Indicador*	FHC	Lula	Dilma
Inflação (em % ao ano)	9,2	5,8	6,1
Crescimento (em % ao ano)	2,3	4,1	2,0
Déficit nominal (em % do PIB)	5,1	2,8	3,0
Déficit em transações correntes (em US\$ bi, corrigido pelo PPI)	33,9	6,8	62,9
Crescimento mundial (Em % ajustado por PPP)	3,2	3,7	3,2**

*Médias dos períodos 1995-2002 (FHC), 2003-2010 (Lula) e 2011-2013 (Dilma) **Usando previsão FMI para 2013

O flanco

O boletim Focus do Banco Central, que concentra as estimativas dos economistas das mais de 100 instituições financeiras do País, rebaixaram pela décima semana seguida suas perspectivas para a expansão da economia brasileira em 2014. No boletim divulgado nesta segunda-feira (04), a previsão para o Produto Interno Bruto é de que ele crescerá 0,86% no ano, 0,04% a menos do que era estimado na semana passada (alta prevista era de 0,9%). No dia 02 de junho, os analistas do mercado afirmavam que o PIB brasileiro fecharia 2014 em 1,63%. Em dez semanas, esse índice caiu 0,77%.

[Blog Alvaro Dias – PSDB/PR]

Apesar da importância do tema, porém, ninguém deu muita atenção ao debate realizado pela Globonews com representantes dos três candidatos com maiores índices nas Pesquisas no dia 27 de julho. Apesar de ter, assistido à entrevista, como parte da cobertura da emissora às Eleições 2014, tive dificuldade até para encontrar avaliações e suas repercussões na imprensa. Rigorosamente. Dá a impressão de que nem houve. Exceção digna de nota: <http://mudamais.com/divulgue-verdade/debates-na-globonews-sobre-programas-de-governo-politicas-economicas> .

Mas por que isto acontece, se economia é um assunto chave da campanha?

Primeiro porque economia é sempre um tema árido, como um trator. Todo mundo fala dela nos bares e encontros informais, reclamando do aumento dos preços e , eventualmente das dificuldades para achar emprego compatível com as expectativas, mas quase ninguém lê com atenção as páginas especializadas da imprensa. Os jornalistas arredondam um pouco a bola, não sem cometer deslizes que, na medicina, levariam o paciente ao óbito, mas quando ela chega aos economistas...Que horror!

Mas no caso do debate com os representantes dos candidatos houve um outro problema: Apesar das credenciais dos presentes, todos são ilustres desconhecidos do grande público. Se nem Aécio e Eduardo Campos são conhecidos, imagine seus “quadros”, indicados para falar sobre seus respectivos programas econômicos. E aqui nem a Dilma escapou: Meio indecisa sobre quem indicar, acabou apontando um ocupante de alto cargo no Ministério da Fazenda – Secretário de Política Econômica – Márcio Holland. Alguém, algum dia, ouviu este nome ou sabe quem é ele? Duplo erro da Presidente num tema tão delicado: indicar um nome desconhecido que, ainda por cima, é servidor de confiança do Estado , misturando a campanha eleitoral com a gestão do Governo. Mas os indicados pelos outros candidatos não deixam por menos, são igualmente desconhecidos: Mansueto Almeida, por Aécio e Eduardo Gianetti da Fonseca por Eduardo Campos, ambos, aliás, tanto quanto Holland, brilhantes profissionais. Por que não Maria da Conceição para defender a candidatura Dilma, Armínio Fraga para defender a de Aécio e Lara Resende para defender a de Eduardo Campos? Eles dariam mais audiência e *suítes* ao programa.

Por fim, o pior: Não disseram nada sobre o que seus candidatos à Presidência pretendem fazer no caso de vitória. Mantiveram no debate o mesmo clima político da campanha: Márcio defendendo os bons resultados do período petista, com os usuais refrões de que está tudo bem no contexto da crise internacional, os dois outros, representando a oposição, tratando de questionar o otimismo governista. Márcio, piorando ainda a situação, traz à tona, com sua presença uma questão polêmica, que dá arrepios à velha guarda desenvolvimentista: Ocorre que Maria da Conceição Tavares, ícone do PT, tem dito, junto com outro ex colaborador do Governo petista, Marcos Lisboa (Entrevista ISTO É , 18.07.2014 - http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/373552_O+RETORNO+AO+DESENVOLVIMENTISMO+DEU+ERRADO+) ,que este conceito – desenvolvimentismo – “ deu errado” e está liminarmente superado. Ela, Conceição Tavares, aliás, tem ido até mais longe, sempre com a sinceridade que lhe é peculiar, na avaliação da crise : *Ninguém come PIB...!*: Acrescentou, em entrevista a [Luis Nassif](#), publicada em sua coluna em 29/07/2014 , que não temos mais saída pelo lado do fortalecimento industrial e tecnológico; que não teríamos como concorrer com os asiáticos. Por lealdade intelectual na reavaliação da economia brasileira (epígrafe) ou por afinidade política – jamais interesses vis – esquece tudo o que a Cepal, os estruturalistas, a esquerda histórica deste país - e ela própria - sempre defenderam.

Vale a pena, pois, perscrutar nas águas mais profundas da superfície já conturbada da economia brasileira, onde há mais turbulência do que se poderia imaginar.

Retrospectivamente, pode-se resumir o debate histórico sobre os princípios que devem orientar a Política Econômica em países capitalistas, desde os anos da Grande Crise de 30, em duas vertentes: uma clássica – ou neoclássica, ora renomeada como neoliberal- , que vê no mercado livre de interferências estatais, o espaço ideal para a realização dos *instintos animais* dos empreendedores, cada vez mais polarizados por grandes corporações financeiras multinacionais ; outra, dita keynesiana, porque inspirada na obra de Sir Maynard Keynes, nos países desenvolvidos ou, sugestivamente, desenvolvimentista nos países mais atrasados, que vê no Estado o mecanismo decisivo para obtenção do pleno emprego e crescimento da economia. A inspiração keynesiana no mundo ocidental prevaleceu, grosso modo, desde o New Deal do Presidente Roosevelt, na década de 30 no Estados Unidos, extendendo-se à Europa Ocidental no pós-guerra como um instrumento decisivo do Estado de Bem Estar numa Economia Social de Mercado:

Economia Social de Mercado

Na economia social de mercado, juntam-se dois princípios básicos: o liberalismo e o socialismo. O liberalismo — com o qual chegou-se a acreditar, por um tempo, que a mão invisível conseguiria resolver todos os problemas econômicos de um país — e o socialismo, que optou por planejar, centralizadamente, todos os detalhes da vida econômica dos países onde foi implantado. Ou seja, o laissez-faire de um lado e o autoritarismo de outro.⁹

A economia social de mercado busca um meio termo entre o socialismo e o capitalismo, ou seja, é uma economia mista e objetiva manter simultaneamente altos índices de crecimento econômico, baixa inflação, baixo desemprego, boas condições de trabalho, seguridade social, e serviços públicos mediante a aplicação controlada da intervenção estatal.

Respeitando basicamente os livre-mercados a economia social de mercado se opõe tanto às economias centralmente planejadas como ao capitalismo de tipo laissez-faire, oufundamentalista de livre mercado

O termo Soziale Marktwirtschaft (economia social de mercado, em alemão) foi criado em 1946 na Alemanha por Alfred Müller-Armack¹⁰ e foi o regime econômico adotado por esse país, no pós Segunda Guerra Mundial.

Para dar à economia a maior liberdade possível, permitindo que a mão invisível do mercado funcione (onde ela funciona, e para os que nela ainda crêem)¹¹ surgiu a idéia de "o tanto de estado necessário, o mínimo de Estado possível". Isso difere, num ponto crucial, da minarquia, porque essa não leva em consideração o tanto de Estado **necessário**. (Stiglitz não acredita na existência de uma mão invisível, na maioria dos casos: (...) "a razão pela qual a mão invisível é invisível é por que ela não existe ou, quando existe, está parálitica")¹¹ Joseph E. Stiglitz, na introdução à sua Aula Magna, por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel (Estocolmo, 8 de dezembro de 2001)..¹¹

Para que isso funcione, o Estado precisa criar um **marco legal** eficiente, o que é fundamental para qualquer tipo de negócio. E se faz necessário que os membros do Poder Judiciário e do Poder Legislativo sigam rigorosamente o marco legal. A corrupção corrói esse marco legal e traz prejuízos incalculáveis para o desenvolvimento econômico de um país.

O Estado precisa assegurar a livre competição e a estabilidade monetária, através de instituições de **controle e regulação**. Somente assim o **mercado** será capaz de funcionar e criar preços relativos reais e eficientes.

A pessoa economicamente inativa, seja por sua idade, seja por doença ou desemprego, precisa de **segurança social**. Isso deixa não só o cidadão, mas toda a sociedade, mais tranquilos e melhor equipados para produzir, na sua vocação.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimentismo>)

Desnecessário dizer que a primeira abriga o conservadorismo, sem que isto signifique necessariamente opção por retrocesso, mas que ampara empresários e políticos mais tradicionalistas, enquanto; a segunda, tem se oferecido como inspiração aos reformistas sociais com ênfase no Estado empreendedor e promotor da industrialização que entende a cidadania não

como uma graça constitucional mas como uma construção social. Claro, também, que não bastam inspirações para fazer um bom Governo, assim como um galo sozinho não faz uma madrugada. Tudo depende de um processo de gestão que implica criação de consensos de governabilidade, criação de suportes institucionais e culturais para uma ou outra alternativa, além da capacidade administrativa para implementá-la dentro dos cânones republicanos. Tampouco um bom arco garante o lance certo...

É comum encontrar nas páginas de jornais e em artigos acadêmicos um embate entre os chamados economistas neoliberais e os desenvolvimentistas.

Em linhas gerais, os neoliberais são taxados de “cabeças de planilha”, que acreditam ingenuamente em um mercado que se auto-regula, na abertura comercial, na liberalização do fluxo de capital e dão importância excessiva aos fundamentos econômicos.

Os desenvolvimentistas seriam aqueles que acreditam no papel regulador do Estado, na proteção do mercado para fomentar a indústria doméstica, defendem a redução da taxa de juros e não veem restrições ao crescimento que não sejam a falta de ação do governo.

(Mansueto Almeida - Valor Econômico – 30 setembro 2011)

O Brasil sepultou na Revolução de 1930 a hegemonia liberal que vigorara desde a proclamação da independência e optou por uma alternativa que ficou conhecida como nacional-desenvolvimentista até 1980, mesmo nos hiatos autoritários de 1937-45 e 1964-1985, com a única exceção do curto lapso de Roberto Campos no comando da economia de 1964 a 1967. Entre 1952 e 1980 viveu o auge deste modelo, como se pode ver no livro publicado pelo BNDES, coordenado por Maria de Conceição Tavares, sob o título “ Os anos dourados do desenvolvimento”. Isto garantiu ao país uma invejável performance econômica, ancorada na substituição de importações de produtos industriais, o qual operava como modelo internacional para a superação do subdesenvolvimento: Não apenas elevadas taxas de crescimento do PIB, como montagem de um processo de industrialização com simultâneo crescimento demográfico concomitante à maciça transferência de população do campo para as regiões metropolitanas em processo de mudança. Com ele consolidamos uma posição precoce entre as dez maiores economias do mundo e demos o impulso para chegar ao final do século XX com cerca de 200 milhões de habitantes. Dois imensos trunfos. Mas que deixaram em aberto muitas questões: a dependência tecnológica e financeira do exterior como ferida profunda da soberania, as profundas disparidades de renda nos níveis regional e pessoal, as distorções setoriais , aí incluindo os déficits públicos recorrentes,

com inevitável impacto nos preços finais dos produtos e na dívida dos Governos em seus três níveis.

Quando chegamos aos anos 90 havíamos atravessado a década perdida dos anos 80 soterrando não só o Milagre Brasileiro, mas também a Teoria do Desenvolvimento que o sustentara, assim como algumas das principais Agências internas de planejamento público que o promoveram : Governos Figueiredo e José Sarney... A economia havia estagnado internamente, pressionada por uma inflação galopante a reboque de uma dívida externa impagável, no exato momento em que a economia mundial sofria uma brusca reorganização com forte aumento da concorrência que levaria à perda da liderança incontestável dos Estados Unidos. Sobrevieram como resposta o Consenso de Washington, em 1989, que impunha severo retorno às fórmulas de desregulamentação dos mercados, sob inspiração agora denominada de neoliberal, seguindo recomendações de celebrados economistas como Milton Friedman e Hayeck que encontrariam eco, no Brasil nos Governos Collor e Fernando Henrique Cardoso. O Brasil escancarou, com eles, suas portas, à concorrência internacional, na expectativa de que a concorrência criasse uma economia mais sólida e compatível com um regime de preços estáveis, privatizou muitas de suas grandes estatais, como Vale do Rio Doce e Telebrás, dominou a hiperinflação, criou novos instrumentos de Gestão e Responsabilidade Fiscal, mas mourejou numa relativa estagnação, à falta de resposta, seja da indústria, seja do agro-business. Nada fez também na área social, deixando a grande massa de assalariados à míngua de uma elevação maior ainda dos desníveis de renda.



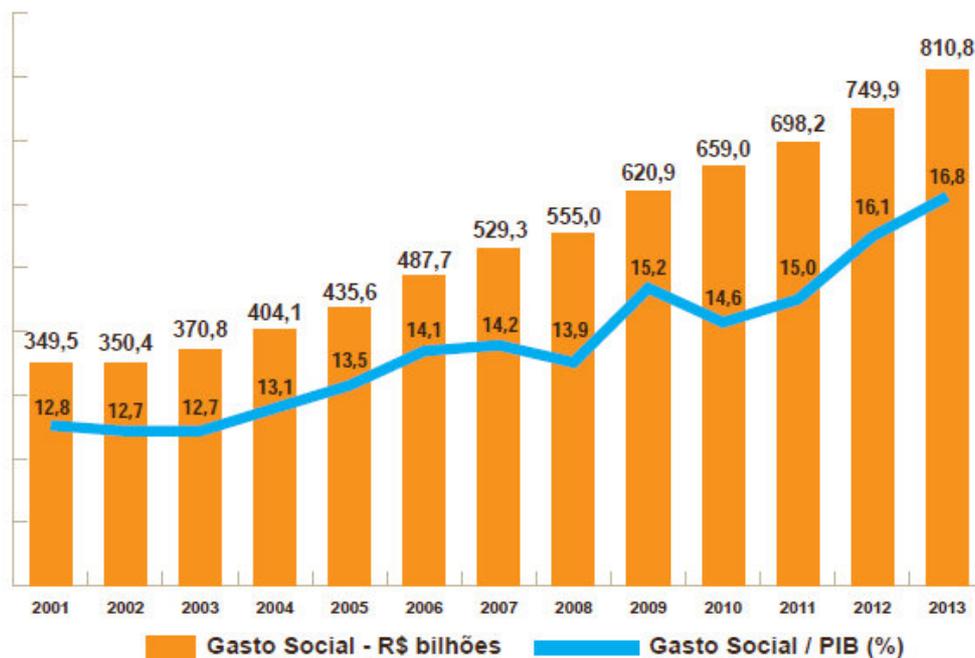
Enquanto isto – ou por isso mesmo - a inércia da força ideológica do nacional-desenvolvimentismo, agora fortalecida pelo crescimento de forças políticas organizadas em torno de sindicatos e centrais mais fortes, partidos populares a eles associados mais competitivos, com forte penetração na Academia mantém acesa a crítica ao neoliberalismo. O desenvolvimentismo, em **novas versões**, mas sempre como a política econômica baseada na meta de crescimento do PIB com eixo na produção industrial e da infra-estrutura, com participação ativa do estado, como base da economia e o conseqüente aumento do consumo, volta à tona na inauguração do Governo Lula, em 2003 (mesmo que este, num primeiro momento o subordine ao tripé de sustentação dos “ fundamentos econômicos” herdados do Governo FHC: regime de metas de inflação, câmbio flutuante e responsabilidade fiscal):

Trata-se, porém, de uma fase de produção intelectual nas questões do desenvolvimento muito distinta da anterior. A literatura desenvolvimentista prévia a 1980 tinha como foco um padrão comportamental da economia brasileira que era possível identificar com razoável clareza. A temática debatida circunscrevia-se, em essencial, a processos históricos inscritos em uma lógica de transformação econômica perfeitamente identificada e entendida como de longo prazo: a industrialização. Foi, portanto, de modo geral, uma produção intelectual engajada na análise e discussão de tendências sobre as quais parecia haver certa previsibilidade. Também, dinamizada por formulações e debates entre visões favoráveis e contrárias sobre a forma como estavam ocorrendo e sobre as políticas econômicas aplicadas.

Quando aquele padrão de desenvolvimento desarticulou-se na entrada dos anos 1980, por força da crise da dívida e instalaram-se aguda instabilidade macroeconômica e relativa estagnação no nível de atividade, passaram a prevalecer incertezas e perplexidades com relação às tendências a médio e longo prazos dos setores produtivos.

Ricardo Bielchovski - cit

A ousadia do Presidente Lula, porém, em compatibilizar a ortodoxia, garantida pela presença de Henrique Meireles na Presidência do Banco Central e Antonio Palloci no Ministério da Fazenda, firmada na “Carta ao Povo Brasileiro de 02 de junho de 2002 - http://www.torres-rs.tv/site/pags/nac_int2.php?id=2717 , com uma forte flexibilização das Políticas Sociais, tanto no que se refere às transferências diretas às famílias mais carentes – Bolsa Família - , quanto na elevação do salário mínimo acima da taxa de inflação, anima o debate sobre um novo modelo econômico para o país.



Verdade que o debate é mais forte fora do que dentro de um Governo que prefere surfar pragmaticamente numa conjuntura externa favorável, graças a emergência da China como compradora de commodities, com favorável impacto ao balanço de pagamentos a partir de 2002-2003, como demonstra Maurício David , RJ :

*“Em 2001, o café estava sendo vendido a **US\$ 964 a tonelada**; no ano passado, foi a **US\$ 4.463**. Para 2012, a previsão é de que o preço seja de **US\$ 4.600**.*

*A **soja**, que no ano passado chegou a **US\$ 495**, era vendida a **US\$ 173 em 2001**. Em dez anos houve um aumento de 186%.*

*O **Açúcar** saiu de **US\$ 197 a tonelada** para **US\$ 573**, e este ano o preço previsto é de **US\$ 530**.*

***Carne bovina** saiu de **US\$ 2.006** para **US\$ 5.077** em dez anos, e este ano a previsão é ficar em **US\$ 5.000**.*

***Minério de ferro** deu um salto de **US\$ 18** para os **US\$ 126** do ano passado.*

O Brasil foi muito beneficiado pelo boom de commodities. Isso produziu um salto impressionante nas receitas com esses produtos:

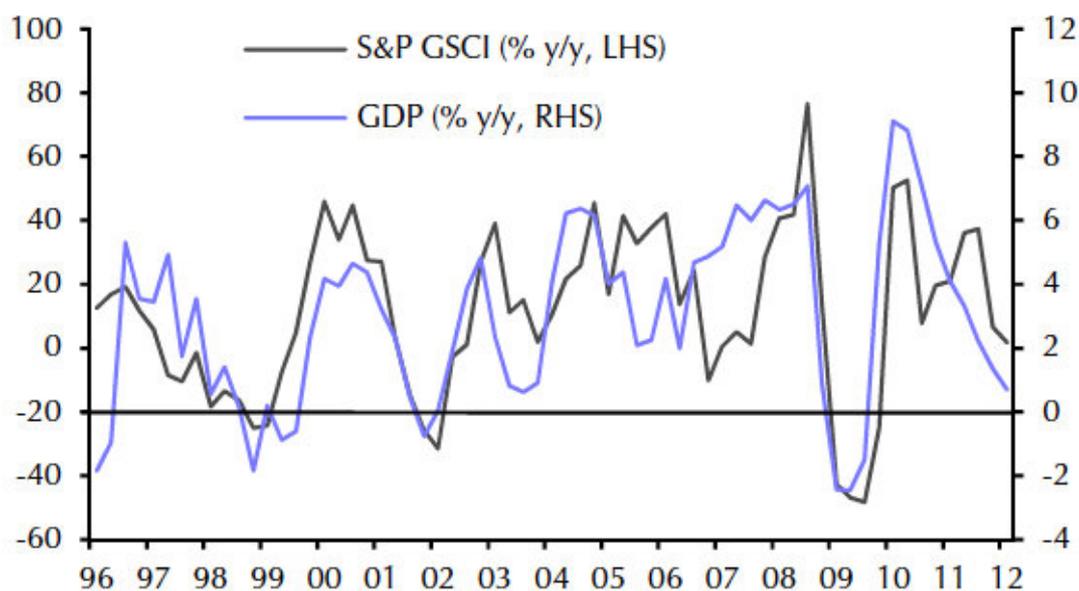
*- de **café**, o Brasil tinha receita de exportação de **US\$ 1,2 bilhão** e foi para **US\$ 8 bi**.*

*- a **soja** saiu de **US\$ 2,7 bilhões** para **16,3 bi** entre 2001 e 2011. Para 2012, a previsão da AEB é que não chega a **US\$14 bilhões**.*

- de **açúcar e açúcar refinado**, o Brasil vendeu **US\$ 2,2 bilhões** em 2001, e **US\$ 5,8 bi** no ano passado.
- no **minério de ferro**, deu um salto fenomenal, de **US\$ 2,9 bilhões**, em 2001, para **US\$ 41,8 bi** no ano passado, **14 vezes mais**.

Em 2012, a previsão é de US\$ 332,6 bilhões de exportações totais. Nesse período, houve aumento da quantidade exportada também, porque a demanda cresceu, mas o preço subiu mais rapidamente.

Chart 1: Global Commodity Prices & Brazil GDP



Sources – Bloomberg, Capital Economics

Esta brusca mudança no panorama internacional e a rápida resposta da economia brasileira ao boom de preços das commodities representa um solo fértil para uma nova rodada de discussões sobre o desenvolvimento.

Ainda que os progressos em tal direção ainda tenham sido relativamente lentos, já é possível discernir alguns avanços na última década, tanto na discussão sobre uma macroeconomia para o desenvolvimento – importante tema não tratado neste artigo, como observado na seção introdutória – quanto na apresentação de ideias sobre desenvolvimento desde o ponto de vista da alocação de recursos para transformação estrutural da economia (...)

Os candidatos a organizadores de um projeto nacional de cunho desenvolvimentista no período foram três:

i. Crescimento da renda pela via do consumo de massa (PPA 2004-2007);

ii) Investimentos em infraestrutura (PAC);

iii) Inovação (PITCE, PDP, Plano Brasil Maior)

Ricardo Bielschowsky (Economia e Sociedade, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 729-747, dez. 2012.)

O desenho do novo desenvolvimentismo emerge, então, com base três pontos germinativos, na expectativa de daí decorresse um padrão auto-sustentado de crescimento no longo prazo: consumo de massa (mercado interno), recursos naturais (exportações) e infraestrutura (economias externas) , cada um deles sujeitos a dois “turbinadores”, na feliz expressão de Bielchowski : inovação tecnológica e encadeamentos produtivos tradicionais. Mas cedo este pensamento suscitava dúvidas entre os próprios desenvolvimentistas:

A tradição estruturalista cepalina de Raúl Prebisch e Celso Furtado faria, provavelmente, alguns questionamentos básicos a essa formulação.

Perguntaria, por exemplo, o que o Estado está fazendo para planejar e garantir a operação satisfatória dos três motores do desenvolvimento. Em sua atual fase neoestruturalista, estenderia a pergunta ao foco dos investimentos em segmentos produtivos de alta densidade tecnológica e em inovação nas empresas atuantes no país. Perguntaria, ainda, se a transformação ensejada pela dinâmica dos três motores conseguiria eliminar a profunda heterogeneidade estrutural ainda existente e em que prazos.

Provavelmente, recomendaria também que, no atual período de bonança em relação a reservas externas e preços de bens intensivos em recursos naturais, o país não cochile e busque uma autonomização externa mais definitiva fazendo isso por meio da diversificação produtiva e exportadora e da incorporação do progresso técnico na indústria e restante da estrutura produtiva nacional.

Por certo, lembraria ainda que há elementos críticos de qualquer processo de desenvolvimento ausentes do ensaio como educação, políticas sociais, integração regional e harmonia territorial, sustentabilidade ambiental e reformas institucionais.

(Bielschovski, R. – citado)

Aí caiu a casa , com a quebra do Lehmann Brothers, nos Estados Unidos evidenciando a bolha financeira a que aquele país estava esposto. A irrupção da crise de 2008 foi impactante para o Governo brasileiro, para a economia e para todos os que estavam a repensar a sociedade brasileira. Isto tudo acabaria trazendo a questão do desenvolvimentismo para o centro dos debates, inspirando diversas instituições à mobilização de idéias e forças em sua defesa. Todos se indagavam: Onde estamos? Para onde vamos? O Governo teve a felicidade de responder sem medo à crise, embora no início a tomasse como uma “marolinha”. De uma forma geral atuou keynesianamente de forma a manter o nível de demanda efetiva , através da potenciação da oferta de crédito pelas instituições oficiais, reforço das transferências às

famílias no bojo da elevação dos Gastos Sociais e elevação dos gastos públicos. Com a vitória e posse de Dilma, em 2011, mesmo com algumas tentativas de saltar do “tripé dos sólidos fundamentos” para um novo “tripé desenvolvimentista”, com base no PAC II, na tentativa de redução dos juros e interferência no câmbio, percebida com preocupação pelo “mercado”, pouca coisa mudou, a não ser a reversão de expectativas no mercado mundial, com a queda nos preços das commodities e valorização do dólar em decorrência da recuperação da economia americana.

As ações e declarações das autoridades econômicas, embora frequentemente confusas e contraditórias, induzem à conclusão de que o tripé de políticas macroeconômicas presente desde 1999 (metas para inflação, taxas flutuantes de câmbio e geração de superávits primários) está sendo substituído (não de forma necessariamente explícita) por uma gestão macroeconômica que visa atingir simultaneamente três objetivos no curto prazo: câmbio depreciado em termos reais; crescimento econômico ao redor de 5% ao ano e taxa de juros reais baixas (menores do que no passado recente, pelo menos). Sem contar outros objetivos declarados na retórica oficial, como combater a “desindustrialização”, reagir à “guerra cambial” e ao “tsunami monetário”.

Juan Jensen - Do tripé macroeconômico à tripla meta – Valor 30/03/2012)

<http://www.insper.edu.br/conhecimento/conjuntura-economica/do-tripe-macroeconomico-a-tripla-meta/>

Mas foi no ano passado (2013) quando, em resposta à precipitação da sucessão presidencial, no contexto de um ritmo menos animador na economia interna que levou vários economistas liberais a elevarem o tom de suas críticas ao Governo, que as reflexões sobre o desenvolvimentismo amadureceram.

Releva lembrar, neste balanço, a importância da Associação Keynesiana Brasileira, fundada há algum tempo e voltada ao estudo e divulgação das idéias do economista que a inspira, hoje sob a presidência de José Luis Oreiro:

Como teoria e economia keynesiana entende-se a compreensão da dinâmica de economias monetárias contemporâneas em que falhas sistêmicas intrínsecas ao funcionamento destas levam freqüentemente a situações de concentração de renda e de desemprego. Nesse sentido, tomando como base a teoria keynesiana e afins, a “mão invisível” do mercado não funciona adequadamente sem o complemento da mão visível do Estado. Em outras palavras, a intervenção do Estado, no sentido complementar aos mercados privados, é imprescindível para criar um ambiente institucional favorável às decisões de gastos privados (consumo e investimento), impactando, assim, a demanda efetiva.

A AKB, em suma, propõe-se a ser um fórum de fomento ao debate sobre a teoria e economia keynesiana, agregando profissionais de várias áreas das

ciências sociais, com especial atenção a discussão sobre os rumos da economia e sociedade brasileira.

No eixo Brasília- Rio de Janeiro é criada, também em 2013, a Associação Desenvolvimentista – ADB - www.desenvolvimentistas.com.br.

A ADB nasceu como um site de debates com eixo no nacional-desenvolvimentismo, criado por Gustavo Santos, no Eixo Rio-Brasília . O objetivo foi trazer a normalidade e o equilíbrio necessário ao sistema político e social brasileiro. Seu inspirador diz que partiu da matriz iluminista que teria destilado três princípios reguladores da vida social : socialismo, liberalismo econômico, e o nacionalismo. A convivência competitiva desta trindade seria fundamental para a preservação de um sistema democrático real e equilibrado.

A natureza mesma do sistema capitalista e do regime democrático exigiria a convivência destas três forças ideológicas. O nacionalismo deriva e se impõe como uma necessidade de se lutar contra o conglomerado de grandes corporações multinacionais e Estados estrangeiros com vistas à construção da soberania nacional . O ideal socialista é um baluarte na proteção do trabalho frente ao capital . E o liberalismo é o espaço de competição entre ambos. A ADB foi criada para conscientizar a sociedade brasileira da necessidade de sustentar um modelo desenvolvimentista marcado pela defesa deste tripé , imprescindível à evolução da sociedade, da economia e do estado nacional brasileiros , com vistas ao equilíbrio de nossa democracia.

Com a linha da ADB se identifica o economista Carlos Lessa, ex Presidente do BNDES, histórico defensor do desenvolvimentismo, quem abre, aliás, o site da ABD com um Manifesto no qual se lê:

Da defesa varguista da economia do café no “terremoto” de 1929, até o projeto de Brasil-potência, o país fez crescer o PIB em torno de 7% ao ano.

Com a crise da dívida externa e a instalação do Estado de Direito da Constituição de 1988, houve um mergulho na hiperinflação e na desaceleração do crescimento. A partir de 1980, o Brasil mergulha na mediocridade macroeconômica. Há um repúdio ao sonho da industrialização nacional e incorporamos o neologismo “globalização”, como versão atualizada do neoliberalismo, agora sob hegemonia ideológica do epicentro dos EUA. O Brasil passou a não discutir projeto nacional e afirmou que, se integrando à economia mundial, chegaria, à la Pangloss, ao melhor dos mundos possíveis.

Outro eixo de reflexões reuniu , também no ano passado , em outubro, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que já possui um núcleo de estudos do desenvolvimento econômico, o Cede, o Seminário "Perspectivas para o Século XXI" e lançou o Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, numa

proposta para reunir em torno do assunto universidades de linha similar de pensamento, como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Neste seminário ficaram registradas duas grandes vertentes: “novos-desenvolvimentistas” e os “social-desenvolvimentistas”:

Apesar de revelarem pontos de convergência, os debates mostraram que há diferenças importantes entre os próprios heterodoxos, divididos hoje, principalmente, em duas correntes: os novos-desenvolvimentistas e os social-desenvolvimentistas.

Os novos-desenvolvimentistas defendem principalmente um câmbio flutuante, mas com uma taxa administrada. Isso significa que a flutuação seria livre dentro de uma faixa de valores. O câmbio atual deveria ser desvalorizado, de forma a dar competitividade à indústria. Já há estudos que projetam a desvalorização para R\$ 2,90 por dólar. Isso porque entendem que o modelo exportador semelhante ao adotado por alguns países asiáticos pode ser benéfico às empresas brasileiras. Além disso, alguns membros têm sugerido redução nos ganhos salariais reais.

Encabeçada por nomes como Luiz Carlos Bresser-Pereira (FGV-SP), José Luis Oreiro (UnB) e Nelson Marconi (FGV-SP), entre outros, na corrente novo-desenvolvimentista, a política macroeconômica funcionaria em grande medida também como política industrial.

Do outro lado, há os partidários do social-desenvolvimentismo, onde se encontram nomes como Ricardo Bielschowsky (UFRJ/Cepal), Ricardo Carneiro (Unicamp, hoje no Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID), André Biancarelli (Unicamp), entre outros, que não estão de acordo com uma desvalorização muito forte do real, que poderia, segundo eles, destruir ganhos sociais conquistados nos últimos anos. Seria preciso, portanto, uma sintonia mais fina, na qual o câmbio, ao mesmo tempo que estimulasse a indústria nacional, não prejudicasse a continuidade da melhora da renda e do consumo. Além disso, defendem a existência de uma política industrial, não deixando todo o papel do crescimento do segmento exclusivamente à política macro. "O Brasil precisa de novas frentes de expansão para retomar o crescimento, mas não acho que é preciso diminuir o consumo para aumentar o investimento. Uma coisa complementa a outra, não substitui", diz Biancarelli, da corrente dos social-desenvolvimentistas. Para ele, o país estaria "num impasse, em que o dinamismo gerado pelo modelo que deu certo diminuiu bastante".

Biancarelli discorda da avaliação de que a via externa deva ser a nova frente, como propõem os novos-desenvolvimentistas. "Não é a agenda de mais abertura comercial e nem a agenda de uma desvalorização cambial radical e diminuição dos custos de produção no país às custas do salário", afirma. Ele sugere que a expansão seja feita por investimentos na infraestrutura, especialmente em saúde, transporte e educação. "Esse é o norte: uma frente que melhore a distribuição de renda, que continue o processo civilizatório e que possa ser também uma fronteira de expansão econômica."

Outros renomados economistas, todos ligados à esquerda, aí incluindo o PMDB, com destaque para L.G. Beluzzo, voltaram-se para o referido debate trazendo suas respectivas e valiosas contribuições. Este acervo está

consolidado em meu arquivo pessoal “Desenvolvimentismo em Questão” - <http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/140723080056DESENVOLVIMENTISMO EM QUESTAO.pdf>

É surpreendente e até certo ponto desconcertante, portanto, que, no mesmo momento em que a esquerda da inteligência acadêmica retoma com vigor o combate ao neoliberalismo, preconizado por delfins tucanos como Edmar Bacha, Gustavo Franco e Armínio Fraga, todos alinhados com a candidatura de Aécio Neves, assim como outros como Eduardo Gianetti, na assessoria de Eduardo Campos, aliados chaves do Governo do PT e da campanha de Dilma Roussef coloquem em dúvida a validade do desenvolvimentismo, já há tempos, aliás, privado de seu sufixo “nacional”. Roberto Macedo, por exemplo, responde à ironia de Maria da Conceição de que “ninguém come PIB”, com expressivo artigo no qual reitera a importância do crescimento até para chegarmos a uma relação de gastos públicos por habitante comparável à de países desenvolvidos, evitando a falsa impressão de que a nossa carga tributária é excessiva. Conclui ele:

Mas, calculando essa carga de 36% sobre o PIB por habitante, em 2012 ,o setor público do Reino Unido contava com US\$ 14.015 por habitante, enquanto o Brasil dispunha de apenas US\$ 4.082. Em reais à taxa comercial de ontem, R\$ 31.632 e R\$ 9.213 respectivamente. Uma enorme diferença, que explica os melhores serviços públicos providos pelo Reino Unido.

Em conclusão, o povo brasileiro não come os números do PIB, mas come uma fatia dele em alimentação, recorre à do vestuário e faz uso dos serviços de saúde, educação e transporte - entre outras fatias.

Assim, há muito, muitíssimo que fazer pelo PIB brasileiro. Enquanto não crescer a taxas dignas das necessidades de seus habitantes o Brasil continuará nessa ilusória classe média alta, que só é alta quando se miram os países que estão lá muito abaixo do nosso, que ainda é bem pobre se comparado com os que permanecem por cima, como o RU. Estes são os que devemos mirar e correr mais rápido para alcançá-los, ou pelo menos para não ficarmos, como hoje, tão distantes deles.

(Roberto Macedo- “Por que um PIB bem maior?” - ESP, 19/06)

Atônito, velho estudante dos bancos da CEPAL e ESCOLATINA , no Chile, fiel seguidor dos ensinamentos de Celso Furtado e da escola “estruturalista”, só me resta, à guisa de conclusão, depois de concordar com o autor acima, reiterar que continuo, sim, achando que o PIB é importante e que deve se estruturar em torno de uma sólida política industrial voltada à consolidação de nichos de elevada densidade tecnológica nos campos da eletrônica e da biogenética e novos materiais, sem descuidar, naturalmente, do apoio às

exportações tradicionais e da infra-estrutura física e humana. Não sendo assim, caberia indagar:

Amici, ad qui venisti?

(Amigo, a que vieste?)

NAÇÃO PERNAMBUCO: A PEDRA DO REINO...

Paulo Timm – Especial para A FOLHA, Torres, agosto 19



[http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasis, Brasil e Bras%C3%ADlia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasis,_Brasil_e_Bras%C3%ADlia)

“O tal sentimento de pernambucanidade não nasceu de um dia para o outro. Sim, ele é histórico. Nasceu, provavelmente, com as lutas e rebeldias contra a Coroa Portuguesa. Nasceu numa época em que a alcunha de Leão do Norte era não somente válida como também verdadeira.

(...)

Ganhou ares folclóricos, as máximas que dizem que em Pernambuco se tem a "maior avenida em linha reta", "o jornal mais antigo em circulação da América Latina", "o maior shopping da América Latina" e por aí vai.

*Sim, o pernambucano médio se orgulha dessas coisas.
Mas se orgulha também de suas tradições, de suas raízes. Se orgulha de Luís
Gonzaga, dos poetas repentistas, de João Cabral de Melo Neto, de Manuel Bandeira,
do Manguebeat. Mas esquece que, raízes que não caminham e que não se alimentam,
asfixiam.
Se orgulha do seu passado de glórias.”*

<http://ovelhapop.blogspot.com.br/2008/07/sobre-o-to-falado-orgulho-de-ser.html>

Em resposta aos que chama, muito negativamente, de “filantropos iluministas franceses”, escreve Novalis num texto problemático, radical e claro na definição do que chamo antiocularidade romântica, A Cristandade ou a Europa: apesar de uma obediência geral a esta “luz” racional, nas ciências e na educação, tanto na França como na Alemanha, “pena era que a natureza permanecesse tão maravilhosa e incompreensível, tão poética e infundável, desafiando todos os esforços de modernização”.

<http://obeissancemorte.wordpress.com/2013/11/29/maria-gabriela-llansol-e-clarice-lispector-escrever-noutro-mundo-um-trabalho-em-progresso/>

“(...) A civilização condenou os costumes desse passado morto em nome da delicadeza das maneiras e elegância do porto, a grande lei do progresso repudiou as suas práticas como prejudiciais ao surto das indústrias, (...) Esta palavra (gaúcho) é, pois, a evocação de um passado que não deve reviver.”

Jornal A Federação , de orientação castilhistas, POA, 1912 – Apud Evaldo M. Braz
in “Manifesto Gaucho” – Martins Ed - POA



Neste dia 19 de agosto, do ano da graça de 1849, nascia em Pernambuco Joaquim Nabuco, escritor e político brasileiro, com uma vasta obra

consolidada em 14 volumes por Celso Cunha, falecido em 1910, um dos mais ilustres personagens da vida pública do país - <http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/76.av> . A ele, minhas homenagens. Nabuco, oriundo da aristocracia imperial , ele próprio convicto monarquista, não foi apenas um dos maiores arautos da abolição da escravatura , mas um incansável propagandista das reformas que lhe deveriam acompanhar, sendo apontado como o primeiro a defender a Reforma Agrária no país - http://www.cristovam.org.br/portal2/index.php?option=com_content&view=article&id=3430:joaquim-nabuco-o-primeiro-homem-publico-a-defender-a-reforma-agraria-no-brasil-2012010-&catid=15&Itemid=100048 . Ainda assim, sempre soube que carregávamos pelos séculos a mácula da escravidão. Tão complexa a personalidade política de Nabuco que o Ex-Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, o junta ao Barão do Rio Branco como um dos pilares da diplomacia brasileira. E em clássica conferência, em decorrência desta complexidade de Nabuco, o classifica como um verdadeiro enigma, eis que combinava, em aparente contradição, uma origem social privilegiada com um reformismo militante:

“As duas vidas de Joaquim Nabuco o Reformador” -

http://funag.gov.br/loja/download/898-Duas_Vidas_de_Joaquim_Nabuco_As.pdf

Mas não o lembro apenas pelo seu aniversário. Preocupa-me situar na sua personalidade – enigmática - o momento particular por que passa aquele Estado- Pernambuco- em virtude da morte precoce de seu ex Governador Eduardo Campos. E nisso destacar o que outro pernambucano ilustre, Gilberto Freire, sempre destacava: os muitos brasis dentro do Brasil. Um de seus livros tem precisamente este título:

“(...)sendo uno, é também uma constelação de Brasis; possuindo um valioso passado "útil" ou "utilizável", defronta-se com um futuro cheio de desafios à sua capacidade de ação orientada pelo, que, nas suas elites e no seu povo, seja imaginação criadora. Imaginação científica associada à poética.”

(Gilberto Freire, no prefácio do livro *Brasis, Brasil e Brasília* – [Prefácio](#))

Mas...Onde o enigma, outrora de Nabuco, mais recentemente de Eduardo Campos, talvez até do Estado que os *aberçou*?

O enigma se refere, sempre, à uma dificuldade de compreensão. Tanto que a ele se atribui, também sempre, a figura da Esfinge, com seu célebre: *Decifra-me ou devoro-te!*

Pois bem, a conjuntura do auge de Nabuco no II Império, nas décadas de 1870 e 1880, coincidia não apenas com a luta abolicionista, que ele abraçou com inusitado vigor, mas com a emergência de ideais republicanos. Quanto mais avançava o fim do século XIX, mais se aguçava no Brasil o confronto entre os defensores do Império e os arautos do Regime republicano. Uma crônica apressada da Proclamação da República em 1889 deixou um falso registro de que o povo assistiu bestificado ao evento. Ledo engano. Nelson Werneck Sodré foi o primeiro historiador a valorizar a mobilização republicana e elevado significado popular do florianismo – Governo Floriano Peixoto. É até possível que se, na época, houvesse IBOPE, a grande maioria do povo, então analfabeto e distante do processo institucional da Política, Dom Pedro II aparecesse gozando de grande prestígio. Mas a elite política no Rio de Janeiro e algumas capitais, fervilhava em debates sobre o destino do Brasil. Debates que eclodiram na Proclamação de 15 de novembro de 1889 e que explodiriam nas ruas com o tenentismo, que desembocou na Revolução de 1930, mudando o Brasil. Só para lembrar: Foi graças ao original nacional-desenvolvimentismo daí resultante que nossa economia se modernizou em torno do complexo urbano-industrial, num contínuo de 50 anos, a uma taxa de 7% a.a., assegurando o salto demográfico de cerca de 40 para perto de 200 milhões de almas. Naquele contexto, pois, do final do século XIX, era quase inconcebível que um prócer avançado das reformas, como Nabuco, não se associasse à mudança do regime. Não é fácil explicar Nabuco. Mas não será fácil, também, explicar Gilberto Freire, antropólogo loquaz, João Cabral de Mello Neto, poeta de fala difícil, Miguel Arraes, político sui generis e o próprio Eduardo Campos, seu neto, não menos original, agora surpreendente. Ou Alceu Valença, apoteótico. Todos extremamente enigmáticos. Isto porque sempre queremos compreendê-los a partir de cânones “universais” cevados na ficção de um Brasil único centrado no Eixo Rio – São Paulo, sempre inclinado aos avanços do pensamento na

Europa e nos Estados Unidos. Não sei se Ariano Suassuna tentou explicá-los, mas, certamente precisaríamos dele para tal empreendimento. Porém, se não explicou, talvez o tenha sugerido, na sua obra, principalmente na “Pedra do Reino” ou, no seu título original de 1958 *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Lá encontramos o coração do nordeste profundo, do qual Pernambuco foi, talvez, a grande caixa de ressonância, na obra dos nomes citados, os quais foram capazes de romper com as origens sociais mais próximas para se maravilhar – e encantar o país inteiro - com a magia do universo popular :

Um "romance-memorial-poema-folhetim", como definiu o poeta [Carlos Drummond de Andrade](#), narrado pelo seu protagonista, Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, que constrói um monumento literário à cultura caboclo-sertaneja nordestina, marcada pelas tradições do mundo ibérico (Portugal e Espanha), trazidas pelos primeiros colonizadores europeus e transfeitas ao longo dos séculos. Segundo observação do crítico literário João Hernesto Weber, na obra podem ser encontradas "duas distintas tradições a informarem a concepção de mundo do herói: a tradição mítico-sertaneja e a tradição erudita".

[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O Romance d%27A Pedra do Reino e o Pr%C3%ADncipe do Sangue do Vai-e-Volta&action=edit§ion=1](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O_Romance_d%27A_Pedra_do_Reino_e_o_Pr%C3%ADncipe_do_Sangue_do_Vai-e-Volta&action=edit§ion=1))

Ou seja, eles foram os “eruditos” que se encontraram na tradição mítico-sertaneja, não só porque eram sensíveis, mas porque o mundo sertanejo, pela sua pujança sócio-cultural, se impôs sobre o litoral mais urbano. Esta tradição, empoderou a cultura regional, invadiu o Recife e acabou atravessando fronteiras ao consagrar o Velho Gonzagão num ícone da música popular brasileira e Alceu Valença como um produto derivado. E o fez com os elementos preservados da primeira fase da colonização lusitana, claramente manuelinos, aclimatados ao ciclo do couro. O Recife – talvez Olinda – sempre foi refratário à estas tradições, mourejando em torno da auto-suficiência senhorial da Casa Grande, em nome do progresso civilizatório, como reclama esta indignada blogueira:

“Não é por acaso que o pernambucano por adoção Ariano Suassuna é cultuado com pompas de semideus. Com seu discurso espetacular, xenófobo e retrógrado, cativa multidões. Multidões que não sabem que nenhuma obra gera a si mesma. Que toda grande obra (como a dele é, sem

dúvida) bebe em outras fontes, é devedora de várias referências.”

<http://ovelhapop.blogspot.com.br/2008/07/sobre-o-to-falado-orgulho-de-ser.html>

A verdade é que o litoral acabou cedendo e mergulhando no imaginário sertanejo. Não sem contradições, fruto do olhar crítico da consciência racional mais aguda das elites intelectuais que vêm neste recuo no tempo e na geografia as raízes do atraso, tal como Domingo Sarmiento também o fazia na Argentina do final do século XIX. Assim pensavam e fizeram também os herdeiros do castilhismo positivista no Rio Grande do Sul. É o mesmo olhar, aliás, de Euclides da Cunha, embora contraditório no que seus olhos vêem e no que seu cérebro elabora, no celebrado “Os Sertões”, para quem ao mesmo tempo em que exalta instintivamente o sertanejo, também o humilha -

O mesmo se poderia dizer no tocante à Lampião e seus cangaceiros. Condenados pela República emergente: sobrevivem com força inusitada no ideário regional.

O cânone brasileiro é uma consagração de genocídios

Os verdadeiros heróis dos nossos famosos escritores são massacrados

pela cumplicidade da pena destes autores

com a espada que os sangra.

*(Impera em toda a grande obra brasileira) a supressão do trágico
para converter-se em epopéia (imprecisa) de vencedores (duvidosos).*

Esquecem-se até que,

Para bem mentir ,é preciso saber a verdade.

*E que para escrever não basta selecionar palavras doces dentro de regras
formais.*

Há que se revelar a essência trágica da condição humana.

O verdadeiro herói trágico sofre derrotas e é destruído:

Elas são ,

*no entanto,
vitórias interiores do vencido,
derrotas morais do vitorioso.*

Para o pensamento trágico não há espaço no cânone brasileiro...Porém, Pernambuco soube digerir a tragédia. Ao fazê-lo, criou seu regionalismo, seus valores, sua identidade, seu orgulho, só comparável ao dos gaúchos, embora de raízes , quase opostas. Em Pernambuco o regionalismo sertanejo se fez hegemônico e transbordou para a cultura e para a Política. No Rio Grande, o regionalismo perdeu para o cosmopolitismo portoalegrino e se converteu em mero tradicionalismo maquiado. Compare-se Suassuna com Paixão Cortes, sem qualquer desdouro ao trabalho insano deste respeitável gaudério... A verdade, contudo, é que as duas nações, assim assumidas, se parecem. Pernambuco pelas raízes que caminharam dominando a cidade, criando um orgulho de tipo cultural. O Rio Grande pelos desdobramentos ideológicos do positivismo urbano, criando um orgulho de tipo cívico. O primeiro, barroco, com fortes traços religiosos e míticos, com origem no manuelismo dos séculos XVI e XVII. O segundo, llano, farto de irreligiosidade e infilosofia, numa clara aderência à fronteira hispano-fônica e forte influência de Buenos Aires, associada ao pombalismo do século XVIII , quando se processou sua colonização. Repare-se, por exemplo, como o Jornal “A Federação”, vinculado ao castilhismo predominante na vida pública de Porto Alegre no início do século, trata o regionalismo:

“(...) contendo contos narrados à feição de gente do campo, num Rio Grande já remoto sobre os assuntos característicos dessa gente (...). (...) discordamos da opinião que a vulgarização de tal literatura tenha qualquer fim de utilidade real , quer quanto ao conhecimento de costumes da época, quer quanto ao enriquecimento de nosso insignificante patrimônio intelectual . Este pelo contrário só terá a perder com o cultivo de uma linguagem rebarbativa, viciada, cheia de plebeísmo, por vezes mal sonantes e até inconvenientes.”

(A Federação, jornal castilhista, num ataque aos contos de Simões Lopes Neto, 1912, apud Evaldo M. Braz in “Manifesto Gaúcho” , pg 30, Martins Livreiro Ed.)

Esta atitude da elite gaúcha só vai se alterar ao longo do périplo do grupo de escritores e intelectuais reunidos em torno da Editora Globo na década de 40-50, quando da publicação das Revistas “do Globo” e “ Província de São Pedro”. O ano de 1949 é um marco desta virada com a publicação pela Globo da obra de Simões Lopes Neto e do primeiro volume de “O Continente” , de Érico Veríssimo. Ainda assim, este regionalismo terá sempre um caráter literário e sofisticado pouco aparentado ao tradicionalismo que lhe deveria corresponder. Ele, rigorosamente, não empolgou a cultura rio-grandense, nem extravasou para o campo político, até porque o berço da tradição, o pampa, acabaria declinando em importância econômica e demográfica.

Curiosamente, entretanto, ambos, Pernambuco e Rio Grande do Sul se proclamam como “Nação”.

Surpreendi-me, certa feita, andando pela Rua W3 Sul em Brasil, quando me deparei com uma fachada: NAÇÃO PERNAMBUCO. Era a marca deste ser irredutível do nordestino: A luta renhida pela sobrevivência sertão adentro, a extrema estratificação de uma sociedade marcada pela matrix colonial, as frustrações populares diante das traições da classe dominante nas sublevações de 1817 e de 1824, as quais devem ter gerado um estilo próprio do fazer político na região, o jeito próprio de seus líderes populares de fazer política, mais em sintonia com o interior do que com o exterior.

Reporto-me, por exemplo, ao Governador Miguel Arraes, tanto antes, quanto depois do golpe de 1964. Sempre houve a esquerda brasileira e... Miguel Arraes. No exílio, o mesmo. Ele só se dissolveu num projeto nacional quando ingressou no PMDB, logo de sua chegada do exílio, em obediência certamente menos à Tese da Unidade das Oposições, então vigente e defendida pelos comunistas, do que à sua conhecida obediência à Pernambuco. Mas tão logo tomou pé na conjuntura, voltou-se para seu projeto próprio, o PSB, que lhe veio a calhar. Quero crer que isto ocorreu mais em decorrência de condicionantes culturais do que interesses pessoais menores. O neto seguiu-lhe os passos: criou sua própria alternativa, ainda que limitado pelas circunstâncias nacionais que lhe cerceavam o espaço. Até mesmo dentro do PSB, como se vê pela forte oposição feita à ele pelo Vice-Presidente do Partido hoje na Presidência Roberto Amaral, quando de sua decisão de romper com o PT:



O Brasil moderno, enfim, prefere – ou preferiria - uma acomodação política correspondente ao caráter dual da sociedade de classe: Trabalhadores, polarizados pelo PT, o primeiro partido popular organizado nacionalmente x Capitalistas, liderados pelo tucanato. Todavia, o conflito capital/trabalho que subjaz à modernidade, não dá conta das mediações sociais e regionais que medeiam esta “contradição”. Brasil, brasis... Claro, também que o Brasil não é Pernambuco, ou vice-versa. . Como não é o Rio Grande do Sul, outro Estado Nação de destaque e já até conseguiu estender sua influência ao conjunto do país num cochilo dos grupos oligárquicos dominantes. Pior ainda, o projeto de Governabilidade central de qualquer partido no Poder, implica em atropelos, senão traições, às suas bases regionais de forma que acabam sacrificando ideais e quadros locais. Isto aconteceu com Getúlio Vargas e , principalmente com João Goulart, quem, mercê de acordos políticos que envolviam um Senador , aliado, controlador de um poderoso grupo minerador, acabou rompendo com o Governador Mauro Borges, de Goiás. O mesmo Mauro Borges que havia apoiado

Brizola na Legalidade, em defesa da posse de Jango como Presidente. O mesmo Mauro Borges que era filho de Pedro Ludovico, o Governador mais leal a Vargas até sua morte, em 1954...Resultado: Mauro não saiu em defesa de Jango e só iria ser deposto militarmente no dia 28 de novembro de 1964, data na qual, para grande parte dos goianos, teve início a ditadura militar...

Mas o que mais surpreendeu, enfim, os analistas políticos, maior parte vacinada contra as teorias conspirativas, foi a repercussão da morte e sepultamento de Eduardo Campos. De uma hora para outra, o cadáver insepulto do candidato que não conseguia se fazer sequer conhecido do Brasil, apesar de duas vezes Governador de um Estado econômica e culturalmente importante e Presidente de um grande Partido, não só se faz aparecer como impressiona, a ponto de alterar o cenário eleitoral. E dá um recado que corre o risco de virar bordão, banal, porém comovente: “ Não abandonaremos o Brasil!” E o script, surpreendido pelo imprevisto do acidente aéreo que vitima Eduardo, é logo recomposto e tem seu curso “espetacular” na abertura do Programa Eleitoral do PSB, com a canção de Alceu Valença - Anunciação:

Anunciação, de Alceu Valença, foi inteligentemente escolhida para sonorizar os dois segundos de aparição de Eduardo Campos cuja morte pode ter provocado uma das maiores reviravoltas políticas da história recente do Brasil.

Anunciação

Alceu Valença

Na bruma leve das paixões

Que vêm de dentro

Tu vens chegando

Pra brincar no meu quintal

No teu cavalo

Peito nu, cabelo ao vento

E o sol quarando

*Nossas roupas no varal
Na bruma leve das paixões
Que vêm de dentro
Tu vens chegando
Pra brincar no meu quintal
No teu cavalo
Peito nu, cabelo ao vento
E o sol quarando
Nossas roupas no varal
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
A voz do anjo
Sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido
Já escuto os teus sinais
Que tu virias
Numa manhã de domingo
Eu te anuncio
Nos sinos das catedrais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens*

Eu já escuto os teus sinais

Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Na bruma leve das paixões

Que vêm de dentro

Tu vens chegando

Pra brincar no meu quintal

No teu cavalo

Peito nu, cabelo ao vento

E o sol quarando

Nossas roupas no varal

Tu vens, tu vens

Eu já escuto os teus sinais

Tu vens, tu vens

Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo

Sussurrou no meu ouvido

Eu não duvido

Já escuto os teus sinais

Que tu virias

Numa manhã de domingo

Eu te anuncio

Nos sinos das catedrais

Tu vens, tu vens

Eu já escuto os teus sinais

Tu vens, tu vens

Eu já escuto os teus sinais

Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Composição: Alceu Valença • Esse não é o compositor? Nos avise.

Legendado por anacordeiro e barbara.rgs

http://www.vcartigosnoticias.com/2014/08/1-propaganda-do-psb-no-horario.html#.U_TePvldXbU



[UOL](http://www.uol.com.br)

Os filhos mais velhos de Eduardo Campos, João, Pedro e Maria Eduarda, chegam ao Palácio do Campo das Princesas, sede do governo de Pernambuco, com o caixão que leva o corpo do pai <http://bit.ly/1m6kVdq>

Assim é o Nordeste, Pernambuco em especial: Tudo celebração. Enquanto, nós, aqui, transformamos toda celebração em sessão solene...Tão diferentes...e tão parecidos...

Por fim, a propósito do funeral de Eduardo Campos, para muitos, distantes de Pernambuco, insólito, pela profusão de palavras de ordem política, associadas à cantadores e poetas, uma última palavra: O Brasil são muitos brasis, como dizia Gilberto Freire. E mesmo desconhecendo a cultura popular nordestina, creio que as manifestações cabem perfeitamente naquele cenário de ecletismo religioso e político de raízes manuelinas. Foi uma reedição da “Pedra do Reino”... A censura, se houvesse, deveria ter sido aposta pela viúva, mas , pelo que vi, foi ela a principal incentivadora das cantorias, fogatório e aclamações políticas. Se ela não censurou, muito menos eu, apesar de que, como fruto de outra cultura, aqui sediada, na qual a vertente lusitana pombalina se misturou à germânica, preferisse maior recolhimento. Enfim, nesta questão, a vida parece imitar arte - e seus intérpretes, os autores . Se um escritor não elabora in extremis o ridículo potencial das imagens sob seu crivo, para melhor evidenciar o patético, como poderá alcançar o pretendido sublime? Lembremo-nos que na vida, como na arte, este sublime é o momento da “suspensão da suspeição”, um instante mágico em que tudo volta ao ponto de partida.

E já que não é a idéia absoluta que cria a coisa,

mas o ente que gera seu conceito,

é este, enquanto artista, que tece os fios da trama na qual

o subjetivo precisa ser objetivo,

por estar além do sujeito,

e o objeto precisa ser captado em suas múltiplas determinações.

Vá, pois, o feito pernambucano, diante do qual não nos resta nem rir, nem chorar, nem aprovar, nem condenar, apenas compreender.

O TEMPLO “UNIVERSAL ” DE SALOMÃO

Paulo Timm - 2014

“A Cesar o que é de Cesar. A Deus o que é de Deus.”

Cristo, ao ser indagado se os judeus deveriam pagar impostos a Roma – Novo
Testamento

“Quomodo fides a principus sit servanda?”

Machiavel em “O Príncipe”, apud João Carlos Brum Torres in
“Transcendentalismo e Dialética” , Ed. L&PM , P.A. , pg.227

*

Hoje vou falar num tema espinhoso. Mas cristão. E rogo a Deus, mesmo como agnóstico, que me proteja...

A inauguração do novo templo de Salomão, em São Paulo, pelo Bispo Edir Macedo, com a presença de altas autoridades, inclusive a Presidente Dilma Roussef, além de uma multidão de fiéis, foi o ponto alto da semana. Sufocou

até as horríveis imagens de civis atingidos por mísseis israelenses na Faixa de Gaza, mesmo abrigados sob a bandeira da ONU. Até agora (só para empanar um pouco o brilho do evento da Universal), mais de 400 crianças já pereceram no recente conflito...

Mas o que chama a atenção na (re)inauguração do tempo de Salomão, além, claro, de sua majestosa arquitetura e requintes de acabamento, destacando-se o revestimento das paredes com pedras calcárias trazidas de Israel? A israelização da Universal. Israelização, tanto do fundador da Igreja Universal, que emergiu como um rabino tradicional, com direito à barbas longas e quipá sobre a cabeça, como da “sua” Igreja, quer na iconografia dominante no novo tempo, quer no sermão do Mestre, selecionado de uma Profecia do Antigo Testamento. Detalhe: Não faltou a presença de representantes do atual Estado de Israel, lado a lado com as autoridades nacionais, com o direito de escutarem a execução do Hino daquele Estado, ao lado do nosso Hino Nacional. Maior identidade entre a Universal e Israel seria impossível de imaginar.

O assunto requer reflexão, tanto em respeito ao elevado número de evangélicos no Brasil, hoje mais de 40 milhões de almas, como pelas repercussões políticas para o Brasil da “israelização” da Universal. Com gesto do bispo Edir de se identificar com o Israel atual, ele acabará trazendo para o Brasil um conflito regional entre este Estado e os palestinos de proporções gigantescas, sobre o qual nem há necessidade de se qualificar. Todos sabem. A colônia árabe no Brasil é enorme, muito maior do que a judaica, e tem se adaptado ao clima de relativa tolerância reinante no país. O mesmo se pode dizer dos judeus, dentre os quais, aliás, têm saído rabinos atentos à dinâmica nacional, como o histórico Henri Sobel, atuante no processo de redemocratização dos anos 80, ou o rabino Nilton Bonder, líder espiritual da Congregação Judaica do Brasil, autor do interessante livro “A alma imoral”, raramente visto com o respeitável cobertura e avesso às barbas longas. Esta aclimação de árabes e judeus entre nós tem sido possível, em grande parte, pela equidistância diplomática que temos mantido no conflito do Oriente Médio, associada ao fato da grande parte da população brasileira não ter qualquer envolvimento emocional ou religiosa no assunto. O ato da Universal, na minha opinião, quebra esta tradição. Um risco.

Aqui vale uma pequena digressão: O Estado bíblico de Israel não se confunde com o atual Estado de Israel. Muitos judeus, aliás, nem reconhecem o Israel contemporâneo, nem com ele se identificam - <http://www.torres-rs.tv/site/admin/admin.php> - http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional_politica2.php?id=2709%22.

A criação do atual Israel é muito recente. Foi resultado, depois de longa peregrinação de seu idealizador, criador do chamado Movimento Sionista,

Theodor Herzl, no final do século XIX, em seu livro “ O Estado Judeu”, que foi reconhecido pela Nações Unidas – ONU - , em 1948, em uma de suas primeiras assembleias, presidida pelo chanceler brasileiro Osvaldo Aranha, sob o impacto da revelação do holocausto na II Guerra - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sionismo> -. Isto implicou choque imediato com a população palestina que habitava a região sob o Protetorado da Inglaterra – que logo recebeu apoio de todas as nações árabes -, a qual foi sumariamente desalojada, tendo que abrigar-se em pontos mais ao sul, sobretudo atuais Cisjordânia e Faixa de Gaza, e países vizinhos, onde permanece até hoje como refugiados, sem direito à cidadania. Tal fundação não obedeceu, também a dois princípios régios do Direito Internacional , forjados pela própria ONU , para o processo de descolonização que se seguiu à II Guerra: a auto-determinação dos povos e a intangibilidade das fronteiras. Enquanto isto, Israel se constituía como um Estado judeu, embora não dominado pela hierarquia religiosa, mas curiosamente sem Constituição, como fórmula provável de não generalizar direitos civis a todos seus habitantes, eis que milhares de árabes remanesceram no território. “Se tivesse sido promulgada uma Constituição em Israel, ao menos os cidadãos que lá habitam poderiam reivindicar seus direitos civis e exigirem tratamento minimamente civilizado dos poderes constituídos. Acontece que a ocupação sionista nem isso permite”, afirma Marcio Oliveira um analista atento.

Mas há outro fato interessante na israelização da Universal, de caráter religioso: o mergulho cego no Velho Testamento, obscurecendo a figura do próprio Cristo, até hoje tido como seu guia espiritual.

Apesar do cristianismo comportar os dois Livros (Velho e Novo Testamento) houve uma enorme ruptura entre judeus e cristãos desde o I CONCÍLIO DE JERUSALÉM ainda no Seculo I. Cristo era judeu, tanto como seus 12 apóstolos, mas rompeu doutrinariamente com o judaísmo, assim como seus seguidores, logo a seguir, romperam com sua idéia central como povo eleito. Pedro e Paulo, este um romano não judeu, se enfrentaram pessoalmente, no I Concílio de Jerusalém sobre esta questão (há até um filme com J.Hopkins) , saindo este último vencedor com o direito de espalhar a “boa nova” a todas as gentes (gentios, bárbaros, independente dos ritos judaicos, tal como a circuncisão). Vem daí o sentido UNIVERSAL do CATOLICISMO CRISTÃO, graças ao instituto do “proselitismo” evangélico inaugurado por Paulo e que viria a se expandir mais ainda 14 séculos depois, com Lutero. Vide a Epístola aos Romanos, de Paulo, considerada uma peça fundamental do episódio. A partir daí as noções de povo eleito e terra sagrada caem por terra no âmbito do cristianismo, valorizando-se, cada vez mais a mensagem do PERDÃO QUE DO AMOR É FEITO, isto é, a BOA NOVA do Sermão da Montanha, de Jesus, com a sementeira da fraternidade entre os homens de boa vontade. Mais tarde, com São Tomaz de Aquino, no Século XII, os últimos vestígios teológicos da idéia de predestinação seriam também suprimidos, vindo a se consagrar, até hoje, como doutrina da Igreja de Roma.

Penso, pois, que o bispo Macedo não avaliou bem o significado desta israelização da Universal ao criar esta nova categoria de “sionistas cristãos”, numa flagrante contradição – senão deturpação – da doutrina até agora vigente entre os evangélicos. “Basta uma leitura rápida das primeiras passagens do Novo Testamento (ou Nova Aliança) para entendermos que a mensagem principal de Jesus foi justamente a de que o Pai ama todas as suas criaturas em igual medida, não cabendo a nenhum indivíduo ou grupo social a autoridade moral ou espiritual para se auto-intitular mercedores de tratamentos exclusivos nem se apresentarem como intermediários entre a criatura e o Criador”, como afirma o analista acima citado. E fê-lo justamente na cidade que leva o nome de São Paulo, numa clara referência àquele que soube separar, sem ódios, o joio do trigo, isto é, os cristãos da sua paternidade judaica.

ISRAEL de hoje, enfim, nada tem a ver com o ISRAEL bíblico, embora a maioria dos judeus, talvez, assim o entenda. É um direito que lhes assiste, mas não uma obrigação para os não-judeus, muito menos para os evangélicos seguidores de Cristo. E o Novo Testamento pouco tem a ver, como mensagem de amor, com o Velho, ainda marcado pela idéia de vingança no “olho por olho, dente por dente”. A atitude do Bispo Macedo vai internalizar no Brasil não só o conflito do Oriente Médio, despertando paixões que nada tem a ver com nossos interesses nacionais, como introduz uma *captis diminutio* na figura simbólica do mundo ocidental, que soube fazer do sacrifício e da dor um exemplo de redenção da humanidade.

Fica apenas a indagação: Por que o bispo Edir Macedo fez isto...? A cada um, sua reflexão e resposta. Se foi por motivos puramente intelectuais, louve-se-o. Não é pecado mudar de opinião, tal como lembra João Carlos Brum Torres, filósofo gaúcho, em epígrafe, em sua resenha ao livro de J.Gianotti, “Certa herança marxista”, embora eu duvide que Edir Macedo aí deva ombrear:

“No entanto, este raciocínio tortuoso também não vale nada, pois cá – quero dizer, no plano do desdobramento de uma vida de idéias – tanto quanto lá, no terreno duro e instável dos jogos de poder, a coerência, em e por si mesma, não é virtude e não expressa valor algum.

*A admiti-lo, dever-se-ia censurar Kant por ter abandonado as lições da **Dissertação de 70** e ter instituído a filosofia crítica com a publicação da **Crítica da Razão Pura**. Quem sabe um pouco menos veemente, mas não menos certo, deveria ser o reproche ao Platão das **Leis**, que sobre tantos assuntos revisou as posições da **República**. Vergastado, do mesmo modo, deveria ser o autor de **O Capital** por ter abandonado as posições mais ou menos feuerbachianas e antropologizantes dos **Manuscritos de 44**, assim como se deveria verberar Heidegger por ter trocado a ontologia fundamental e as análises fenomenológicas dos anos 20 pelas obscuridades pós **Kehre**. O mesmo se poderia dizer de Wittgenstein do **Tractatus** e do Wittgenstein das **Investigações** e a série poderia ser prolongada mais ou menos indefinidamente.”*

Mas se as razões foram políticas ou simplesmente vis, cabe, no primeiro caso, uma avaliação de que os resultados finais não serão prejudiciais ao Pastor; e no segundo, simplesmente a peregrinação, agora criminal do delito, com base em duas pistas clássicas: *Cherchez la femme* ou o não menos célebre *follow the Money...*

O eclipse da razão – integral

Paulo Timm – setembro 3

“É possível entender a força da Imagem Pública que é o somatório de exercícios de aparência, representações, fé e um carisma mediatizado a partir de jogos de poder entre visibilidade e credibilidade”.

(Maria Helena Weber, in “O Estatuto da Imagem Pública na disputa política” in Eco-Pós vol.12 , set;dez 2009)

“Frente a este problemático balanço crítico, Kiva Maidanik, de origem ucraniana, mas que se auto-identificava orgulhosamente como bolchevique e soviético, afirmava, amargurado, pouco antes de morrer: ‘Pelo menos aprendemos o que não se deve fazer’, sublinhando sempre, e enfaticamente, a partícula negativa. No futuro saberemos se o diagnóstico do velho Kiva tinha fundamento.”

Daniel Aarão Reis

Professor titular de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense in Resenha de " A Revolução Global : história do comunismo internacional (1917-1991)

Como todo mundo previa, terminada a Copa, as eleições tomaram as ruas. O mundo gira, a Luzitana roda e foi-se o agosto, não sem deixar boas doses de desgosto...

Daqui a um mês 140 milhões de brasileiros escolherão seu novo Presidente e respectivos governadores, como , também, os representantes no Congresso Nacional e Assembleias Legislativas. Baita renovação, acentuada pelo fato de que poucos, como indicam as pesquisas, desfrutarão do benefício da reeleição. A democracia é acima de tudo, um grande espetáculo, uma catarse, principalmente quando envolve uma população do tamanho da brasileira, cuja metade dos eleitores já tem educação básica ou média. Devem – ou deveriam – saber o que estão fazendo. Saberão mesmo...?

Tabela II				
Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil / IBGE				
Escolaridade		Censo		PNAD
Sem escolaridade	10%	10.866.552	9%	11.766.782
Ensino Fundamental I	30%	32.599.656	18%	23.533.564
Ensino Fundamental II	28%	30.426.345	24%	31.378.086
Ensino Médio	24%	26.079.725	35%	45.759.708
Superior	8%	8.693.242	14%	18.303.883
TOTAL	100%	108.665.519	100%	130.742.024

Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009

Enigma...

Os eleitores formam a sua opinião sobre os candidatos com base em fatores extremamente complexos. Há fatores antropológicos, como identidade; há interesses econômicos, como emprego e salários; há elementos ideológicos, como afinidade com a plataforma do Partido ou candidato; há até interesses difusos, como conhecimento pessoal, vizinhança - “Como ela é bonita!” ; e há fatores, sobretudo, afetivos, entre os quais opera o magnetismo inexpugnável do carisma, como registram, o cientista político Paulo Baía e o teólogo Leonardo Boff :

|

Votar é fazer do devaneio realidade política.

O voto está além do pragmatismo político; é o momento em que se produz a transformação dos sentidos represados na alma do indivíduo em gozo.

É acontecimento de um sonho, tendo a teoria das trocas políticas, a teoria dos jogos e a teoria das escolhas racionais como eixos do ato de votar.

(Paulo Baía. Sociólogo e Cientista Político, UFRJ in Voto é *afeto*)

http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/140902071743Voto_afeto_carisma.pdf

II

Carisma, carma, Crishna, Cristo, crisma e caritas possuem a mesma raiz sânscrita kri ou kir. Ela significa a energia cósmica que tudo acrisola e vitaliza, tudo penetra e rejuvenesce, força que faz atrair e fascinar os espíritos. A pessoa não possui um carisma. É possuída por ele. A pessoa, sem mérito pessoal nenhum, vê-se tomada por uma força que irradia sobre outras, fazendo que fiquem estupefactas; se estão falando, se calam, se estão se entretendo com alguma coisa, param para prestar atenção à pessoa carismática.

(Leonardo Boff in “Carisma e carismáticos”)

http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/140902071743Voto_afeto_carisma.pdf

Daí que fermentem, também, aversões a certos Partidos e candidatos. É a famosa rejeição, que hoje castiga Dilma, principalmente em São Paulo. Nestes casos, sem compreender muito bem, o aspirante a cargo eletivo, muitas vezes vastamente conhecido e por muito admirado, é por outros sumariamente descartado. E perde eleição. Esta uma das razões porque os ditos marqueteiros políticos, responsáveis pela fabricação da imagem de um candidato, como um produto na vitrine, tornaram-se mais importantes do que os conselheiros políticos e até mesmo cabos eleitorais. São eles, ganhando fortunas, que estão sempre ao lado dos candidatos, principalmente a cargos majoritários – Presidente, Governadores, Senadores transformando homens públicos em produtos. A exposição na televisão acentuou ainda mais a preocupação com a imagem dos candidatos nos últimos tempos, pois a quase totalidade dos lares brasileiros têm aparelhos de TV e mesmo repudiando em altas doses os Programas Eleitorais, vêm os candidatos nos noticiários. As vezes, os marqueteiros exageram e o resultado fica horroroso: Foi o caso de Aécio, no primeiro debate na TV Bandeirantes. O que era “aquilo”...? Ou falham na escolha do modelo, como tem sido o caso de Luciana Genro, excessivamente “pilchada”, acentuada por uma linguagem elitizada, para representar

uma proposta mais à esquerda entre os concorrentes e que acaba antipatizando-a diante das aparições mais modestas como a do candidato do PV e da própria Marina Silva. A regra, aqui, é simples: Um candidato popular, à cata de votos nas camadas mais sofridas da população, deve apresentar-se, se expressar e fazer-se representar, de forma discreta. Jânio Quadros, neste sentido, foi um mestre: Jogava até pó sobre os ombros para parecer caspa e comia sanduíches de mortadela nos palanques. Com uma ressalva que, paradoxalmente, encantava: Falava um português de professor da língua. “*Fi-lo porque qui-lo*” entrou para a História. Fica, pois, a lembrança: Uma imagem vale por mil palavras...Política, enfim, nunca é regra. E se é o Reino da Opinião o é também das possibilidades...

Há, pois, na escolha dos eleitores, um vasto mercado de opiniões pessoais, articuladas ao que se denominou chamar de opinião pública, um solo onde prolifera o senso comum, tão alheio ao bom senso, como ao senso crítico como advertia Gramsci. Há tempos os sociólogos se deram conta da importância da Opinião Pública, este estuário que acaba irrigando as consciências individuais, invadindo-as com o apoio do *mass media* e que não escondem suas preferências:

Cobertura agregada

No gráfico abaixo temos o número agregado (total), até o dia de hoje, das manchetes e chamadas de capa favoráveis e contrárias, para cada candidato.

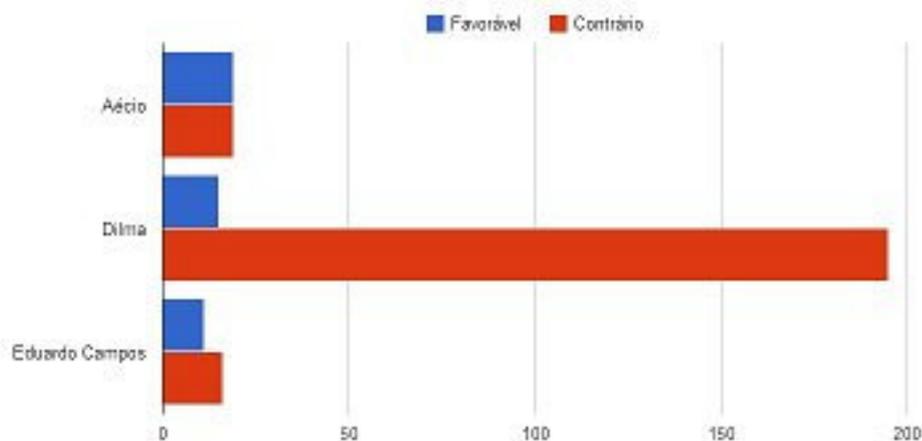


Gráfico revela que a maioria das notícias relacionadas à presidenta Dilma têm abordagens negativas

O pai da microssociologia e da micropolítica é Gabriel Tarde (1843-1904), sociólogo francês. Sua obra capital foi “Les Lois

del'Imitation". Em "Leis da Imitação", Tarde analisa o processo de formação de opinião a partir das relações diretas entre os indivíduos. Os meios de comunicação, e agora a internet, distribuem informações, que são filtradas pelos indivíduos. Para adotá-las como opinião própria, o indivíduo as testa com alguém que conhece e em cuja opinião confia. Na medida em que haja coincidência, ele afirma a informação como sua opinião e a repassa.

Esse processo ocorre em centenas e milhares de pontos, que vão formando fluxos de opinião. Alguns são linhas tênues, que desfalecem. Outros fluxos se ampliam e vão avançando com diversas intensidades viróticas.

*Para Tarde, há três tipos de indivíduos: os "loucos", que iniciam fluxos de opinião. Os "tímidos", que são repassadores de fluxos. Os "descrentes" são os que quase não repassam os fluxos recebidos e praticamente só ouvem passivamente. **Olhando para os meios de comunicação de hoje, que são os mais importantes distribuidores de informação, estes obedecem à lógica da audiência, pois esta define suas rentabilidade e competitividade.***

Cesar Maia NL 27 agosto 2012

Com o clima de eleições, entram em cena, também, as Pesquisas Eleitorais. Elas retiram do processo político os velhos analistas políticos, substituídos por Cientistas Políticos altamente qualificados na aplicação e avaliação de Pesquisas de Opinião. Fico aqui imaginando o que seria do grande colunista Castelo Branco, que pontificou durante 20 anos no Jornal do Brasil, diante deste novo quadro? Mais distantes das campanhas, os responsáveis pelas Pesquisas, fazem par com os marqueteiros, mas têm uma importância estratégica. De seus resultados, que realimentam ou até redefinem preferências eleitorais – ninguém quer perder o voto... - valem-se os candidatos para rever planos de mídia e campanha. Agora mesmo, diante das Pesquisas divulgadas sucessivamente pelo IBOPE, DATAFOLHA e CNT CENSUS que apontam Marina Silva em segundo lugar no primeiro turno, pouco abaixo da Dilma e vencedora do pleito, no segundo, foi um corre-corre nas hostes do PT e do PSDB. Nesta semana sairão mais

resultados de Pesquisa. E ficam todos os candidatos e seus conselheiros na expectativa destes novos oráculos para redefinir os rumos de campanha. Aécio Neves, antes mesmo disto, já exala cansaço e manda recado de que talvez desista da candidatura. Não decolou, nem no seu Estado, Minas Gerais, mercê do forte candidato do PT ao Governo, associado à imagem mineira de Dilma. As grandes consultoras, antecipando-se às Pesquisas, com clientela selecionada no empresariado, já vaticinam em relatório reservado, novo fôlego para Marina, em ritmo menor do que nas últimas três semanas, mas o suficiente para fazê-la Presidente, o que a torna, doravante, alvo preferido de todos os candidatos, de todos os tamanhos e orientações ideológicas, mas, claro, principalmente, de Dilma:

Arko Advice, uma das maiorias consultorias do País, diz que candidata do PSB tem 60% de chance de vencer. Para a Tendências, probabilidade de vitória de Marina é de 50%, contra 40% de Dilma e 10% de Aécio.

(...)

Sobre a elasticidade de Marina nas intenções de voto, Noronha (Arko Advice) argumenta que isso ficou evidente no forte crescimento da candidata do PSB – 13 pontos porcentuais em apenas duas semanas entre as recentes pesquisas do Datafolha. “Essa elasticidade não é percebida em relação à intenção de voto de Dilma e isso é importante por apontar até onde uma candidata pode eventualmente conseguir chegar na passagem do primeiro para o segundo turno”.

Já o cientista político da Tendências, Rafael Cortez, argumenta que Marina capta com maior facilidade o eleitorado decepcionado com o desempenho do governo Dilma. “Assim, ela quebra a polarização PT-PSDB ao tomar o protagonismo oposicionista dos tucanos”, explicou Cortez, em relatório a clientes. “A corrida eleitoral pode reservar novas surpresas, mas na ausência de choque negativo, a figura de Marina deve confirmar a troca do partido presidencial.”

(Fabio Alves ESTADAO 01set14 in Marina será eleita presidente, dizem grandes consultorias)

Estas teses da **Arko Advice** e da **Tendências** serão testadas na próxima pesquisa Ibope de intenção de voto para presidente da República, de abrangência nacional, que será divulgada às 18 horas da quarta-feira, dia 3. Mas já delineiam algumas questões sobre as quais tenho insistido nos últimos tempos :

- 1 Esgotou-se um ciclo de vida política política no país, inaugurado no final da ditadura e que colocou em cena três líderes, com seus respectivos projetos: Brizola, com a reconstrução do trabalhismo em torno do PDT, detentor à época de suposto capital eleitoral; Fernando Henrique, com sua proposta social-democrata que viria a se revelar conservadora, com grande prestígio na inteligência nacional; e Lula, com seu Partido dos Trabalhadores, sem projeto nacional mas fortemente “economicista”, o que lhe viria a ajudar na conjuntura inflacionário de 1980-1994 , com vasto patrimônio cevado no novo sindicalismo apoiado pela Igreja.**
- 2 Os riscos para o PT na atual conjuntura não adviriam do PSDB ou de um candidato claramente identificado com a direita, mas da reedição, em 2014, do fenômeno de FHC em 1994, ou seja, um candidato com jeito de esquerda, com trânsito na esquerda, com apelos à esquerda, mas capaz de redefinir o cenário do conservadorismo desgastado. Veja-se, a propósito, o artigo de Eliane Brum - *Os Silva são diferentes, Lula e Marina, os dois fenômenos políticos mais fascinantes da história recente, são filhos de Brasília que se desconhecem*
BRASIL.ELPAIS.COM|POR EDICIONES EL PAÍS**
- 3 O PT trocou a dura hegemonia conquistada sobre sociedade brasileira em 2002, com inequívoca superioridade sobre outras alternativas de esquerda, pela governabilidade, à base de promíscua base aliada no Congresso Nacional, prescindindo da inteligência mais crítica do país, de importantes segmentos da própria esquerda e , principalmente da classe média. Jamais imaginou que uma esquálida seringueira do Acre pudesse lhe por em risco.**

É o que está acontecendo. Voltamos ao embate esquerda x direita, mas com o desgaste da esquerda no poder há 12 anos e uma direita com candidato, no mínimo, popular. Com isso Aécio, que nem deveria ter entrado na disputa -como Marco Maciel, do então

PFL, conservador, o evitou em 1994, ficando como Vice de FHC -, desaba. E sobra Marina como última esperança para derrotar o PT.

Não faltam argumentos para evidenciar o conservadorismo de Marina, sobretudo nas questões de costumes. A própria Dilma, certamente, baterá nisto, tentando desconstruí-la pelo lado da condenação ao seu populismo – *Jânio ou Collor de saias!* -; pelo seu despreparo político administrativo – *Ela não sabe nada e briga com todo mundo!* ; pela sua religiosidade fundamentalista – *Ela consulta a Bíblia para tomar decisões!* ; pelos seus vínculos com a aristocracia financeira internacional – “*A astúcia ambientalista de um velho colonialismo!*”. Lamentavelmente, tudo a meu ver, dispersivo. Só faltará dizer, no cúmulo das acusações, que Marina é representante da classe média. Aí sim, estará tudo perdido, pois é justamente no centro desenvolvido do país, onde é maior o número de eleitores e onde a classe média é mais vigorosa, que se decidirá a eleição. E é aqui que está o calcanhar de Aquiles da Era Petista, que descuidou sistematicamente de se articular política e “afetivamente” com a “maldita” Classe Média, a qual tem sido, não obstante, a que pagou a conta da avançada Política Social.

A verdade, enfim, é que estamos diante não só de um cenário nacional em transição política , nem apenas diante das conseqüências de uma grande crise econômica do capitalismo, deflagrada em 2008, mas num momento de grandes transformações civilizacionais, do qual não sabemos como sairemos, com simultâneos saltos: no processo tecnológico, na interconectividade da comunicação social em escala planetária on line e na tecitura das concepções do mundo.

Um grande filósofo – Luc Ferry – destaca que hoje os jovens estão mais dispostos a morrer pelas baleias ou pelos afetados pelo ebola na África, do que pela pátria ou pela “classe”. (Aqui no Brasil a Revista ISTO É acaba de publicar uma ampla reportagem sobre quem são e o que pensam os jovens brasileiros. Será que os candidatos à Presidência a leu? Aí vai verificar que eles odeiam política, poucos tiraram Título de Eleitor e 55% anularão o voto... - [http://www.istoe.com.br/reportagens/380009 O+QUE+OS+JOVENS+PENSAM+SOBRE+A+POLITICA](http://www.istoe.com.br/reportagens/380009_O+QUE+OS+JOVENS+PENSAM+SOBRE+A+POLITICA)).

As resistências à modernização e ao capitalismo são fundamentalmente de ordem religiosa e não filosóficas. Um dos filmes da recente Festa do Cinema Italiano, “O Intrépido”, de

G.Amelio, aliás a primeira no Brasil - em Porto Alegre -, graças ao empenho do ítalo-brasileiro Tommaso Mottironi, retrata, num clima de neo-realismo pós-moderno, o confronto de Antonio, um homem de 48 anos, simples, numa Milão devastada pela solidão, confrontando-se candidamente, isoladamente, virtuosamente, com este mundo de fragmentação e desordem organizada.

A economia não é mais nem real nem de objetos, mas de artefatos, o principal deles o financeiro, no qual a liquidez é o novo fetiche, como bem o evidencia Wilson Roberto Vieira Ferreira em “ O Fetichismo da Liquidez”- http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional_filosofia2.php?id=2724%22 .

O trabalho fragmentou-se na precariedade dos mini-jobs, elevando a insegurança social e o desemprego que entre jovens de 18 a 25 anos chega a 40% em alguns países da Europa e até no Brasil. A família tradicional desnuclearizou-se e só as igrejas pentecostais oferecem um alento aos desamparados na impessoalidade das relações urbanas contemporâneas, daí retirando sua importância política e religiosa. Só no Brasil eles somam 40 milhões...

As grandes narrativas da epopeia humana cederam lugar aos estudos de caso. Distopias substituíram o sonho utópico. A religiosidade volta à cena. O iluminismo fenece a olhos vistos, apesar do apego dos filósofos em Kant.

Tudo mudou. Ou está em ritmo frenético de mudança. A velocidade vazia é o fermento da contemporaneidade. Mas os Governos não percebem isto. A esquerda, menos ainda. Continuamos todos acreditando que estamos no século XX e que a razão soberana prevalecerá...Mas, enfim, *resta-nos sempre Paris*, como dizia Nick à porta do avião que levaria definitivamente sua amada de Casablanca, ou como preferiria Mário Quintana:

“Se as coisas são inatingíveis ... ora ! Não é motivo para não querê-las. Que tristes os caminhos, se não fora a presença mágica das estrelas”...

É PRECISO VOTAR

Paulo Timm – Especial para A FOLHA, Torres – set 05

E no entanto é preciso cantar. Mais que nunca é preciso cantar...

Antes, porém, é preciso enterrar os mortos, sem medo dos tortos.

É preciso ter todos os sentimentos do mundo e seguir o Poeta Maior:

É preciso salvar o país,

é preciso crer em Deus,

é preciso pagar as dívidas,

é preciso comprar um rádio,

É preciso amar, casar e ter a casa arrumada

É preciso separar o joio de trigo:

distinguir o justo do injusto sabendo-os igualmente justificáveis

Para tanto é preciso vendar os olhos: enxergar com os olhos da alma

É preciso prevenir o câncer e extirpar o mal pela raiz

Sem jamais confundir ódio de classe com a consciência de si:

Pertencer a si mesmo.

É preciso lembrar e relembrar: o perdão, que do amor é feito

É preciso ler aquele livro e reler aquele outro com o nariz

É preciso saber que um clássico é como a casa da gente:

O lugar pra onde sempre se retorna. Pungente

È preciso saber que a pátria é a língua da gente.

E que a palavra afiada corta: No texto. No contexto.

É preciso saber que tudo é datado: o tempo não é. Dá-se!

É preciso escutar o canto das cigarras e o silêncio da noite

É preciso olhar o céu e contemplar as estrelas,

Tão belas as estrelas e sem noivos. Ei-las.

Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas

É preciso compreender, mais do que chorar ou rir sem sentido

Afinal, todos se atribuem grande importância e ouvido

Então é preciso ser como os loucos, como as crianças e como os poetas:

Repetir sem cessar: É preciso! É preciso...! Relevância.

Mas é preciso estar atento e forte

Principalmente diante da morte

Pedir a Deus, apenas, que ela venha suave e doce como o chá da tarde,

Nada de amargas surpresas. Todo cuidado é preciso.

É preciso tanta coisa, meu Deus!

Por onde começar?

E ainda assim é preciso começar, recomeçar, e ser capaz de beber mil frascos.

As belas noites são feitas para as palavras puras.

A lua branca deve impedir o sono.

Ébrios nos deitaremos na montanha deserta.

Céu e terra nos servirão de colcha e travesseiro.

É preciso envelhecermos juntos e não perder as ilusões

Ao mesmo tempo que os meus, teus cabelos se tornarão

Branco como a neve das montanhas, como a lua de verão...

É preciso aceitar as perdas: Os fracassos são tão importantes quanto as vitórias

Não há mal que sempre dure. Tudo em vão: as glórias, a vida. O amor acaba.

É preciso decifrar o enigma da vida. Em tempo ... Tarefa difícil.

É preciso saber que os corpos – todos eles – são conservadores:

O humano, o social, o celeste.

E que só a alma imoral os liberta

Navegar é preciso. Contudo é preciso sondar o tempo e o vento.

É preciso saber nadar, saber andar, saber perder-se no olhar ao longe

sem confundir a poesia com a filosofia...

Antes de tudo isso, porém, é preciso, nesta hora, votar...